



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
COLEGIADO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA CARVALHAR

TRADUÇÃO CONTEXTUALIZADA DOS FRAGMENTOS DO DIÁLOGO
***ALCIBÍADES* DE ÉSQUINES DE ESFETO, O SOCRÁTICO**

Salvador

2023

CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA CARVALHAR

**TRADUÇÃO CONTEXTUALIZADA DOS FRAGMENTOS DO DIÁLOGO
*ALCIBÍADES DE ÉSQUINES DE ESFETO, O SOCRÁTICO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Língua Estrangeira, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Júlio de Figueiredo Lopes Rego.

Salvador

2023

CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA CARVALHAR

**TRADUÇÃO CONTEXTUALIZADA DOS FRAGMENTOS DO DIÁLOGO
*ALCIBÍADES DE ÉSQUINES DE ESFETO, O SOCRÁTICO***

Prof. Dr. Júlio de Figueiredo Lopes Rego
Orientador

Prof. Dr. Leonardo Medeiros Vieira
Examinador

Prof. Dr. Renato Ambrósio
Examinador

Salvador, 11 de julho de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Júlio pela orientação, comentários críticos e revisão, bem como ao Prof. Dr. Leonardo e ao Prof. Dr. Renato, por participarem da banca de TCC e terem contribuído no presente trabalho.

Agradeço ainda a todos aqueles que escaneiam e compartilham os livros em PDFs, bem como disponibilizam os manuscritos em códices e papiros, pois só assim alguém como eu, longe dos grandes centros europeus, teria acesso a essa informação.

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Carvalho, Carlos Augusto de Oliveira.

Tradução contextualizada dos fragmentos do diálogo *Alcibiades* de Ésquines de Esfeto, o socrático / Carlos Augusto de Oliveira Carvalho. - 2023.
108 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Júlio de Figueiredo Lopes Rego.

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2023.

1. Filosofia antiga. 2. Tradução e interpretação. 3. Diálogos gregos - Traduções para o português.
4. Ésquines, de Esfeto - Traduções para o português - História e crítica. I. Rego, Júlio de Figueiredo Lopes. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 418.02
CDU - 81'255

Resumo:

Trata-se da tradução contextualizada de fragmentos do diálogo *Alcibiades* escrito por Ésquines de Esfeto, um socrático menor também conhecido pela alcunha Ésquines, o Socrático. Desse autor há basicamente fragmentos indiretos presentes nos escritos de outros autores tardios, pois somente algumas fontes foram encontradas em papiro. O trabalho aqui apresentado não só traduz esses fragmentos, mas também indica observações sobre o contexto da fonte textual na qual eles aparecem, comentando sobre as intenções do autor que cita Ésquines, bem como sobre o grau de certeza quanto à atribuição de autoria e a natureza desses fragmentos. A tradução foi feita diretamente do texto em grego e latim, reproduzindo o texto original estabelecido e expondo comentários linguísticos a respeito desse processo de tradução. Há ainda uma introdução que destaca aspectos biográficos sobre o autor e uma análise do diálogo socrático como gênero textual, bem como notas que ressaltam os conteúdos históricos e filosóficos presente nos fragmentos.

Palavras-chave: Ésquines, Diálogo Socrático, Alcibiades, Sócrates, Filosofia.

Abstract:

This is a contextualized translation of fragments of the dialogue *Alcibiades* written by Aeschines of Sphettus, a minor Socratic also known by the alias Aeschines the Socratic. From this author, there are indirect fragments present in the writings of other late authors, because only a few sources have been found on papyrus. The work presented here not only translates these fragments but also indicates observations about the context of the textual source in which they appear, commenting on the intentions of the author who quotes Aeschines, as well as on the degree of certainty about the attribution of authorship and the nature of these fragments. The translation has been made directly from the Greek and Latin text, reproducing the original established text and setting out linguistic comments regarding this translation process. There is also an introduction highlighting biographical aspects about the author and an analysis of the Socratic dialogue as a textual genre, as well as notes emphasizing the historical and philosophical contents present in the fragments.

Keywords: Aeschines, Socratic Dialogue, Alcibiades, Socrates, Philosophy.

Abreviações

Bailly → *Dictionnaire Grec-Français* de Anatole Bailly

FgrHist → *Die Fragmente der griechischen Historiker* de Felix Jacoby

P. Oxy. → Papiro de Oxirrinco

Pape → *Handwörterbuch der griechischen Sprach* de Wilhelm Pape

DGP → *Dicionário Grego-Português* de Daisi Malhadas et al. (versão online da UNESP)

Lewis-Short → *Latin Dictionary* de Charlton Lewis e Charles Short

LSJ → *A Greek-English Lexicon* de Liddell, Scott e Jones

Smyth → *A Greek Grammar for Colleges* de Herbert Smyth

SSR → *Socratis et Socraticorum reliquiae* de Gabriele Giannantoni

TLG → *Thesaurus Linguae Graecae* da Universidade da Califórnia

Vida e Doutrinas → *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio

Sumário

1 - Introdução.....	1
2 - Os fragmentos do diálogo Alcibiades.....	10
2.1 - Fragmento #01: A doença selvagem.....	12
2.2 - Fragmento #02: O fracasso e o exílio.....	15
2.3 - Fragmento #03: Os bancos do Liceu.....	19
2.4 - Fragmento #04: Um escólio.....	22
2.5 - Fragmento #05: As grandes esperanças.....	26
2.6 - Fragmento #06: Viver bem com 50 anos.....	28
2.7 - Fragmento #07: Entre porcos e leitões.....	30
2.8 - Fragmento #08: Temístocles como mau modelo.....	34
2.9 - Fragmento #09: O elogio a Temístocles.....	38
2.10 - Fragmento #10: Um amigo deve censurar.....	47
2.11 - Fragmento #11: O desígnio divino e a técnica.....	50
2.12 - Fragmento #12: Um amor igual ao da bacante.....	54
2.13 - Fragmento #13: O amor de Sócrates.....	57
2.14 - Fragmento #14: Vícios da alma.....	61
2.15 - Fragmento #15: A tristeza do tolo.....	64
2.16 - Fragmento #16: Culto ou néscio?.....	66
2.17 - Fragmento #17: Desistir da defesa.....	69
2.18 - Fragmento #18: Temístocles deserddado pelo pai.....	71
2.19 - Fragmento #19: Ataque à biografia de Temístocles.....	74
2.20 - Fragmento #20: Curado pela filantropia.....	76
3 - Considerações finais.....	81
4 - Apêndice I: Autores originais.....	83
5 - Apêndice II: Imagens.....	84
6 - Referências Bibliográficas.....	93

1 - INTRODUÇÃO

Ésquines é um autor de importância reduzida. Não é por acaso que precisamos nomeá-lo, sempre, com o gentílico ‘Ésquines de Esfeto’ ou o quase patronímico ‘Ésquines Socrático’, pois se não fizermos assim, induziremos o nosso leitor, ou ouvinte, a pensar no seu principal homônimo¹, o orador Ésquines, este um autor de discursos bem conhecidos, como o *Contra Timarco* ou o *Sobre a embaixada*. É por isso que nosso autor é considerado um socrático menor², pois, de fato, ele é menor em conteúdo filosófico, em reputação e em número de texto. Afinal, não temos nada completo dele, apenas fragmentos oriundos de poucos papiros e alguns testemunhos³. Na verdade, tal fato é um indício claro de que suas obras não se mantiveram sendo copiadas ao longo dos séculos devido a sua popularidade reduzida. Sua reputação também já era contestável ainda na Antiguidade, pois é depreciado por Lísias, um orador conceituado e que também participou do meio socrático (junto a seu irmão Polemarco e seu pai Céfalos, sendo os três personagens da *República* de Platão). Lísias o chama de caloteiro⁴, bem como tinha fama de plagiador⁵ segundo Pisístrato de Éfeso, Menedemo de Erétria, Perseu de Cítio e Aristipo de Cirene. Em relação a sua filosofia própria, é difícil termos uma opinião derradeira devido a incompletude de seus textos, mas pelo que nos sobrou, é muito provável que seu conteúdo filosófico gravite em torno de um Sócrates menos requintado do que aquele presente em Platão ou mesmo Xenofonte.

Portanto, toda a influência do ateniense Ésquines (Esfeto era um demo ático) é devida à figura cativante de Sócrates, tendo nosso autor demonstrado seu afeto⁶ ao estar presente nos dois

1 Ésquines era um nome comum naquele tempo, havendo ainda um outro homônimo que fez parte dos Trinta Tiranos (aparecendo nas *Helênicas* de Xenofonte), ver NAILS, 2002, p. 6.

2 Esse conjunto de autores que foram discípulos de Sócrates, mas não se tornaram tão populares (como Fédon, Ésquines, Antístenes e Aristarco), usualmente, é chamado de “socráticos menores”, denominação que é reprovada por alguns estudiosos, uma vez que leva a uma ideia depreciativa deles, sendo sugerido o termo “socráticos da primeira geração”, ver BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. vii; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 9.

3 Não farei distinção entre fragmento propriamente dito (proveniente de uma origem material, como um papiro) e testemunho indireto (citação ou paráfrase em outro autor), pois me referirei a todos fragmentos e testemunhos meramente como “fragmentos”, porém farei uma rápida contextualização na seção correspondente a cada um deles.

4 Lísias escreveu *Contra Ésquines, o Socrático, por dívidas* (título segundo Ateneu), acusando Ésquines de não pagar os empréstimos solicitados. Temos apenas um fragmento desse processo, ver SSR, VI.A.16, traduzido em espanhol por Mársico (2014, p. 365-367). Uma tradução em inglês e com um comentário sobre o contexto em que esse fragmento se insere na obra *Banquete dos Eruditos* de Ateneu (a citação aparece ao notar que os filósofos não seguem o que pregam) encontra-se em TODD, 2000, p. 342-346. Nesse processo, Ésquines foi o queixoso que moveu uma ação contra uma pessoa desconhecida a quem ele devia dinheiro, enquanto Lísias era o defensor do processado, tendo classificado Ésquines como um sofista, ver NAILS, 2002, p. 5-6. Em *Vidas e Doutrinas* II.7.63, esse discurso de Lísias é nomeado como *Sobre a desonestidade* ou, mais literalmente, *Sobre o ofício de sicofanta*.

5 Diógenes Laércio, em *Vidas e Doutrinas* II.7.60-61, comenta a acusação de que Ésquines teria recebido de Xântipe, a esposa de Sócrates, alguns diálogos escritos pelo próprio mestre, e assumido a autoria deles como sua, como também de que ele teria utilizado partes dos diálogos de outro socrático, o Antístenes, dizendo ainda que a maioria de seus escritos seriam na verdade de Pasifonte de Erétria. Aristipo duvidava da autoria dos diálogos de Ésquines, havendo até o relato de que ele o teria chamado de ladrão (*Vidas e Doutrinas* II.7.62). Um comentário sobre as nuances da autenticidade e essas denúncias encontramos em HUMBERT, 1967, p. 221-223; MÁRSICO, 2014, p. 103-104. Outro ponto é levantado por Mársico (2018, p. 215-218), ao considerar que essas acusações de plágio e má conduta de Ésquines poderiam ter sido causadas pelo reflexo de Alcibíades em sua obra e reputação.

6 Sócrates teria dito que Ésquines teria sido o único que sabia honrá-lo, ver *Vidas e Doutrinas* II.7.60.

momentos decisivos da vida de seu mestre, pois esteve no julgamento de Sócrates⁷ e na sua prisão, durante os instantes finais do filósofo condenado à morte⁸ (isso se tornamos a presença literária de Ésquines, como um personagem platônico, como indício de factualidade histórica). No entanto, para nós, hoje em dia, um autor como Ésquines é interessante principalmente por três motivos: o gênero textual, a abordagem das guerras e os temas filosóficos.

Do ponto de vista literário, ele é um contraponto à escrita feita pelos dois maiores socráticos, Platão e Xenofonte, pois também escreveu no gênero textual conhecido como diálogo socrático (σωκρατικὸς λόγος). Já pela perspectiva histórica, ele abordou as guerras, ao comentar as ações dos generais, tanto com Temístocles e Milcíades em relação às Guerras Médicas quanto com Alcibíades e Péricles à Guerra do Peloponeso. Enquanto que, na ótica filosófica, Ésquines apresentou, entre outros temas, o eros em relação ao seu papel exortativo ao melhoramento ético de si mesmo, possibilitando ainda uma crítica à necessidade de conhecimento humano. Em suma, mesmo sendo um autor menor, Ésquines esteve presente no meio dos acontecimentos mais importantes da Atenas Clássica e nos é útil, ainda hoje, para compreender melhor aquele mundo antigo que forjou a maior figura enigmática da filosofia grega: Sócrates⁹.

Com relação a sua biografia, Ésquines, provavelmente, tinha idade próxima aos jovens socráticos, como Platão e Aristipo, tendo vivido na passagem do séc. V para o IV AEC e participado do círculo mais próximo de Sócrates. Ao contrário de muitos filósofos daquele tempo, ele não era um aristocrata, sendo, supostamente, filho de um salsicheiro¹⁰ (uma profissão nada nobre), além de que fontes tardias nos contam que ele era pobre¹¹ a ponto de ter dito a Sócrates: “sou pobre e não tenho nada para te dar além de mim mesmo”¹², tendo tido que pedir dinheiro emprestado¹³ e comer na casa dos outros¹⁴, bem como cortejar o tirano Dionísio de Siracusa por necessidades financeiras¹⁵. Também teve má fama, como dito anteriormente, pois sua reputação era de ser mau pagador e plagiador, o que não o ajudaria em nada para superar seu problema econômico.

7 Ésquines, de acordo com Platão, esteve com seu pai, Lisânias, bem como outros do círculo socrático, presente no julgamento de Sócrates, o qual o aponta e o nomeia em Platão, *Apologia*, 33c.

8 Platão, *Fédon*, 59b, diálogo no qual Ésquines é nomeado pelo personagem Fédon, o narrador dos momentos finais de Sócrates.

9 Aparentemente, o Sócrates de Ésquines tem semelhanças com o dos primeiros diálogos de Platão (GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90).

10 Não há certeza sobre o pai de Ésquines, podendo ser Carinos, o salsicheiro, ver *Vidas e Doutrinas* II.7.60 (SSR, VI.A.3). Mársico (2014, p. 100-101) discute a possibilidade de que Ésquines seja de fato filho de Lisânias (como o acredita Platão e outros), sendo que Carino seria uma burla etnocêntrica relacionada aos cários, pois os habitantes da Cária eram considerados vulgares; a autora parte de Humbert (1967, p. 215), o qual destaca que Carinos era um nome presente na comédia dórica.

11 Pentassuglio (2017b, p. 69, trad. minha) afirma, categoricamente, que “Ésquines é unanimemente descrito como pobre nos testemunhos”.

12 *Vidas e Doutrinas* II.5.34 (SSR, VI.A.6); texto original: “πένης εἰμι καὶ ἄλλο μὲν οὐδὲν ἔχω, δίδωμι δὲ σοι ἐμαυτὸν”.

13 Em relação ao processo jurídico mencionado no fragmento de Lísias.

14 Sócrates, que também tinha fama de pobre, teria oferecido comida para Ésquines, pois este nem para isto tinha dinheiro (*Vidas e Doutrinas* II.7.62).

15 *Vidas e Doutrinas* II.7.61-63; o mais provável é que teria sido o segundo Dionísio, o Jovem, mas não é um consenso, como comentado em MÁRSICO, 2014, p. 101; NAILS, 2002, p. 6; HUMBERT, 1967, p. 218-220.

Contudo, não se sabe muito de sua vida pessoal, como também pouco sabemos de seus trabalhos. Ele é considerado autor de alguns diálogos socráticos¹⁶, como *Alcibiades*, *Milcíades*, *Aspásia*, *Cálias*, *Rínon*, *Telauges* e *Axioco*. Infelizmente, eles nos chegaram, majoritariamente, em testemunhos indiretos, como citações ou paráfrases presentes em autores tardios, mas também há algumas pouquíssimas fontes diretas, como pequenas passagens de seus escritos salvas em papiros. Ésquines, porém, não teria escrito apenas diálogos socráticos, pois há relatos de que ele atuou como um logógrafo, ou seja, que escreveu discursos forenses por dinheiro, sendo eles considerados persuasivos¹⁷, porém nada disso nos restou.

A relação de Ésquines com a retórica¹⁸ é também apontada por Favorino, que dizia, em *Histórias Variadas*, que tanto ele quanto Sócrates foram os primeiros a ensinar tal arte¹⁹. Aparentemente ele era hábil nesse domínio e seguia um estilo influenciado pelo sofista Górgias de Leontinos²⁰. Essa correlação com a retórica ajuda a justificar a estima que ele teve durante a segunda sofística, como perceptível em Hermógenes de Tarso²¹, que considera o estilo dele mais refinado que o de Xenofonte, bem como em Élio Aristides²², pois em sua obra encontramos vários fragmentos de Ésquines. Porém, sobretudo, podemos verificar que a necessidade de remuneração, por não ser rico, fez com que Ésquines precisasse atuar em tribunais, além de ter executado empreendimentos comerciais (como o relacionado à venda de perfumes que o levou à fama de caloteiro, discutido no fragmento mencionado de Lísias), ou mesmo viver na corte do tirano siracusano, tendo com isso ganhado o desprezo de Platão²³ (o qual esteve na Sicília por três vezes).

Ao contrário de outros socráticos, com mais textos e mais renomados, a importância de Ésquines na discussão acadêmica é reduzida, sendo esse desinteresse causado não só pela escassez de fonte textual, mas sobretudo porque o que nos foi legado pelo acaso dos séculos não é,

16 Uma lista dos diálogos é oferecida em *Vidas e Doutrinas*, II.61, e outra na *Suda* (SSR, VI.A.25), esta última listagem inclui ainda alguns outros como *Fédon* e *Drácon*, bem como uns que são hoje incorporados aos textos de Platão, mas considerados como inautênticos, sendo mais tardios que a época de Ésquines, como o *Erixias* e o *Sobre a virtude* (ver MÁRSICO, 2014, p. 103). Também é possível detectar o título de um discurso forense atribuído a Ésquines: *Defesa de Féax*, ver BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 303.

17 *Vidas e Doutrinas* II.7.62. É Tímon de Flios que comenta a força da persuasão dos discursos forenses de Ésquines (em II.6.55). Essa passagem é textualmente problemática e pode significar quase o oposto disso, como discutido por MÁRSICO, 2014, p. 362-363, nota 21.

18 Diógenes ainda lista, entre os homônimos contemporâneos de Ésquines, além do orador famoso e inimigo de Demóstenes, um autor de manuais de retórica e um discípulo do retórico Isócrates, um fato que poderia indicar uma possível contaminação em relação a essa característica biográfica de Ésquines (ver em *Vidas e Doutrinas* II.7.64).

19 *Vidas e Doutrinas* II.5.20 (SSR, VI.A.7).

20 *Vidas e Doutrinas* II.7.63 (SSR, VI.A.13).

21 Hermógenes, *Sobre as formas*, II.12.2 (SSR, VI.A.20), ver comentário em MÁRSICO, 2014, p. 368-369, nota 32.

22 MÁRSICO, 2014, p. 105-106. Ver também SSR, VI.A.29 sobre a comparação que Élio faz entre Ésquines e Platão.

23 *Vidas e Doutrinas* III.36 (SSR, VI.A.3); Platão teria inveja da estima de Dionísio por Ésquines, porém, aparentemente no início do convívio em Siracusa, Ésquines teria sido desprezado pelo tirano e Platão o teria defendido, dizendo que ele era um homem de bom caráter (SSR, VI.A.11). No entanto, Ésquines não tinha muitos seguidores, apenas Xenócrates, e mesmo assim Platão o pegou, deixando-o ainda mais pobre (SSR, VI.A.21). Saber com exatidão tais fatos não nos é possível, mas podemos verificar alguma rivalidade entre os socráticos e rompimentos de amizade ao longo dos anos. O mesmo tipo de hostilidade entremeadada com amigabilidade (espécie de 'aminimizade', em alusão ao oxímoro inglês *frenemy*) é dada entre Platão e Aristipo (SSR, VI.A.22) e Aristipo e Ésquines (SSR, VI.A.24). Ver também BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 293-297.

usualmente, considerado filosófico o suficiente para ser enaltecido, como os fragmentos de Heráclito, por exemplo. Entretanto, os comentadores de Platão amam falar sobre o eros socrático e esse é um dos pontos filosóficos que Ésquines ajuda a esclarecer, pois não só no *Alcíbiades* como na *Aspásia*, ele trata as relações de Sócrates com seus seguidores, como a que teve com o contravertido general, mas também a influência erótica de mulheres, como Aspásia e Targélia de Mileto e Rodoguna da Pérsia, no mundo político, na educação e na retórica. Entretanto, de fato, não há, a partir dos fragmentos existentes, frases obscuras de uma natureza metafísica que geraria interesse teológico nos mais religiosos, os grandes responsáveis pela curadoria histórica sobre o que sobreviveu ao tempo ou sucumbiu sem registro posterior. Talvez, em parte, essa mundanidade dos textos escritos por Ésquines (quicá justificada pela pobreza material de sua existência)²⁴ explique a falta de interesse em quem disserta sobre os socráticos mais conhecidos. Afinal, nem que fosse pelo espelhamento formal das características do diálogo socrático ou pelo aspecto conceitual dos temas abordados, o estudo sobre Ésquines já se mostraria, em relação à discussão no meio acadêmico dos socráticos mais populares, um bom contraponto – o qual, com esse trabalho, pretendo influenciar.

Afinal, do ponto de vista conceitual, Ésquines aborda temas caros à filosofia de matriz socrática, pois discute, como já mencionado, o eros socrático, o qual está inter-relacionado com a educação (παιδεία)²⁵ e o desenvolvimento ético de virtudes; bem como ao cuidado (ἐπιμέλεια) de si mesmo e com os outros, uma vez que esse amor (ἔρως) é algo que deve ajudar (ὠφελεῖν) o amado a melhorar a si mesmo (βελτίον γίνεσθαι, βελτίω ποιῆσθαι); reforçando nele o desejo (ἐπιθυμία) de tornar-se um homem bom (καλὸς κἀγαθός) e feliz (εὐδαίμων); ainda que essa refutação (ἔλεγχος) confronte seu orgulho (ὑβρις) a ponto de o fazer cair em prantos, como fica claro pela relação erótica entre Sócrates e Alcibíades. Há também a discussão de cunho epistemológico na relação entre conhecimento (ἐπιστήμη, μάθημα ou τέχνη) e virtude (ἀρετή), presente nos fragmentos sobre Temístocles, bem como a conexão disso com o acaso (τύχη), principalmente o de origem divina (θεῖα μοῖρα), e a inerente piedade de cunho religioso (εὐσέβεια)²⁶. Portanto, com um breve resumo

24 Dos escritos de Ésquines, tudo indica que haveria uma reprovação da riqueza em *Cálias*, pois esse personagem que dá nome ao diálogo era um dos mais ricos atenienses e filho de uma família da aristocracia tradicional. No entanto, temos apenas dois fragmentos, sendo que em apenas um deles, o *SSR*, VI.A.74 (que corresponde à sexta *Carta Socrática*, um texto espúrio, mas que se acreditava ter sido uma carta de Sócrates a Querofonte), aborda o tema, havendo o relato de que Ésquines teria escrito sobre um embate entre Arístides e Cálias, no qual o primeiro estava orgulhoso de sua pobreza e teria argumentado tão bem disso que influenciou aos ouvintes; veja traduzido em espanhol em MÁRSICO, 2014, p. 415. Mársico (2019, p. 185) ainda comenta que haveria um interesse social na análise da pobreza por parte de Ésquines, lembrando que ela traduziu os fragmentos do *Telauges*, diálogo no qual o tema da pobreza também é abordado. Estobeu relata que para ele não haveria pobreza quando a pessoa é boa, ver BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 47. Outro ponto, porém discutível, é considerar que o “Ésquines, filho de Selo” nomeado no verso 1243 das *Véspas* de Aristófanes (como o também o foi Aminias, v. 1267, e Proxenides, v. 325), seja o nosso Ésquines, pois ser filho de Selo seria uma expressão para denotar um charlatão que ostenta uma postura de rico; ver CEPKO et al., 2021, p. 211-215; PENTASSUGLIO, 2017b, p. 61-62, mas lembrando que seria incerto vincular os dois Ésquines, pois era um nome próprio comum; ver DORANDI, 2019, p. 226 e 231-232; HUMBERT, 1967, p. 215; PENTASSUGLIO, 2017b, p. 64-65.

25 PENTASSUGLIO, 2017a, p. 64.

26 Ésquines compreendia a piedade como algo inerente ao ser virtuoso e bom, ver BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 65.

dos tópicos abordados, já se torna possível verificar a compatibilidade temática com outros socráticos mais influentes, como Platão ou Xenofonte, ou mesmo Antístenes.

Além disso, em relação ao gênero textual, os fragmentos de Ésquines e os testemunhos sobre suas obras, nos permitem concluir, indubitavelmente, que o *Alcibiades* é um diálogo socrático. Isso nos leva à necessidade de discutir algo para além de Ésquines, para compreendermos melhor o aspecto geral de seus fragmentos, uma vez que eles são parte de um trabalho mimético e este tema é bem discutido por dois outros autores renomados do séc. IV. Os diálogos socráticos enquanto forma de escrita são considerados, já na *Poética* de Aristóteles, como um gênero literário de arte mimética em prosa, isto é, configuram uma representação dramática, pois não expõem argumentos em tratados, mas retratam uma conversação entre personagens, caracterizando o caráter deles e os imergindo em um cenário que compõe o palco onde o encontro acontece²⁷. Historicamente, acredita-se que as raízes do diálogo socrático estejam no séc. V AEC e que o primeiro a escrever um diálogo em prosa tenha sido Alexameno de Téos, sendo que esse gênero descenderia dos mimos (um tipo de drama curto encenado por atores e músicos), que eram feitos em prosa ritmada inicialmente por Sófron de Siracusa²⁸. Os maiores expoentes do diálogo socrático são Platão e Xenofonte, dos quais temos diálogos completos, porém muitos outros autores escreveram nesse formato, mas deles nos chegaram apenas fragmentos²⁹, como este *Alcibiades* que Ésquines escreveu.

Não temos nenhuma evidência de Ésquines refletindo sobre a forma do diálogo ou a composição dramática, mas essa questão da escrita como diálogo incide em algo discutido na filosofia de Platão e Aristóteles, com relação à *mimésis* (μίμησις) e a *poética* (ποιητική). Na *República*, Platão afirma que toda narrativa (διήγησις), ou seja, tudo aquilo que é contado em um mito ou discurso, poderia ser de três tipos: ou ela seria simples (ἀπλή), ou imitativa (μιμητική) ou então uma combinação desses dois tipos³⁰. A narrativa simples é aquela na qual o escritor não se oculta na fala de seus personagens e apenas narra os fatos, como nos dítirambos (ou como costuma acontecer na prosa de oradores e historiadores). Já a imitativa é comum nas tragédias e comédias, nas quais não há a figura de um narrador e apenas é feita uma sequência de diálogos entre os personagens, enquanto a mista é exemplificada pela poesia épica, pois apresenta as características

27 FORD, 2010, p. 221.

28 De acordo com um fragmento de *Sobre os Poetas* de Aristóteles (Rose 72). No entanto, isso não é um ponto pacífico, pois Aristóteles pode estar munido de um certo antiplatonismo, uma vez que, em *Vidas e Doutrinas* III.18 e 48, Diógenes afirmar ter sido Platão o primeiro a escrever diálogos socráticos, e, em um fragmento em papiro (*P. Oxy.* 45 3219 – *FGrHist* 1134), um autor anônimo refuta Aristóteles, sendo possível compreender, então, que Alexameno teria escrito apenas diálogos, enquanto Platão teria inovado ao empregar o elemento dramático já presente em Sófron, porém a influência do mimo só pode ser comprovada a partir do período helenístico e as duas fontes contrárias a Aristóteles são tardias, deixando em aberto a questão, como discutido em EL MURR, 2022; FORD, 2010; TRNKA-AMRHEIN; MILLER, 2019.

29 FORD, 2010, p. 221.

30 Platão, *República* III 392c-395b.

dos dois tipos simultaneamente. Platão considera que a narrativa simples seja a melhor³¹, pois a imitativa poderia influenciar no comportamento das pessoas a ponto de permitir mudar a natureza delas³². Ironicamente, no entanto, ele argumenta essas coisas utilizando a escrita de um diálogo, isto é, apresentando uma narrativa imitativa, na qual o narrador da *República*, isto é, o ‘eu’ que está escondido no uso verbal de primeira conjugação, como em “κατέβην” (“[eu] desci”)³³, demarca a personagem Sócrates (e não o autor Platão), a qual entremeia verbos de fala em várias ocasiões ao longo do diálogo para situar qual personagem está falando aquela frase, seja Adimanto ou Gláucon, utilizando, por exemplo, “ἔφη” (“ele disse”) para a terceira pessoa e retornando a si com “ἔφην” (“eu disse”), ou ainda demarcando esse “eu” explicitamente com “ἦν δ’ ἐγώ” (“disse eu”, sendo que esse “eu” é, na verdade, Sócrates, o personagem, e não Platão, o autor).

O outro ponto que quero destacar se encontra na *Poética* de Aristóteles³⁴, quando ele argumenta sobre poesia e história e, em certo sentido, compara a poesia com a filosofia. A diferença é que a escrita do historiador precisa narrar o acontecido, isto é, retrata o domínio do particular, ao contar apenas o que se sucedeu, enquanto que as outras duas formas de escrita, a do poeta e a do filósofo, representam o que poderia acontecer, pois se referem ao universal, à natureza do personagem e ao que lhe convém, sendo, contudo, limitada pela verosimilhança e a necessidade dos fatos (“κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον”). Assim, quanto ao conteúdo, Ésquines está no *Alcibiades* tratando não de um relato historiográfico, como seria o caso de Tucídides, que se limita ao que aconteceu em sua particularidade, mas de uma narrativa filosófica, que imita a natureza de Sócrates e Alcibiades e nisso se assemelha à poesia, pois extrapola o domínio histórico e simula, por semelhança, algo que poderia ser ou ter acontecido.

Com relação aos aspectos formais da escrita de Ésquines, essas características discutidas acima são bem perceptíveis no fragmento #9, no qual existem estruturas orais demarcando a alternância de fala entre os dois personagens, Sócrates e Alcibiades, pois além do uso do vocativo, o autor escreveu “ἔφη” (“ele disse”). Dessa forma, Ésquines utiliza a narrativa imitativa, tal qual Platão, demarcando, assim, um estratagema comum aos diálogos socráticos, pois esse ‘eu’ presente ali é Sócrates, um personagem que esconde a verdadeira natureza do autor do texto. No entanto, uma vez que se trata de um fragmento relativamente pequeno (mesmo sendo o maior de Ésquines) e de que não há nenhuma obra dele completa em transmissão direta (nem códex, nem papiro), devemos ponderar que ao menos haveria a chance dele poder ter empregado uma narrativa mista,

31 Platão, *República* III 394d-e.

32 Platão, *República* III 395d.

33 É a primeira palavra que aparece no livro I da *República*, em 327a: “Desci ontem ao Pireu [κατέβην χθὲς εἰς Πειραιᾶ]”. Esse “eu” escondido em “desci” é Sócrates em uma imitação feita por Platão. Note que é a frase que Demétrio de Falero usa para contrastar com Ésquines no fragmento #03.

34 Aristóteles, *Poética*, 1451a36-1451b11.

com a qual o autor em primeira pessoa (isto é, o próprio Ésquines) narraria os fatos sem imitar os personagens, mas os intercalando com alguns trechos imitativos deles (lembrando que ele flertou também com os discursos forenses da retórica). No entanto, o mais provável é que nosso autor tenha seguido a narrativa imitativa comum aos diálogos socráticos, apenas não podemos ter certeza disso, devido ao caráter fragmentário dos textos que nos chegaram até hoje.

Contudo, independentemente da ausência de textos completos, um ponto que quero destacar é o problema de falta de traduções e a conseqüente democratização dos textos de Ésquines, um fato que intervém diretamente na popularização e discussão sobre este autor. Uma vez que esse conteúdo fragmentário é disponível em fontes originais diversas (oriunda de vários autores, alguns dos quais com livros difíceis de encontrar), mas havendo ainda alguns fragmentos só em edições críticas de papirologia, somado ao fato da dupla exigência linguística (alguns textos estão em latim, enquanto a maioria em grego antigo), o acesso aos escritos desse socrático, obviamente, se tornaria algo restrito aos já iniciados nas Letras Clássicas senão fosse as edições que coletam e agrupam esses pequenos pedaços de texto espalhados em distintas fontes e condições. Os fragmentos de Ésquines só começaram a ser recolhidos em edições no séc. XVIII, tendo havido ao todo três, de J. Clericus (1711), P. Horreus (1718) e J. Fischer (1786), sendo que no séc. XIX houve a edição de K. Hermann (1850), enquanto no séc. XX, H. Krauss (1911), H. Dittmar (1912) e G. Giannantoni (1990) publicaram suas edições³⁵, sendo esta última ainda a mais popular hoje em dia, contando com a tradução em espanhol de Claudia Mársico (2014) e em eslovaco de Jaroslav Cepko, Andrej Kalaš e Vladislav Suvák (2021), a qual é rica em comentários. Até agora, no séc. XXI, somente F. Pentassuglio (2017) realizou uma nova coletânea de fragmentos, incorporando novas fontes ao *corpus*, tendo ainda traduzido em italiano e feito diversos comentários³⁶. O trabalho de Giannantoni foi baseado no de Dittmar, porém Pentassuglio conseguiu recolher alguns novos fragmentos, tornando, portanto, estas três edições filológicas as mais importantes atualmente. Apesar de Cepko et al. seguir a ordenação de Giannantoni, os fragmentos extras coletados por Pentassuglio estão indexados como adendo ao final. Além disso, anteriormente tinha havido a publicação de alguns fragmentos escolhidos, portanto, sem esse caráter de coletânea, em traduções inglesas realizadas por Kahn (1998), Boys-Stones e Rowe (2013) e Saunders (1988), por exemplo. Em português, até onde pude encontrar, este meu trabalho aqui apresentado é o primeiro e, mesmo não sendo uma edição, pois não é um trabalho tão extenso, traduzi todos fragmentos disponíveis do *Alcibiades*.

35 Essa historização é baseada em GIANNANTONI, 1990a, p. 585, discutida também em PENTASSUGLIO, 2017a, p. 547-574.

36 O trabalho de Pentassuglio foi revisto, em tom mais elogioso, por Mársico (2019) e com mais críticas filológicas pontuais por Dorandi (2019).

Sendo assim, espero que com o presente trabalho novas discussões possam se originar sobre Ésquines, isto é, removê-lo da “situação fantasmática da sua figura nos estudos contemporâneos”³⁷. Afinal, ele é alguém que conviveu de perto com Sócrates e Platão e que ajudou a narrar o complexo mundo da Grécia Clássica à altura da Guerra do Peloponeso, uma época que viu surgir um tipo determinado de filosofia grega, de tradição socrática (pois, no séc. XXI, não há mais como negar que já havia filosofia em textos muito mais antigos do mundo mesopotâmico e egípcio), a qual se mostra fecunda até os dias atuais e ainda é capaz de parir³⁸ diversos trabalhos.

Ressalto ainda que é sempre um dilema para o tradutor responsável tentar plasmar o significado de uma frase em um idioma tão distinto como o grego antigo (ou o latim) em uma língua contemporânea como a nossa. A expressão italiana *traduttore, traditore* demarca bem esse conflito, pois em alguns momentos foi preciso escolher uma versão, sendo que no idioma original haveria mais possibilidades de leitura. Procurei ressaltar essas dualidades e dificuldades sempre que detectei, pois parto do princípio de que o leitor não é um especialista feito Giannantoni, mas alguém que sentiu a curiosidade sobre Ésquines e quer compreender o que ele escreveu. Além disso, optar por uma tradução muito literal deixaria o texto truncado, quiçá enigmático, enquanto uma muito explicativa tornaria a leitura enfadonha e uma versão mais criativa abandonaria o rigor filosófico e arriscaria se tornar uma obra parnasiana.

A solução escolhida, então, foi fazer uma contextualização, criar notas de rodapé e comentários linguísticos, visando ajudar o leitor a decifrar a complexidade do texto de Ésquines. Logo, este trabalho aqui apresentado possui níveis de leitura, de acordo com o interesse e a formação de quem o lê. Tentei não deixar o meu resultado tão colado ao grego a ponto de nos soar ilegível, mas também não me permiti adaptar o texto original tão livremente quanto a liberdade literária permitiria. Optei pelo meio-termo, oferecendo neste trabalho uma tradução que mantém-se fincada no idioma antigo, mas que pode ser lida sem atropelos no português, lembrando ainda que o autor é um filósofo de tradição socrática e compartilha uma terminologia com outros autores. Em consonância a essa mentalidade, acrescentei comentários de tradução, abrangendo questões etimológicas, sobre o significado das palavras e apresentando análises morfossintáticas sempre que julguei necessário. Assim, caso o leitor sinta alguma estranheza na tradução, ele poderá conferir o caminho que segui por meio dessas anotações, muitas das quais abrangendo outras possibilidades, além de poder cotejar a tradução com o texto original, em grego ou latim.

Sobre a ordenação dos fragmentos, recusei qualquer ordem lógica e basicamente me ative à ordem em que traduzi ou a qual os fragmentos estão ligados por terem vindo da mesma fonte. Ou seja, o ordenamento que apresento é, em parte, aleatório. Há um ou outro fragmento que indica,

37 MÁRSICO, 2014, p. 102, tradução minha.

38 Alusão à maiêutica e à figura de Sócrates como uma parteira de ideias filosóficas, ver Platão, *Teeteto* 149a-151.

com altas chances de ser verdade, a posição do fragmento no todo do diálogo, mas não há muitas certezas, apenas deduções lógicas. Além disso, decidi nomear os fragmentos para facilitar a consulta, já diretamente pelo índice, mas também para que sirvam como μνήματα e ajudem o leitor a reencontrar um fragmento numa consulta posterior, uma vez que parto do princípio que a ordenação numérica não é uma hipótese que possa ser comprovada.

É por esta razão que resolvi destacar que esse desejo de criar uma ordenação, sobre uma fonte textual tão fragmentada, é um exercício de querer, meramente dedutivo, e principalmente, uma forma de induzir um caminho de leitura que só poderá ser comprovado ao se achar a integralidade do diálogo em algum papiro ainda escondido na areia. Como compreendo que essas conjecturas sobre o ordenamento são, em geral, fruto de deduções que não podem ser comprovadas, recusei os quereres dos filólogos, pois acredito que eles podem acabar passando uma imagem de verdade e, nisso, induzir o leitor a uma interpretação já tingida pelo raciocínio de outrem. Contudo, apesar de que preferi apontar o quão conjecturais e incertos esses palpites são, indico sempre a correspondência com o ordenamento de todos os editores e tradutores que aqui utilizei, tornando possível que o leitor perfaça seu próprio caminho.

2 - OS FRAGMENTOS DO DIÁLOGO ALCIBÍADES

Há vários diálogos socráticos intitulados *Alcibiades*, sendo dois deles atribuídos a Platão (mas com a autoria contestada), além de termos relatos que outros socráticos, como Antístenes, Fédon e Euclides escreveram diálogos com esse mesmo título³⁹, porém os fragmentos do primeiro são mais escassos ainda e os dos outros dois inexistentes. De Ésquines temos menções ao seu diálogo, em distintas listas de suas obras, atestando que ele também escreveu um *Alcibiades*, além de termos papiros com o texto atribuído a ele e fontes textuais, como Élio Aristides, que indicam não só o autor, mas também a obra antes de fazer uma citação (um testemunho e não um fragmento, tecnicamente). Hoje em dia também se convencionou que os fragmentos do *Alcibiades* de Ésquines não são parte dos dois diálogos atribuídos a Platão, bem como ele não é o autor do *Alcibiades I*, nem do *Alcibiades II*, pois ambos são diálogos espúrios atribuídos a Platão que contêm indicações de escrita tardia, possivelmente por alguém da Academia e após a morte dos dois autores. Além disso, como vimos anteriormente, Ésquines tem fama de plagiador, mas seu *Alcibiades* é incluso em listas antigas que atestariam sua autenticidade, ao menos parcialmente, uma vez que pode restar duvidosa sua autoria, devido à forte acusação presente na Antiguidade.

Com relação à datação do diálogo, ao analisar o *terminus ante quem* e o *post quem*, Pentassuglio⁴⁰ oferece bons argumentos para definir a composição do *Alcibiades* de Ésquines em torno de 394-390 AEC, pois há um relativo consenso que define que ele teria sido o primeiro a abordar o ἔρωξ socrático, colocando sua redação anterior ao *Banquete* de Platão, mas ainda assim posterior à acusação de Sócrates feita por Polícrates, pois existem elementos apologéticos nos fragmentos que estariam tentando defender Sócrates de sua condenação à morte, por conta do envolvimento na educação de Alcibiades e Crítias.

Dado o aspecto fragmentário, é difícil estabelecer uma análise estrutural do conteúdo do *Alcibiades* de Ésquines, pois até mesmo a ordenação dos fragmentos é, no fundo, arbitrária e fruto de conjecturas filológicas. Contudo, podemos perceber que existem alguns paralelos com os dois diálogos mais completos que nos foram legados (os atribuídos a Platão), uma vez que Ésquines discute questões ligadas ao conhecimento e à guerra, bem como sobre a relação entre Alcibiades e Sócrates. No entanto, os paralelos são superficiais, pois Alcibiades vivenciou de perto o círculo socrático e, tendo sido um general, não é difícil imaginar que qualquer coisa que se escreva sobre ele, mencionaria algo relacionado às questões bélicas ou ao convívio com Sócrates, por exemplo, fazendo referências às batalhas ou ao conhecimento militar, pelo contexto de época (da Guerra do

39 GIANNANTONI, 1990a, p. 586.

40 Aqui fiz apenas uma síntese dos principais argumentos relativos à datação, pois Pentassuglio (2017a, p. 117-118) ainda compara com o *Íon*, o *Menéxeno* e o *Górgias* de Platão e a *Aspásia* de Ésquines. Dittmar (1976, p. 158-159) também já havia proposto a mesma data.

Peloponeso) narrado no diálogo. Assim, cabe tentar compreender o *Alcibiades* de Ésquines em sua própria fragmentariedade, pois o que nos restou é apenas um conteúdo parcial, muitas vezes oriundo de testemunho indireto, e isso não pode ser esquecido ao tecer argumentações sobre o autor.

O maior fragmento do *Alcibiades*, #9, foi encontrado no livro *Contra Platão: Em defesa dos quatro* de Élio Aristides, cujo tema tinha como objetivo ir contra às visões críticas de Platão no *Górgias* em relação aos quatro generais: Péricles, Címon, Milcíades e Temístocles. Ésquines apresentava ali um diálogo entre Sócrates e Alcibiades que serviu a Élio para defender sua visão contra o julgamento negativo de Platão em relação a Temístocles. Contudo, se por um lado um fragmento desse tipo nos permite tirar informações para além do próprio fragmento, por outro, um fragmento como o presente na obra Prisciano, além de muito curto, é completamente descontextualizado, já que o intento do gramático era apenas ilustrar suas teses sobre o estudo (incipiente) da sintaxe grega. Além disso, há fragmentos que nos chegaram através de papiros de Oxirrinco, um deles coincidindo textualmente com o texto citado de Élio já reforçado por um escólio, o que facilita identificar a autoria e aumenta a credibilidade sobre o conteúdo citado, enquanto que em outros casos os fragmentos são indiretos e não há nada no autor antigo indicando que se trataria do diálogo *Alcibiades* ou mesmo de que seria uma fala encontrada na obra de Ésquines, sendo apenas uma paráfrase que a conjectura filológica recolheu como fragmento atribuído. Logo, tanto a ordenação quanto a atribuição de fragmentos é algo que não pode ser tomado como definitivo e aceito sem reflexão, pois na Filologia isso é um campo em disputa, uma vez que muitos desses fragmentos são de autoria questionável e muitos outros, apesar de bem-aceitos, não são, em seu contexto original, evidentemente atribuídos ao *Alcibiades* de Ésquines. Em suma, ler um livro de um autor menor, e do qual só se tem fragmentos, é também disputar seus próprios sentidos e colocar em xeque o trabalho dos filólogos.

É justamente por isso que reforço a importância da discussão que ofereço nas observações sobre cada fragmento, pois é ali que o contexto é desvelado e os problemas são postos em evidência. Cada um dos fragmentos aqui listados apresenta, então, divisões internas onde destaco a fonte textual, listo as edições encontradas com o texto original, bem como outras traduções disponíveis e tento evidenciar o tipo e a justificativa para a inclusão do fragmento, bem como faço observações do contexto do fragmento. Só aí então apresento o texto original estabelecido e o traduzo, seguindo por fim com uma série de comentários linguísticos em relação às opções de tradução.

2.1 - FRAGMENTO #01: A DOENÇA SELVAGEM

Origem:

Autor: Máximo de Tiro

Obra: *Dissertações Filosóficas*

Passagem: VII, 7

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 96
- DITTMAR, 1976, p. 266 (#1)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 605 (SSR, VI.A.42)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 252 (#65)
- TRAPP, 1994, p. 60 (VII.7)

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 96
- CRUCES; DAROCA, 2005a, p. 215
- MÁRSICO, 2014, p. 382 (#1211)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 252 (#65)

Justificativa para inclusão:

É uma suposta citação do *Alcibiades* de Ésquines, mas não encontrei nenhuma atribuição direta e clara, nem ao autor, nem ao diálogo. Por estar distante mais ou menos seis séculos de Ésquines, Máximo de Tiro poderia muito bem ter tido outras fontes. Além disso, por ser uma paráfrase, a informação ali contida pode mesclar outras origens ou ser da própria autoria de Máximo. No entanto, Dittmar (1976, p. 115-117) discute os possíveis paralelos textuais entre Máximo e Ésquines, afirmando que o primeiro conhecia o *Alcibiades*; sendo este argumento discutido por Pentassuglio (2017a, p. 395-396).

Observações:

A passagem se encontra em *Dissertações Filosóficas* VII, cujo título do capítulo é *Quais doenças são as mais penosas, as do corpo ou as da alma?*. Máximo, então, está argumentando sobre as enfermidades do corpo e da alma e por isso usa o exemplo de Alcibiades, já que seu comportamento acabou constituindo um *tópos* da literatura socrática⁴¹, sendo compreendido aqui como uma doença. A questão abordada se relaciona com o contexto histórico da persuasão de Alcibiades na assembleia democrática, pois, durante a Guerra do Peloponeso, ele defendeu a ideia de que os atenienses deveriam fazer uma expedição para a Sicília (em torno de 415-413 AEC). O feito acabou sendo uma desastrosa incursão militar, tendo terminado com a derrota em Siracusa,

⁴¹ MÁRSICO, 2014, p. 382, nota 54.

somada à acusação dele estar, supostamente, envolvido previamente na quebra das hermas⁴², o que foi considerado um ato de impiedade e justificaria a visão negativa na qual ele estaria possuído por um tipo de febre, isto é, uma doença da alma, pois teria sido movido pela ganância, imprudência e impiedade.

Note a referência à medicina hipocrática⁴³, pois o radical πῦρ se vincula ao vocabulário médico, pois temos o verbo πυρέττω (“estar com febre”) que ainda continha o sentido etimológico de “estar queimando”, “estar em chamas”, no sentido de ter muito calor. Além disso, ainda existem muitas outras palavras relacionadas com esse mesmo radical, como πυρετός ou ἀναπυρέττω, sempre com esse sentido relacionado a um estado febril. Ou seja, o vocabulário de Máximo de Tiro tanto aponta para uma descrição médica da febre física, quanto para um juízo sobre o estado emocional desse general, já que se alude, no contexto geral, às doenças da alma.

Além disso, ἄγριος νόσος (literalmente: “doença selvagem”) pode ser considerado uma expressão do grego antigo, pois ela é encontrada na poesia grega, como na tragédia *Orestes* de Eurípides, para caracterizar a loucura do personagem principal: “A partir daí, ele padecia tendo sido consumido por uma cruel enfermidade”⁴⁴; como também em duas outras peças de Sófocles, *Filoctetes* e *Traquírias*, sendo que na primeira o coro canta com pena do personagem ilhado: “sofrendo de uma doença violenta”⁴⁵, enquanto na segunda Herácles reclama a Atenas sobre sua “intratável e feroz doença”⁴⁶. Contudo, observe que essa expressão descreve afecções diferentes em cada caso, isto é, a perda de si em *Orestes*, a picada de uma cobra e o apodrecimento da ferida em *Filoctetes*, e o envenenamento nas *Traquírias*, sendo que o que esses três casos têm em comum é a gravidade, a intensidade e a ferocidade da afecção, ou seja, a expressão é usada tanto para descrever as doenças, ou os males, da alma quanto do corpo, porém sempre descritas como algo muito intenso. Dessa forma, podemos verificar que a menção de Ésquines a Alcibíades estar afligido por uma doença tem paralelo tanto na medicina, quanto na poesia, pois ele está aludindo a uma doença da alma, configurando, assim, a mais uma camada desse *tópos* de Alcibíades como um doente febril e desmedido.

42 Veja a observação sobre a impiedade de Alcibíades no fragmento seguinte.

43 Como presente na descrição dos tipos de febre (utilizando a palavra πυρετός) presente no tratado hipocrático *Da Natureza do Homem*, 15, disponível em HIPÓCRATES, 2005, p. 49.

44 Eurípides, *Orestes*, v. 34: “ἐντεῦθεν ἀγρία συντακεῖς νόσοι νοσεῖ”.

45 Sófocles, *Filoctetes*, v. 173: “νοσεῖ μὲν νόσον ἀγρίαν”.

46 Sófocles, *Traquírias*, v. 1030: “ἀποτίβατος ἀγρία νόσος”.

Texto original estabelecido:

- 1 νοσεῖ Ἀλκιβιάδης· πῦρ αὐτὸν ἐπινέμεται πολὺ καὶ ἄγριον καὶ τοὺς λογισμοὺς ἐπιταράττει ἐγγύτατα
 2 μανίας, καὶ περιφέρει πανταχοῦ, ἀπὸ μὲν Λυκείου ἐπὶ τὴν ἐκκλησίαν, ἀπὸ δὲ τῆς ἐκκλησίας ἐπὶ τὴν
 3 θάλατταν, ἀπὸ δὲ τῆς θαλάττης ἐπὶ Σικελίαν, [...]⁴⁷

Tradução:

Alcibíades estava doente⁴⁸: um forte ardor selvagem se apossou dele, inquietando ainda mais o seu raciocínio, a ponto de o deixar perto da loucura e o levar a perambular por todos os lugares, do Liceu⁴⁹ para a Assembleia, de lá para o mar, e daí para a Sicília, [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: πῦρ πολὺ καὶ ἄγριον → há tanto o sentido figurado de “forte ardor selvagem”, quanto o mais corpóreo “febre alta e violenta”, pois o adjetivo ἄγριος também se refere ao que é rústico e pouco civilizado.

47 Reproduzo o texto estabelecido encontrado em Trapp, mas destaco que Giannantoni seguiu Dittmar e ambos apenas indicaram a semelhança textual com a passagem VI.6 do mesmo livro de Máximo, porém considerei, junto a Mársico e Pentassuglio, como um fragmento separado (#2). Não há diferença entre os textos estabelecidos dos editores encontrados, pois a única dessemelhança é que Dittmar abrevia o fragmento e Giannantoni inclui uma vírgula antes de “καὶ τοὺς λογισμοὺς”.

48 A noção de Alcibíades como um doente também é encontrada no fragmento #14b.

49 O Liceu de Atenas originalmente era um templo de Apolo Lício, no entanto, sendo utilizado para diversas atividades (como local de prática de ginástica ou de reuniões democráticas), mas também conhecido por ter sido palco de discussões filosóficas.

2.2 - FRAGMENTO #02: O FRACASSO E O EXÍLIO

Origem:

Autor: Máximo de Tiro

Obra: *Dissertações Filosóficas*

Passagem: VI, 6

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 96
- GIANNANTONI, 1990b, p. 605 (SSR, VI.A.42)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 252-253 (#66)
- TRAPP, 1994, p. 52 (VI.6)

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 96-97
- CRUCES; DAROCA, 2005a, p. 197-198
- MÁRSICO, 2014, p. 382 (#1212)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 253 (#66)

Justificativa para inclusão:

A paráfrase não identifica, explicitamente, nem o autor, nem a obra. Porém, tanto este fragmento quanto o frag. #09 (em Élio Aristides) apresentam um paralelo textual: a comparação com “οἴκοι μενόντων”⁵⁰, pois ambos comentam a enorme influência política que um indivíduo, mesmo exilado, ainda tinha na cidade, sendo que no presente fragmento trata-se de Alcibiades enquanto que no outro é Temístocles. Isso pode reforçar a atribuição do fragmento a Ésquines, mas também pode ser um indicativo de um *tópos* de comparação entre os feitos conquistados por alguém superior e a inércia da maioria, pois uma ideia similar aparece ao menos em Demóstenes⁵¹, o qual compara o poder de Filipe II da Macedônia com aqueles que ficaram em casa e nada realizaram. Outro paralelo aparece em relação ao Liceu, pois esse local também é apontado no fragmento #01 e #03 (lembrando que os diálogos socráticos tinham um cenário por onde a ação transcorria). Há uma conjectura atual entre os filólogos de que esse fragmento seria o começo do *Alcibiades*, porém esse tipo de definição já teve reviravoltas no passado, demonstrando como isso é um posicionamento muito subjetivo⁵². Cabe ressaltar ainda que tanto Dittmar quanto Giannantoni não separaram esta passagem como um fragmento isolado, mas Mársico e Pentassuglio sim.

50 CRUCES; DAROCA, 2005a, p. 197, nota 32; DITTMAR, 1976, p. 270; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 65; TRAPP, 1994, p. 52.

51 Demóstenes, *Oração sobre as questões da Quersoneso*, 35-36.

52 O resumo da querela encontra-se em PENTASSUGLIO, 2017a, p. 64-66, bem como em Ibid, p. 396; DITTMAR, 1976, p. 115-117; GIANNANTONI, 1990a, p. 587, nota 9; MÁRSICO, 2014, p. 383, nota 55.

Observações:

O título desse capítulo das *Dissertações Filosóficas* é *Sobre o conhecimento*, onde Máximo pretende discutir sobre como o conhecimento é algo que distingue o animal do homem. Isso é um claro indicativo de que se trata de uma questão epistemológica, um fato que repercute na sua seleção deste fragmento de Ésquines. O ponto central é que o conhecimento (ἐπιστήμη) precisa vir acompanhando da virtude (ἀρετή), pois o fato de Alcibíades ter se afastado da filosofia – e com isso se aproximado da ignorância (ἀμαθία) – é algo muito mais determinante para seu trágico destino do que o seu exílio, uma vez que, politicamente, ele ainda conseguiu se manter poderoso, mesmo estando longe de Atenas. Além disso, o fragmento contrapõe as leis escritas (γεγραμμένοι νόμοι) com as leis não-escritas (ἄγραφοι νόμοι), as quais eram ancestrais (πάτριοι νόμοι) e relacionadas aos costumes (lembrando que νόμος significa tanto lei quanto costume)⁵³, mas, usualmente, relativas também ao domínio religioso, ou seja, tal oposição surgiu no texto para destacar a falta de piedade (ἀσέβεια) de Alcibíades, bem como seu desrespeito à tradição.

A fama de ímpio do general surgiu devido a acusação que ele sofreu por ter, supostamente, destruído as hermas⁵⁴ na véspera da expedição à Sicília, um acontecimento que foi um choque para a sociedade, por se tratar de uma grande impiedade, uma vez que essas estatuetas eram atribuídas ao deus Hermes. É por isso que o fragmento alude aos arautos (οἱ κήρυκες), pois além de serem mensageiros públicos, usualmente, eles eram vinculados a papéis sacerdotais em reverência aos deuses, principalmente Hermes. Além disso, Máximo de Tiro⁵⁵ ainda comenta um episódio no qual Alcibíades profanou os ritos dos Mistérios, aparecendo bêbado, mesmo tendo tido uma função honrada, ao ter sido δαδοῦχος (um sacerdote que carregava a tocha durante a procissão religiosa). Por conta desses atos, Alcibíades foi amaldiçoado pelo hierofanta Teodoro, um membro do γένος dos Eumólpidas⁵⁶, sendo muito provável que este último fosse também um ἐξηγητής (um intérprete dos costumes sagrados) e que esse termo esteja em elipse. Esse tipo de sacerdote era responsável pela purificação de crimes de impiedade religiosa, sendo essa classe sacerdotal composta por três tipos e um deles sendo restrito aos membros da família aristocrática dos Eumólpidas, a qual era relacionada diretamente aos Mistérios de Elêusis. Essa questão da maldição alude ainda, implicitamente, à prática mágica dos κατάδεσμοι (*defixiones* em latim, ou mesmo “amarrações” em português brasileiro), pois era algo corrente naquele mundo a inscrição de imprecações em peças de couro ou metal, invocando alguns deuses por algum tipo de revide a uma má ação, ou seja, interpelando por uma justiça de origem divina (θέμις)⁵⁷.

53 Uma boa referência quanto esses diferentes tipos de lei em relação ao direito ateniense encontra-se em PEPE, 2017.

54 Trata-se de um ἔρμηξ (geralmente falado no plural: ἔρμια), isto é, um busto de Hermes utilizado para indicar direções em um caminho. Um relato sobre este acontecimento se encontra em Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, VI.27.

55 Máximo de Tiro, em *Dissertações Filosóficas* XXXIX 4, ver CRUCES; DAROCA, 2005b, p. 342.

56 LAMBERT; BLOK, 2009, p. 114, a partir de Plutarco, *Vida de Alcibíades*, 33.

57 Sobre a destruição das hermas: Tucídides, *A Guerra do Peloponeso*, em 6.27 e 6.60-61; Plutarco *Vida de Alcibíades* 19; sobre o contexto histórico do episódio, ver OSBORNE, 1985; sobre os exegetas ver JACOBY, 1949, p. 8-50; lembrando ainda que

Texto original estabelecido:

1 τοῦτον παραβάς τὸν νόμον Ἀλκιβιάδης ἐδυστύχει, οὐχ ὅποτε αὐτὸν Ἀθηναῖοι ἐκ Σικελίας ἐκάλουν,
 2 οὐδ' ὅποτε ἐπηράσαντο αὐτῷ κήρυκες καὶ Εὐμόλπιδαι, οὐδ' ὅποτε ἔφευγεν ἔξω τῆς Ἀττικῆς. μικρὰ
 3 ταῦτα, καὶ καταδίκη εὐκαταφρόνητος· κρείττων γὰρ ἦν καὶ φεύγων Ἀλκιβιάδης τῶν οἴκοι
 4 μενόντων· οὗτος παρὰ Λακεδαιμονίοις φεύγων εὐδοκίμει, οὗτος Δεκέλειαν ἐπετείχισεν, οὗτος
 5 Τισσαφέρην φίλος, καὶ Πελοποννησίων ἠγεῖτο. ἀλλ' ἡ ἀληθῆς Ἀλκιβιάδου δίκη πρεσβυτέρα
 6 μακρῶ, πρεσβυτέρου νόμου καὶ πρεσβυτέρων δικαστῶν· ἠνίκα ἐξῆλθεν Λυκείου καὶ ὑπὸ
 7 Σωκράτους κατεγινώσκετο καὶ ὑπὸ φιλοσοφίας ἐξεκηρύττετο, τότε φεύγει Ἀλκιβιάδης, τότε
 8 ἀλίσκεται. ὦ καταδίκης πικρᾶς, καὶ ἀμειλίκτου ἀρᾶς, καὶ ἐλεεινῆς πλάνης. τοιγαροῦν Ἀθηναῖοι μὲν
 9 αὐτὸν καὶ δεηθέντες κατεδέξαντο· φιλοσοφία δέ καὶ ἐπιστήμη καὶ ἀρετὴ τοῖς ἅπαξ φεύγουσιν
 10 ἄβατος μένει καὶ ἀδιάλλακτος. τοιοῦτον ἡ ἐπιστήμη, τοιοῦτον ἡ ἀμαθία.⁵⁸

Tradução:

Alcibíades fracassou no momento em que transgrediu essa lei⁵⁹, e não quando os atenienses lhe convocaram da Sicília, nem quando os arautos e os Eumólpidas o amaldiçoaram, tampouco quando passou a viver em exílio, longe da Ática. Essas coisas são de pouca importância e a condenação desprezível, pois Alcibíades, mesmo exilado, ainda detinha mais poder do que aqueles que permaneceram na cidade⁶⁰. Durante seu exílio, ele tinha boa reputação entre os lacedemônios, fortificou Decéleia⁶¹, era amigo de Tissafernes⁶² e comandava os peloponésios. Mas a verdadeira punição de Alcibíades é muito mais ancestral do que a lei mais antiga e os juizes mais anciãos: quando deixou o Liceu, e foi desprezado por Sócrates e banido pela filosofia, foi nesse momento

Andócides, em *Sobre os mistérios*, se defende dessa mesma acusação; sobre o papel de Hermes Ctônico (epíteto ligado ao submundo) como divindade invocada em *κατάδεσμοι*, ver VERSNEL, 2019; sobre a diferença entre θέμις e δίκη em relação a uma justiça divina e outra obtida em tribunais, bem como a correlação com δικαιοσύνη, veja BOTELHO, 2021. Confira também sobre o uso de Alcibíades como um símile extremo de ὕβρις e ἀσέβεια em ROSSETTI; ESPOSITO, 1984, p. 32.

58 Reproduzo o texto estabelecido encontrado em Trapp. Dittmar não considera esta passagem como um fragmento isolado de Ésquines, apontando apenas a semelhança quando coleta o fragmento anterior. Giannantoni segue Dittmar e não separara como um fragmento distinto, mas inclui o texto grego inteiro dessa passagem, a qual é tomada como um fragmento separado por Pentassuglio e Mársico. Não há diferença entre o texto estabelecido por Trapp (seguido por Pentassuglio) e Giannantoni, apenas pequenas variações de pontuação.

59 A lei referida nessa passagem é a não-escrita e de origem divina, a qual Máximo define um pouco antes deste trecho citado, em VI 5: trata-se da lei que não foi “registrada em tábuas de madeira, nem inscrita em uma estela, nem ratificada por decretos, nem votada pela assembleia [...] nem instituída por Sólon ou Licurgo, mas por deus [οὐκ ἐπ’ ἀξόνων γεγραμμένος, οὐδὲ ἐπὶ στήλης ἐγκεχαραγμένος, οὐδὲ ὑπὸ ψηφισμάτων κεκυρωμένος, οὐδ’ ὑπ’ ἐκκλησίας χειροτονημένος, ... οὐδ’ ὑπὸ Σόλωνος ἢ Λυκούργου τεθείς· ἀλλὰ θεός]”. Sólon e Licurgo são os dois maiores legisladores do mundo grego, respectivamente de Atenas e de Esparta; as leis solonianas foram escritas em tabuinhas de madeira, bem como se tornou comum, a partir dessa época, que as leis e decretos fossem inscritos em estelas de pedra e expostos em ambiente público. No entanto, as leis religiosas, ainda não-escritas, permaneceram presentes, mas restritas ao conhecimento de algumas pessoas apenas, como os exegetas.

60 Frase similar à construção presente no fragmento #9, presente em Élio Aristides: “assim, o poder dele, mesmo estando exilado, ainda era maior do que o de muitos atenienses [ὥστε καὶ φεύγοντος αὐτοῦ τὰ πράγματα μείζω ἦν ἢ πολλῶν Ἀθηναίων]”, mas que, no entanto, se referia a Temístocles; como indicado em CRUCES; DAROCA, 2005a, p. 197, nota 32.

61 Decéleia era uma localidade na Ática, a uns 20 quilômetros de Atenas. Esse episódio é comentado em Tucídides, *A Guerra do Peloponeso*, em 6.91 e 7.19; conforme indicado em CRUCES; DAROCA, 2005a, p. 196, nota 22.

62 Tissafernes foi um sátrapa persa que teve aliança com Esparta, tendo sido (em alguns momentos) bem relacionado com os filhos de Dário II, o rei persa; ele também é personagem no *Anábase* de Xenofonte.

que Alcibiades partiu para o exílio e, então, foi condenado. Ah, mas que sentença amarga, que maldição cruel, que erro miserável! Mas eis que os atenienses, tendo então precisado dele, o receberam de volta. Entretanto, para quem foi exilado uma vez, a filosofia, o conhecimento e a virtude permanecem inacessíveis e irreconciliáveis. Assim é o conhecimento, assim é a ignorância.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 3-4: τῶν οἴκοι μενόντων → literalmente, “daqueles que permaneceram em casa”, sendo que οἴκοι é um antigo locativo singular (*LSJ*) que se tornou advérbio. Podemos compreender o conjunto de casas como a cidade, como uma sinédoque, mesmo que, usualmente, ο οἶκος seja contraposto à πόλις.

Linha 5-6: πρεσβύτερα → o termo πρέσβυς tem significado básico de “antigo”, “velho”, mas por derivação também pode significar “venerável”, “valioso”. No entanto, como as leis não-escritas são as mais antigas, o contexto indica a questão temporal.

Linha 7: κατεγινώσκετο → imperfeito passivo de καταγιγνώσκω; pode significar “desprezar” e não apenas “condenar” ou “perceber”. Note que no fragmento #9 é Sócrates que pede a Alcibiades para que ele não o condene.

Linha 8: ὃ καταδίκης πικρᾶς, καὶ ἀμειλίκτου ἀρᾶς, καὶ ἐλεεινῆς πλάνης → aqui temos uma frase inteira em genitivo, pois é a regência da interjeição ὃ. Trata-se de um genitivo de causa, como indicado em *Smyth* #1407.

2.3 - FRAGMENTO #03: OS BANCOS DO LICEU

Origem:

Autor: Demétrio de Falero

Obra: *Sobre o Estilo*

Passagem: §205

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 99
- DITTMAR, 1976, p. 266 (#2)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 605 (SSR, VI.A.43)
- PAȘCALĂU, 2013, p. 233
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 253 (#67)
- RADERMACHER, 1967, p. 44
- ROBERTS, 1995, p. 426-429

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 99
- FREITAS, 2011, p. XLVI
- GARCÍA LÓPEZ, 1979, p. 92
- GRUBE, 1961, p. 107-108
- MÁRSICO, 2014, p. 383 (#1213)
- PAȘCALĂU, 2013, p. 233
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 253 (#67)
- ROBERTS, 1995, p. 426-429

Justificativa para inclusão:

Citação de uma frase isolada, destacando o nome do autor, mas sem indicação da obra, porém o contexto alude a outros fragmentos do *Alcibiades*.

Observações:

Como o título da obra deixa transparecer, a preocupação de Demétrio é com o caráter formalístico do texto, sendo apenas uma reflexão sobre o estilo de escrita e deixando o contexto do conteúdo da citação totalmente à margem. Essa passagem não é fácil de traduzir devido o emprego de termos técnicos, sendo que as traduções consultadas optaram por distintas soluções, pois os termos dicionarizados não acompanharam os desenvolvimentos linguísticos, nem a terminologia da retórica antiga é similar à linguística atual. Além disso, Demétrio está falando sobre a prosa, mas usando uma comparação com as unidades métricas da poesia⁶³, o que gera outro grau de dificuldade terminológica. Contudo, o que ele quis destacar é que se deve evitar a composição com sentenças longas (dito no parágrafo anterior, §204) e priorizar orações simples, combinadas em ritmo terciário, como comentado por Grube:

⁶³ Sobre a relação entre o pensamento sobre a poesia que contamina a reflexão da prosa, veja CHIRON, 2022, que também aborda este texto de Demétrio.

Com sentenças em trímetro (ou frases), τρίμετρα κῶλα, Demétrio quer dizer que elas se dividem em unidades curtas com pausas naturais entre elas, já que o trímetro consiste em três unidades de dois pés. Um trímetro era dividido assim na teoria, embora, em bom verso⁶⁴, não haveria, de fato, tais pausas regulares. Ele também tem em mente (§204) o contraste entre o trímetro conversacional da comédia e os hexâmetros heroicos mais longos. Em ambos os sentidos, as sentenças serão para a prosa simples como o trímetro é para o verso. Ele cita algumas palavras da primeira frase da *República* (compare com §21⁶⁵) que pode ser dividida κατέβην χθὲς / εἰς Πειραιᾶ / μετὰ Γλαύκωνος e um fragmento outrora desconhecido de Ésquines, o Socrático, onde as pausas parecem estar: καθήμεθα μὲν / ἐν Λυκείῳ / οὗ οἱ ἀθλοθέται / τὸν ἀγῶνα διατιθέασι.⁶⁶

Repare que o texto grego que Grube está citando não é exatamente o mesmo texto estabelecido que estou utilizando, mas isso se deve às variações filológicas de editores. Apesar dele apresentar a frase de Ésquines dividida em quatro partes e de Pentassuglio identificar uma oposição μὲν / δὲ na simetria de exemplos entre Platão e Ésquines, destacando que “Ésquines afirma, pelo contrário [Eschine afferma invece]”⁶⁷, o parágrafo seguinte de *Sobre o estilo* reafirma que os dois exemplos estão aludindo a mesma coisa e não estão em oposição. Logo, esses dois pontos reforçam a dificuldade, não só terminológica, mas de compreensão, ao traduzir essa parte do texto.

Há uma tradução completa do *Sobre o Estilo*, em português, feita por Gustavo Freitas que deve ser consultada por quem pretende ir mais a fundo nessas questões estilísticas. Optei por seguir a terminologia técnica presente em Freitas ao traduzir “κόλοις τριμέτροις” como “colos trímetros” e “κόμμασιν” por “comas”. Em sua dissertação, ele ainda explica que os colos delimitam o discurso na prosa, tal qual os versos na poesia, mas compreendendo uma unidade de sentido, sendo que o κόμμα é menor que o κῶλον, enquanto que a combinação dos dois é que formaria o período (περίοδος) em Demétrio⁶⁸.

Texto original estabelecido:

- 1 τὰ πολλὰ οὖν κόλοις τριμέτροις χρῆσόμεθα καὶ ἐνίοτε κόμμασιν, ὥσπερ ὁ μὲν Πλάτων φησί·
- 2 “κατέβην χθὲς εἰς Πειραιᾶ μετὰ Γλαύκωνος” πυκναὶ γὰρ αἱ ἀνάπαυλαι καὶ ἀποθέσεις. Αἰσχίνης δὲ
- 3 “ἐκαθήμεθα μὲν”, φησὶν, “ἐπὶ τῶν θάκων ἐν Λυκείῳ, οὗ οἱ ἀθλοθέται τὸν ἀγῶνα διατιθέασιν”.⁶⁹

64 Grube faz um trocadilho entre “in good sense” com “in good verse”.

65 No §21, resumidamente, Demétrio está citando a mesma frase da *República* de Platão e comentando que ela é um período conversacional mais simples que o histórico; sendo que no §19 ele faz uma tipologia de três gêneros de períodos: o histórico, o conversacional e o retórico (“τρία δὲ γένη περιόδων ἐστίν, ἱστορικὴ, διαλογικὴ, ῥητορικὴ”).

66 GRUBE, 1961, p. 107, nota 205, tradução minha.

67 PENTASSUGLIO, 2017a, p. 253.

68 FREITAS, 2011, p. 21-22.

69 Texto grego estabelecido por Radermacher.

Tradução:

Portanto, geralmente, devemos empregar colos trímetros e só às vezes comas. Como, por exemplo, quando Platão diz: “Desci ontem ao Pireu com Gláucon”⁷⁰ (pois as pausas e cesuras são frequentes) e da mesma forma Ésquines, quando fala: “Estávamos sentados nos bancos do Liceu, onde os organizadores dos jogos supervisionam a competição”.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: κώλοισι → esse neutro dativo plural, é regido por χρῆσόμεθα. O termo κῶλον (“membro”, “colo”) tem uso específico na retórica e significa um pedaço de um período (περίοδος).

Linha 1: τριμέτροις → τρίμετρος está junto com κώλοισι no dativo e significa algo composto de três partes, o que remete a estrutura de versos na poesia, como o trímetro jâmbico, porém Demétrio está falando da prosa de Ésquines e Platão.

Linha 1: κόμμασιν → esse dativo neutro plural é regido por χρῆσόμεθα. O termo κόμμα faz parte da retórica antiga e é menor que um κῶλον.

Linha 2: πυκναὶ → πυκνός poderia significar “compacto” ou “sensato”, mas aqui tem o sentido de “frequente” ou “repetido”.

Linha 2: ἀνάπαυλαι → etimologicamente está ligada a ἀναπαύω, como “lugar de repouso”, ver *DGP*; logo, tem o sentido de “pausa”, que *Bailly* ainda destaca como a pausa em discursos.

Linha 2: ἀποθέσεις → literalmente, a ação de ἀπόθεσις significa o ato de “deixar de lado”, “abandonar”, mas que *Bailly* indica ser o membro final de uma frase ou a cesura final de um verso catalético (ou seja, que termina com um pé incompleto) e o *LSJ* diz ser a cesura ou cadência da frase.

⁷⁰ É a primeira frase na *República* de Platão, livro I, 327a. Devido a isso, Mársico (2014, p. 383 nota 55) comenta que o fragmento de Ésquines pode-se tratar da frase inicial de *Alcibiades*, pois os diálogos socráticos de Platão costumam começar mencionando o Liceu, como o *Eutífron*, *Lísis*, *Eutidemo* e o *Banquete*. Kahn (1998, p. 20) também sugere que seriam as primeiras palavras do diálogo.

2.4 - FRAGMENTO #04: UM ESCÓLIO

Origem:

Autor: anônimo⁷¹

Obra: escólio de *Contra Platão: Em defesa dos quatro (Orat. XLVI)*

Passagem: referente ao lema da página 221 em Jebb (= §348-349 Lenz e Behr = §363 Frommel)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 94
- DINDORF, 1824, p. 663 (§221, 18)
- FROMMEL, 1826, p. 255 (§363)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 605 (SSR, VI.A.43)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 252 (#64)

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 94
- MÁRSICO, 2014, p. 381 (#1210)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 252 (#64)

Justificativa para inclusão:

É um escólio que atesta que uma passagem citada por Élio Aristides é de fato do *Alcibiades* de Ésquines, ou seja, há a indicação de autor e obra.

Observações:

Esse fragmento é um escólio presente em dois manuscritos medievais de *Contra Platão: Em defesa dos quatro* de Élio Aristides. O lema, ou seja, um pedaço do texto original que o escólio copia na lateral, antes de fazer o comentário propriamente dito, se refere à passagem em Élio Aristides que se inicia por: “Vamos considerar, agora, o que Ésquines, o discípulo de Sócrates e colega de estudos de Platão, nos diz sobre Temístocles” (a qual corresponde ao início do fragmento #9).

Essa passagem era identificada anteriormente como página 221 Jebb (linha 18), pois seguia a paginação de uma edição muito antiga (de Samuel Jebb em 1722), sendo equivalente ao §363 da edição de W. Frommel e ao §348 de F. Lenz e C. Behr, o qual é seguido pela edição mais nova de M. Trapp. A coletânea desses escólios mais difundida foi feita pelo editor Wilhelm Dindorf e publicada em 1829 (presente no *TLG*). Ali é indicado que o escólio foi encontrado no manuscrito B

⁷¹ O copista do manuscrito viveu no período medieval, possivelmente entre os séculos XIII e XV, pela data estipulada do manuscrito, mas todo escólio tem chance de ter sido um compilado de *ὑπομνήματα* (comentários em papiros) muito mais antigos, ver TURNER, 2016, p. 121-123. Há a indicação que o autor dos escólios tenha sido o retórico neoplatônico Sópatro de Apameia, séc. IV EC, porém não é possível precisar se a autoria seria mesmo dele, pois ao longo dos séculos muitos outros escoliastas adicionaram suas notas, bem como ele mesmo já tinha copiado fontes mais antigas, ver em DICKEY, 2006, p. 69; LENZ; BEHR, 1976, p. xiv.

e D⁷², o qual Dindorf chama de *Bodleianus* 190 e *Monacenses* 123⁷³, mas que hoje são conhecidos como Oxford, Bodleian Library, *Auct.* T. 1. 12 (*Misc.* 190) e München, Bayerische Staatsbibliothek (BSB), *Cod.graec.* 123⁷⁴. Eleanor Dickey (2006, p. 69-70) identifica essa problemática ao lidar com os escólios de Aristides, apontando ainda a necessidade de uma edição contemporânea para eles, pois a edição de Dindorf não é muito confiável e Frommel não é um trabalho bem-aceito (Trapp e Lenz e Behr não editaram os escólios).

Quanto à tradução, o texto grego escrito pelo escoliasta pode ser interpretado de duas maneiras bem distintas. Optei aqui em apresentar, oficialmente, a versão mais neutra, mas uma segunda possibilidade, com alusão ao mundo teatral, não só é possível, como apresenta certa similaridade com uma passagem de Simplicio (filósofo do séc. VI AEC) em seu *Comentário ao Encheiridion de Epicteto*: “E assim, no que concerne o palco, selecionar cada ator para um papel apropriado na peça [...] é função do diretor teatral, após ter examinado o caráter das personagens dela e a personalidade dos atores”⁷⁵. Logo, se compreendermos o texto como uma metáfora relacionada ao teatro, podemos traduzir esse mesmo escólio dessa forma: “Em um procedimento absolutamente retórico, ele define um diretor [para a peça] e [atores] que representam um mesmo papel, já que ambos são filósofos”. Devemos nos atentar ainda que os diálogos socráticos têm elementos dramáticos (podendo ter sido encenados), logo, não é impossível que a alusão ao teatro seja intencional, mas mantereí o juízo em suspensão, como um bom cético, em relação à possibilidade ou não dessa segunda leitura, uma vez que desconhecemos o contexto em que o escoliasta viveu e se ele de fato estaria ou não aludindo ao teatro. Além disso, os escólios podiam juntar informações provenientes de fontes variadas, o que poderia ser o caso nesse fragmento, onde a primeira frase não aparenta estar ligada com a segunda.

Há também um problema de edição quanto a uma palavra específica. A edição de Frommel identifica no manuscrito o pronome “αὐτοῦς” (masculino plural acusativo), enquanto Dindorf estipula “αὐτὸς” (nominativo singular). A primeira opção parece ser a melhor, pois no plural masculino e acusativo está também ἔχοντας, o que confere melhor sentido e concordância. Tive

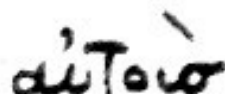
72 DINDORF, 1824, p. 663.

73 DINDORF, 1829, p. vii.

74 Conclusão feita a partir do que foi apontado por LENZ; BEHR, 1976, p. cix.

75 Texto original: “ὡςπερ καὶ ἐπὶ τῆς σκηνῆς τὸ μὲν ἐκλέξασθαι τῶν ὑποκριτῶν ἕκαστον πρὸς τὸ ἐπιτήδειον πρόσωπον ἐν τῷ δράματι [...] τοῦ διδάσκοντος τὸ δράμα ἐστὶ, καὶ τῶν ἐν αὐτῷ προσώπων καὶ τῶν ὑποκριτῶν τὴν ποιότητα ἐπεσκεμμένου”. É o comentário XXV de Simplicio (correspondente ao parágrafo 55, linha 20), sobre o capítulo 17 do *Manual de Epicteto* (também conhecido como *O Encheiridion de Epicteto*), compilado por Arriano, um aluno de Epicteto. O texto grego foi estabelecido por Ilsetraut Hadot (1996, p. 294), tendo sido traduzido a partir da versão inglesa de Charles Brittain e Tad Brennan (2002, p. 105). O texto de Epicteto, no qual o comentário de Simplicio se baseia, foi traduzido por Aldo Dinucci e Alfredo Julien (DINUCCI et al., 2012, p. 26-27, edição bilingue): “Lembra que és um ator de uma peça teatral, tal como o quer o autor <da peça>. Se ele a quiser breve, breve será. Se ele a quiser longa, longa será. Se ele quiser que interpretes o papel de mendigo, é para que interpretes esse papel com talento. <E, da mesma forma,> se <ele quiser que interpretes o papel> de coxo, de magistrado, de homem comum. Pois isto é teu: interpretar belamente o papel que te é dado – mas escolhê-lo, cabe a outro. [Μέμνησο, ὅτι ὑποκριτῆς εἶ δράματος, οἷου ἂν θέλῃ ὁ διδάσκαλος· ἂν βραχὺ, βραχέος· ἂν μακρόν, μακροῦ· ἂν πτωχὸν ὑποκρίνασθαι σε θέλῃ, ἵνα καὶ τοῦτον εὐφρῶς ὑποκρίνῃ ἂν χωλόν, ἂν ἄρχοντα, ἂν ἰδιώτην. σὸν γὰρ τοῦτ' ἐστὶ, τὸ δοθῆν πρόσωπον ὑποκρίνασθαι καλῶς· ἐκλέξασθαι δ' αὐτὸ ἄλλου]”.

acesso apenas ao manuscrito de Oxford, conforme imagem abaixo, e realmente as letras cursivas deixam em dúvida, podendo ser até mesmo “αὐτοῖς” (dativo plural). Porém, é muito mais provável que a ‘perna’ do ‘υ’ tenha se ligado ao sigma ‘σ’ de meio de palavra (o escoliasta utiliza o *lunate sigma* ‘c’ ao final da palavra, mas não aqui), configurando o “αὐτοῦς” tal qual indicado por Frommel. Dittmar (1976, p. 268) apenas aponta o escólio, enquanto Giannantoni o torna em fragmento, mas disponibilizando somente a frase de atestação do diálogo a Ésquines, sendo seguido por Mársico e Pentassuglio, que traduzem apenas essa parte central.



Texto original estabelecido:

- 1 ῥητορικῶς σφόδρα καὶ τὸν διδάσκαλον ἕνα ὀρίζεται καὶ αὐτοῦς μίαν ἔχοντας ποιότητα προσώπων,
- 2 φιλόσοφοι γὰρ ἄμφω. ἔστι δὲ Ἀλκιβιάδου διάλογος τοῦ Αἰσχίνου, ἔνθα ἐπαινεῖ τὸν Θεμιστοκλέα.⁷⁶

Tradução:

Rigorosamente de acordo com as regras da retórica⁷⁷, Élio Aristides⁷⁸ se limita a um único professor, mas define que eles têm os mesmos traços de personalidade, pois ambos são filósofos⁷⁹. Há um diálogo *Alcibiades* de Ésquines, onde ele elogia Temístocles.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: τὸν διδάσκαλον → διδάσκαλος é o “mestre”, “professor”, “preceptor”, mas, no contexto teatral, pode ser o “instrutor do coro”, isto é, quem atua como o diretor de uma peça de teatro (lembrando que o verbo διδάσκω também pode significar produzir uma peça teatral).

Linha 1: καὶ → Considerei o sentido adversativo presente na conjunção καί, ver *Smyth* #2871. Porém o paralelismo “καὶ [...] καὶ” poderia ser compreendido como um “tanto ... como”.

Linha 1: αὐτοῦς μίαν ἔχοντας ποιότητα προσώπων → μίαν e ποιότητα estão no acusativo singular feminino, sendo o complemento de ἔχοντας (particípio presente no masculino plural acusativo,

⁷⁶ Sigo o texto estabelecido por Frommel, Dindorf difere apenas quanto ao αὐτοῖς já comentado e na pontuação.

⁷⁷ Algumas poucas linhas anteriores de onde o escólio se situa, Élio Aristides diz que se sentiria envergonhado de fazer uso de outros testemunhos, mas que considera importante apresentar um último (que é o nosso fragmento #9 e de onde esse escólio faz sua anotação). Daí se conclui que, de acordo com as normas de estilo da época, era de bom tom não escrever com muitas citações.

⁷⁸ Não consta “Élio Aristides” escrito, mas considerei que ele fosse o sujeito de “ὀρίζεται”, dado pelo contexto do escólio e a passagem da qual ele parte.

⁷⁹ Acredito que o escoliasta se refere a Platão e Ésquines, pois no texto principal, Élio está utilizando o *Alcibiades* de Ésquines para fortalecer seu argumento contra a opinião de Platão sobre os quatro generais. O contexto disso se refere ao fragmento #09, o qual deve ser lido em conjunto.

vinculado a αὐτοῦς), que por sua vez é complemento de ὀρίζεται em elipse; ποιότης significa “qualidade”, palavra ligada a ποιός, um pronome indefinido com sentido de “de um certo tipo”; daí a opção por “traços”, no sentido de “característica”, enquanto que προσώπων é o genitivo plural de πρόσωπον, que remete à aparência de algo, ou mesmo a uma pessoa, mas também à máscara (προσωπεῖον) usada no teatro grego e, por consequência, pode significar tanto as personagens quanto o ator. A escolha final dessa tradução optou por “personalidade”, uma vez que também se refere às características de uma pessoa, mas este conjunto poderia ser traduzido até mesmo por “cumprem o mesmo papel”. Note ainda que ποιότητα προσώπων, quando justapostas, sugerem uma expressão tardia, pois é encontrada em autores da patrística, como João Crisóstomo (séc. IV), mas também em Simplício (séc. VI).

2.5 - FRAGMENTO #05: AS GRANDES ESPERANÇAS

Origem:

Autor: Prisciano Cesariense

Obra: *Institutiones Grammaticae*

Passagem: XVII, 159 (= *De constructione* VII, 187)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 222
- DITTMAR, 1976, p. 269
- HERTZ, 1858, p. 187
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 262 (#77)

Traduções consultadas:

- BARATIN, 2010, p. 251
- CEPKO et al., 2021, p. 222
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 263 (#77)

Justificativa para inclusão:

O autor clássico indica que é uma citação do *Alcibiades* de Ésquines.

Observações:

De constructione é o título do livro XVII, mas que continua no livro XVIII, do *Institutiones Grammaticae* de Prisciano⁸⁰. Como apontado por Dittmar (1976, p. 269), esse fragmento tem um nítido paralelo textual com uma passagem em Élio Aristides⁸¹, logo, essa correspondência entre o fragmento encontrado em Prisciano e o outro em Aristides ajudam a reforçar a atribuição de autor e obra tanto ao frag. #5 quanto ao #9⁸². A diferença é que Prisciano utiliza a forma jônica “ἄσσα”, enquanto Aristides a ática “ἄττα”. Outra distinção é o uso de ἐλπίς com περί, o qual aparece em Prisciano, mas não é o comum na grande maioria de autores antigos (como Tucídides, Eurípedes ou Lísias), uma vez que o complemento de ἐλπίς é regido pelo genitivo e somente Dionísio de Halicarnasso é listado⁸³ utilizando esta construção pleonástica. Note que essa divergência textual serve para identificar como os antigos citavam as obras, pois não tinham a pretensão de copiar *ipsis litteris* o autor original como fazemos hoje em dia. A distinção entre uma palavra tal qual o dialeto

⁸⁰ O *incipit* do livro XVII está em HERTZ, 1858, p. 107e e do XVIII em Ibid., p. 210.

⁸¹ Correspondente ao fragmento #09, linha 17-18: “os atenienses nutriam grandes esperanças de se salvarem com qualquer decisão que ele tomasse em defesa da cidade [αὐται μέγιστα ἐλπίδες ἦσαν Ἀθηναίοις τῆς σωτηρίας, ἄττα ἂν ἐκεῖνος ὑπὲρ αὐτῶν βουλευσαίτο]”. Essa semelhança já tinha sido apontada por Hermann (1850, p. 21).

⁸² CEPKO et al., 2021, p. 223.

⁸³ Na entrada de dicionário sobre ἐλπίς, tanto o *Pape* quanto o *LSJ* apontam o uso conjugado com περί somente em Dionísio de Halicarnasso, *Das antiquidades romanas*, V.27.

jônico e outra empregada no ático ainda pode sugerir a transmissão dos papiros sendo feita por copistas de cidades diferentes ao longo da Antiguidade.

Texto original estabelecido:

- 1 Αἰσχίνης ἐν τῷ Ἀλκιβιάδῃ ὑπὲρ Θεμιστοκλέους· αὗται μέγιστα ἐλπίδες ἦσαν Ἀθηναίοις περὶ τῆς
- 2 σωτηρίας ἅσσα ἂν ἐκεῖνος περὶ αὐτῶν βουλευσαίτο.⁸⁴

Tradução:

Ésquines, no *Alcibíades*, sobre Temístocles: “os atenienses nutriam grandes esperanças de se salvarem com qualquer decisão que ele tomasse em defesa da cidade”.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 2: ἅσσα → é uma variante de ἅττα, plural neutro de ὅστις, “quaisquer coisas que”, presente no dialeto jônico.

84 Sigo o texto estabelecido em Hertz (como os outros editores também), apenas adaptando o “:” por “.”, como é convencional nas edições de grego antigo e como já feito por Dittmar.

2.6 - FRAGMENTO #06: VIVER BEM COM 50 ANOS

Origem:

Autor: Prisciano Cesariense

Obra: *Institutiones Grammaticae*

Passagem: XVIII, 297

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 100
- DITTMAR, 1976, p. 266 (#3)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 (SSR, VI.A.44)
- HERTZ, 1858, p. 368
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 253 (#68)

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 100
- MÁRSICO, 2014, p. 383 (#1214)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 (#68)

Justificativa para inclusão:

O autor clássico indica que é uma citação do *Alcibiades* de Ésquines.

Observações:

A gramática de Prisciano é bilíngue, com frases em latim e grego antigo, tendo essa citação sido inserida em uma listagem de exemplos empregando adjetivos e pronomes que expressam quantidade, como o *tantum* do latim e o τόσος do grego. O interesse do gramático é apenas linguístico, ou seja, ele desejava realizar um estudo de sintaxe e da ordem das palavras, logo o contexto da obra de Ésquines não está disponível, já que seu objetivo era criar um léxico sintático grego-latino⁸⁵. O título do livro XVIII é o mesmo do XVII (*De constructione*).

Texto original estabelecido:

- 1 Αἰσχίνης ἐν Ἀλκιβιάδῃ· ὁ δὲ ῥᾶστα ἀνθρώπων γεγωνὸς ἔτη πενήκοντά πη.⁸⁶

Tradução:

Ésquines no *Alcibiades*: “aquele que viveu melhor que muitos homens cerca de cinquenta anos”.

⁸⁵ YANES, 2017, p. v.

⁸⁶ Segui o texto estabelecido em Hertz. Dittmar abrevia a passagem, enquanto Giannantoni e Pentassuglio adicionam as aspas.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: ῥᾶστα → trata-se do neutro plural de ῥᾶστος, o superlativo de ῥᾶδιος (“fácil”), aqui compreendido em função adverbial. Note que esse adjetivo também pode significar “leviano”, “frívolo”, “livre”, mas sem o devido contexto optei pelo sentido mais básico, adaptado ao nosso modo de falar.

2.7 - FRAGMENTO #07: ENTRE PORCOS E LEITÕES

Origem:

Autor: Ateneu de Náucrates

Obra: *O banquete dos sofistas (Deipnosophistas)*

Passagem: XIV, §73-74 (= 656e-656f em G. Kaibel)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 100
- DITTMAR, 1976, p. 267 (#4)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 (SSR, VI.A.45)
- OLSON, 2020, p. 280-281
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 (#69)

Traduções consultadas:

- CANFORA, 2001, p. 1702-1704
- CEPKO et al., 2021, p. 100
- MÁRSICO, 2014, p. 383 (#1215)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 (#69)
- YONGE, 1854, p. 1050

Justificativa para inclusão:

Ateneu faz uma citação direta que identifica autor e obra.

Observações:

O texto original lida com diversos termos culinários para a carne de porco. Ateneu lista alguns autores e as respectivas palavras que eles utilizam, como *δελφάκιον* (“leitão”) empregado por Ésquines, enquanto outros usam *δέλφαξ* (“porco”), sendo o primeiro termo o diminutivo (com o sufixo “-ιον”) do segundo. É um pouco difícil precisar a distinção, pois o grego antigo tem várias palavras para designar ‘porco’ (como *ἀπαλίας*, *γρῦλος* e *ῥς*), além do que a passagem citada utiliza diversos termos. O prato culinário, ou o corte da carne, é nomeado, no próprio texto, como *οὔθαρ*, palavra que corresponde às tetas do animal, mas que pelo contexto poderia significar a parte mais tenra da carne, algo como o que chamamos hoje em dia de “maminha” (que na verdade faz parte do pernil traseiro) ou mesmo “barriga” e “*pancetta*”.

Uma vez que esses banquetes da Antiguidade não ofereciam apenas a refeição, mas podiam contar com a presença de cortesãs e garotas flautistas, surge uma questão não explícita, pois as mulheres são, já desde Píndaro⁸⁷ e a comédia aristofânica⁸⁸, comparadas com porcas, fato que torna possível ter havido um duplo sentido sexual, acarretando uma segunda leitura, com a distinção aqui

⁸⁷ Píndaro, em *Olimpica* 6 v. 90, supostamente, teria chamado a poetisa Corina de porca da Beócia (“Βοιωτίαν ῥν”), o que, no entanto, pode aludir também ao aspecto rústico dos beócios, ver RAGUSA; SENA, 2019, p. 5; SMYTH, 1900, p. 337-338.

⁸⁸ HENDERSON, 1991, p. 56-107.

se referindo à vagina das mulheres, separando as de mulheres adultas com pelos, δέλφαξ, e a de jovens sendo referida como δελφάκιον⁸⁹.

Além disso, apesar de Ateneu explicitar a autoria de Ésquines, esse fragmento se assemelha a outros dois atribuídos a Antístenes⁹⁰, o que poderia indicar uma alusão comum entre os socráticos, em relação aos desejos imoderados e a personalidade Alcibíades⁹¹. Em conclusão, é difícil precisar exatamente qual seria a interpretação que um leitor contemporâneo a Ateneu teria dessa passagem, mas não há como negar a possibilidade de que outras camadas de sentido possam ter sido percebidas, afinal, a malícia comum aos comediógrafos permanece em suas citações.

Texto original estabelecido:

1 οὐθατος δὲ Τηλεκλείδης ἐν Στεροῖς οὕτω μνημονεύει·
 2 ὡς οὕσα θῆλυς εἰκότως οὐθαφ φέρω.
 3 ὑπογάστριον δ' αὐτὸ ὠνόμασεν Ἀντίδοτος ἐν Μεμψιμοίρῳ. σιτευτῶν δὲ ὀρνίθων μὲν μνημονεύει
 4 Μάτρων ἐν ταῖς Παρωδίαις οὕτως·
 5 ὡς ἔφαθ', οἱ δ' ἐγέλασαν, ἐπήνεικάν τ' ἐπὶ τούτῳ
 6 σιτευτὰς ὀρνίθας ἐπ' ἀργυρέοισιν πίναξι, |
 7 ἄτριχας, οἰέτεας, λαγάνοις κατὰ νῶτον εἴσας.
 8 δελφάκων δὲ σιτευτῶν ὁ φλυακογράφος Σώπατρος ἐν Βακχίδος Γάμῳ οὕτως·
 9 εἶ που κλίβανος ἦν, πολὺ δέλφαξ σιτευτὸς ἔτρυξε.
 10 δελφάκια δὲ Αἰσχίνης εἶρηκεν ἐν Ἀλκιβιάδῃ οὕτως· ὥσπερ αἱ καπηλίδες τὰ δελφάκια τρέφουσιν.
 11 Ἀντιφάνης δὲ ἐν Φυσιογνωμονικῷ· καὶ γὰρ ἐκεῖναι τὰ δελφάκια πρὸς βίαν χορτάζουσι. καὶ ἐν
 12 Προτρεπτικῷ δέ· ἀντὶ δελφακίων τρέφεσθαι. || δέλφακα δὲ ἀρσενικῶς εἶρηκε Πλάτων ἐν Ποιητῇ·
 13 δέλφακα δὲ ραιότατον.⁹²

Tradução:

Telecleides⁹³, em *Os Durões*, menciona a maminha dessa forma: “como sou mulher, naturalmente levo a maminha”. Mas Antídoto⁹⁴, em *O Queixoso*, chamou-a de “toucinho”. Enquanto que Matrão⁹⁵, em suas *Paródias*, menciona os pássaros de engorda, escrevendo dessa

89 Sobre essa alusão sexual, veja BLONDELL; ORMAND, 2015, p. 211-212; HENDERSON, 1991, p. 48.

90 Como observado por DITTMAR, 1976, p. 267; MÁRSICO, 2014, p. 383. Os fragmentos de Antístenes são o SSR, VI.A.62 e 63, traduzidos em MÁRSICO, 2014, p. 190-191.

91 De acordo com MÁRSICO, 2014, p. 383, nota 56.

92 Texto grego estabelecido por Olson, sendo esta uma edição crítica recente que destaca as edições modernas dos fragmentos de autores citados por Ateneu (ver OLSON, 2020, p. vii), mas que removi por concisão. Dittmar, Giannantoni, Pentassuglio e Mársico trabalham apenas com a frase central de Ésquines.

93 Telecleides foi um comediógrafo do século V AEC.

94 Antídoto foi um poeta cômico ateniense do séc. IV AEC.

95 Matrão de Pítane foi um poeta do séc. IV AEC conhecido por fazer paródias de Homero.

forma: “Assim dizia e eles sorriram e levaram para junto deles, | as gordas aves em travessas de prata, | depenadas, de mesma idade, com o dorso crocante”. E sobre as suculentas porcas, o comediante Sópatro⁹⁶, em *O Casamento da Bacante*, disse assim: “se há um forno em algum canto, a gorda porca grunhe à beça”. Sobre os leitões, Ésquines, no *Alcibíades*, afirmou: “tal qual as taberneiras criam os leitões”. E Antístenes⁹⁷ disse no *Fisionômico*: “certamente que elas⁹⁸ forçam os leitões a comer”, e no *Protréptico*: “ser alimentado igual a leitões”. Platão⁹⁹ por sua vez escreveu “porco”, no masculino, em seu *Poeta*: “o melhor porco”.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: οὔθατος μνημονεύει → οὔθαρ significa tanto a mama do animal quanto o seio feminino, trazendo uma ideia de suculência e fertilidade.

Linha 1: ἐν Στεροῖς → trata-se do título da peça, aparecendo no dativo plural que pode ser tanto neutro, quanto masculino ou feminino, mas que geralmente é traduzido como masculino em alusão às características obscenas típicas da comédia. A palavra στερός significa “firme”, “inflexível”, o que, pelo contexto, poderia indicar conotação sexual, mas também pode significar “rude”, “desagradável”, sendo que esse título já foi trazido como *Tough Guys* (DAVIDSON, 2002, p. 42), ou mesmo *Duri* (Canfora) e *Rigid Men* (Yonge) na traduções consultadas. Optei por passar o título para o grau aumentativo, sendo que outras opções poderiam ser *Os Marrentos* ou *Os Valentões*, porém preferi manter o duplo sentido.

Linha 2: οὔσα θῆλυς → οὔσα é o particípio presente feminino e θῆλυς pode significar “fêmea”, mas também “mulher” ou mesmo “afeminado”. É notório o duplo sentido aqui, como apontado previamente, mas a complexidade aumenta pela falta de contexto, porém parece ser a fala de uma personagem mulher, como também optaram Yonge e Canfora.

Linha 3: ὑπογάστριον → outra palavra com sentido ambíguo, podendo significar “pança” ou mesmo “sensual”, pois representa o que está abaixo do ventre (eufemismo típico para genitália).

Linha 7: λαγάνοις κατὰ νῶτον εἴσας → literalmente seria “semelhantes a bolinhos no dorso” o que não nos diz muito, porém o acusativo plural feminino de ἴσος (igual) traz de volta a menção a σιτευτὰς ὄρνιθας do verso anterior, requerendo a regência no dativo, λαγάνοις, que é o neutro plural de λάγανον, uma espécie de pão achatado ou bolo, feito com farinha, mel e azeite (ver *LSJ* e *Bailly*).

96 Sópatro de Pafos, outro comediante, do séc. III AEC.

97 Os manuscritos atestam o nome de Antífanos, um dramaturgo do séc. IV AEC, (como na edição de Olson), mas Dindorf propôs a alteração para Antístenes, que é usualmente bem-aceita, segundo CANFORA, 2001, p. 1703, nota 6; MÁRSICO, 2014, p. 190, nota 87, tendo sido incluídos no *SSR* de Giannantoni como fragmentos de Antístenes. Creio que possa ter sido apenas um erro de copista a partir do qual os outros manuscritos se basearam, uma vez que há outras indicações (e fragmentos) de que Antístenes teria escrito *Fisionômico* e *Protréptico*, ao mesmo tempo em que estes títulos não constam listados como obras de Antífanos.

98 Mársico (2014, p. 190) indica que o pronome “ἐκεῖναι” se refira às taberneiras.

99 Não se trata aqui do Platão filósofo, mas de uma peça do poeta homônimo da comédia antiga, séc. V AEC.

Acredito, seguindo a tradução e o comentário de Canfora (2001, p. 1703, nota 3), que a ideia tenha sido destacar que as aves assadas estavam com a pele bem crocante, tal qual esses pães.

Linha 8: φλυακογράφος → é o escritor de paródias burlescas de peças trágicas (φλύακες τραγικοί), daí “comediante”.

Linha 9: ἔτρυξε → A partir de Canfora (2001, p. 1703, nota 4), podemos verificar que há um problema com relação a ἔτρυξε, pois alguns editores consideram também ἔτρυχεν, proveniente de τρύχω (“gastar”), porém é provável que tenha havido alguma corruptela na transcrição do que estava escrito em uncial para os códices medievais (pela similaridade entre as letras maiúsculas tau e gamma), isto é, poderia ser, na verdade, ἔγρυξεν, do verbo γρύζω (que pode significar “grunhir”, mas também “murmurar” e “resmungar”). Isso leva Canfora a compreender como o som de crepitar quando o porco está assando no forno.

Linha 13: ῥαιότατον → Canfora (2001, p. 1703, nota 8) afirma que essa palavra (que não encontrei dicionarizada) seria uma aférese (fenômeno fonológico que elimina o primeiro som de uma palavra), podendo ser compreendida como ἀραιότατον (superlativo de ἀραιός: “delgado”, “magro”), ou como ὠραιότατον (superlativo de ὠραῖος: “que está na flor da idade”, “belo”, “maduro”). Canfora optou por “bellissimo” e Yonge por “leanest”. O texto grego estabelecido por Oslon não incluiu a corônis para identificar essa aférese, mas Canfora o fez, porém apenas transliterando (o certo seria indicar “δὲ ῥαιότατον”).

2.8 - FRAGMENTO #08: TEMÍSTOCLES COMO MAU MODELO

Origem:

Autor: Élio Aristides

Obra: *Contra Platão: Em defesa dos quatro (Orat. XLVI)*

Passagem: §575-577 (= Jebb p. 285-286 = Dindorf p. 369-370)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 102, 110-111 e 120
- DITTMAR, 1976, p. 267, 268 e 271 (#5, #7 e #9)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606, 607 e 609 (SSR, VI.A.46, 49 e 51)
- LENZ; BEHR, 1976, p. 485-486 (§575-577)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254, 259 e 263 (#70, #75 e #78)
- TRAPP, 2021, p. 472-474

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 102, 111 e 120-121
- FUEYO, 1997a, p. 240-241
- MÁRSICO, 2014, p. 384, 386 e 389 (#1216, #1220 e #1222)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254, 259 e 263 (#70, #75 e #78)
- TRAPP, 2021, p. 473-475

Justificativa para inclusão:

O autor original atribuí uma citação a Ésquines enquanto fala de Alcibiades e fecha seu texto explicitando que o que fora dito veio do nosso autor.

Observações:

Apesar da atribuição correta a Ésquines, não necessariamente o fragmento todo estaria no diálogo *Alcibiades*, já que isso não é tornado explícito por Élio Aristides, sendo uma interpretação, mas que parece correta, uma vez que esse fragmento aponta para o #9 e este último tem indicações definitivas de ser parte do diálogo em questão. Afinal, o conteúdo do fragmento #8 poderia mesclar outras fontes, sendo essa atribuição, portanto, uma dedução de filólogos, pois poderia ser uma fala presente em algum outro diálogo, como o *Milcíades* ou o *Axioco*¹⁰⁰ ou mesmo um conteúdo presente em um *Alcibiades* de outro autor. Além disso, não vejo porque separar essa passagem em três fragmentos distintos, já que, no autor original, o texto encontra-se seguido. No entanto, todos os

¹⁰⁰ GIANNANTONI, 1990a, p. 587.

outros editores separaram os fragmentos e os reordenaram (o que preferi evitar fazer). Sendo assim, somente para manter uma compatibilidade com esses editores¹⁰¹, indico abaixo a numeração:

- #8a (= Dittmar #5, Giannantoni #46, Mársico #1216, Pentassuglio #70);
- #8b (= Dittmar #7, Giannantoni #49, Mársico #1220, Pentassuglio #75);
- #8c (= Dittmar #9, Giannantoni #51, Mársico #1222, Pentassuglio #78).

Com relação ao conteúdo, a ideia geral exposta no fragmento é usar a biografia de Temístocles para apontar um modelo de comportamento a ser evitado, pois apesar de ele ser elogiado pelo seu conhecimento, seu caráter não é muito virtuoso:

Nesse ponto, Sócrates expôs ao seu interlocutor o que não queria dizer diante de Alcibíades, ou seja, que a queda de um homem tão capaz como Temístocles se deveu ao fato de ele não possuir virtude moral (ἀρετή) e não se importar nem um pouco com sua alma nem com os deuses.¹⁰²

Texto original estabelecido:

1 [#8a] ἔπειτα πρὸς ἄνθρωπον ἐγίγνωθ' οἱ λόγοι μὴ ὅτι Περικλέους ῥαδίως ἂν ὑπερφρονήσαντα,
 2 ἀλλὰ τοιοῦτον ὥσθ' ὃ γ' Αἰσχίνης φησὶν περὶ αὐτοῦ ὅτι κὰν τοῖς δώδεκα θεοῖς ἥδιστα ἐπετίμησεν.
 3 τοσοῦτον αὐτῷ φρονήματος περιῆν καὶ τοῦ μηδένα μηδενὸς ἄξιον εἶναι νομίζειν. [#8b] διόπερ καὶ
 4 ὃ γ' ἐκείνου Σωκράτης οὐ τὴν αὐτὴν ἐτράπετο. ἀλλὰ τί φησίν; “γνοὺς οὖν αὐτὸν ἐγὼ ζηλοτύπως
 5 ἔχοντα πρὸς Θεμιστοκλέα”, ἔπειτ' ἐστὶν ὁ τοῦ Θεμιστοκλέους ἔπαινος, δυοῖν ἔνεκεν ὀρθῶς ἔχων
 6 οἶμαι, τῆς τε ἀληθείας καὶ τοῦ καιρὸν ἔχειν τῷ μεираκίῳ τοὺς λόγους. [#8c] καὶ οὐ κακῶς λέγει τὸν
 7 Θεμιστοκλέα παρόντος ἐκείνου, ὅπως μὴ ἔτι μᾶλλον ἀκούων διαφθείροιτο, οὐδέ γε εἰς παραμυθίας
 8 μέρος αὐτῷ κατατίθεται τὸ μὴ μόνον αὐτὸν τῇ ἀμαθίᾳ συνοικεῖν, ἀλλὰ καὶ πάντας εἶναι τοιούτους
 9 ὅσοι τὰ τῆς πόλεως πράττουσιν· οὐδαμῶς· ἀλλ' ἀναγκάζει “κλάειν θέντα τὴν κεφαλὴν ἐπὶ τὰ
 10 γόνατα ἀθυμήσαντα, ὡς οὐδ' ἐγγὺς ὄντα τῷ Θεμιστοκλεῖ τὴν παρασκευὴν”. καὶ προσέτι συμμέτρως
 11 ἐπέτεινεν τὸν λόγον. εἶπε γάρ που μεταξὺ λέγων ὡς οὐδ' ἐκείνῳ ἢ ἐπιστήμη τοσαύτη οὔσα ἤρκεσεν,
 12 ἀλλ' ἐνεδέησεν, ὥστε τὴν μὲν βλασφημίαν περιηρῆσθαι, ὃ δ' ἦν χρήσιμον εἰς τὸ προτρέψαι, παρ'
 13 ἀμφοῖν ἐνεῖναι, καὶ παρὰ τῆς εὐφημίας καὶ παρὰ τοῦ μηδὲ ταῦτα ἀρκέσαι φῆσαι τῷ γε Θεμιστοκλεῖ.
 14 οὕτω καίτοι τοῖς ἄλλοις Αἰσχίνης λειπόμενος Πλάτωνος, τοῦτό γε ἄμεινόν πως διεχείρισεν.¹⁰³

101 Note que CEPKO et al., 2021 segue a numeração de Giannantoni.

102 GIANNANTONI, 1990a, p. 588, tradução minha. Este autor ainda explana sobre as ideias centrais deste fragmento entre as páginas 587-588.

103 Sigo o texto grego estabelecido por Trapp, que é bem recente, mas adicionei as aspas como feito por Dittmar e seguido por Giannantoni, Mársico e Pentassuglio. A edição crítica de Lenz e Behr notifica as variações textuais em papiros e códices, mas é de 1976.

Tradução:

[#8a] Logo, essas palavras¹⁰⁴ se dirigiam a um homem¹⁰⁵ que não apenas desdenharia levemente de Péricles, mas comportava-se de tal modo que, conforme Ésquines diz sobre ele, até teria censurado os doze deuses¹⁰⁶ com bastante prazer. Era tão arrogante que acreditava que ninguém, em nenhum quesito, estaria a sua altura. [#8b] E, por esta razão, o Sócrates de Ésquines não enveredou pelo mesmo caminho¹⁰⁷. O que diz ele? “Quando percebi que ele tinha inveja de Temístocles”, em seguida vem o elogio a Temístocles, correto, na minha opinião, por duas razões: pela verdade e por manter as argumentações convenientes ao jovem. [#8c] Ele não fala mal de Temístocles na presença de Alcibiades¹⁰⁸, para que, escutando, não se torne ainda mais corrompido, nem se preza a encorajá-lo dizendo que ele não é o único a conviver com a ignorância, pois também estão na mesma situação todos aqueles que se ocupam com os assuntos da cidade. De jeito nenhum! Pelo contrário, ele o força “a chorar, desalentado e colocando a cabeça sobre os joelhos, como se o seu preparo não chegasse perto do de Temístocles”. Além disso, intensificou seu discurso adequadamente, pois, de certo modo enquanto falava¹⁰⁹, afirmou que o conhecimento dele, que era tão vasto, nem foi de grande ajuda, pois mostrou-se insuficiente, de modo que a injúria foi removida e o que era útil para exortá-lo estava presente nos dois argumentos, tanto no elogio, quanto na afirmação de que isso não foi suficiente para Temístocles. Assim, de certo Ésquines fica atrás de Platão em outras coisas, mas nisso ao menos ele se saiu melhor em certo sentido.

104 O que traduzi como “as palavras” (“οἱ λόγοι”) seria, supostamente, uma referência ao *Alcibiades I* (diálogo atribuído a Platão, mas hoje considerado de autoria incerta), porém não há certeza sobre isso. Élio Aristides não indica nem o livro nem o autor, o que se tem é apenas que, algumas linhas antes (§572), Élio menciona que Alcibiades não tinha menosprezado Péricles nos testemunhos vistos, o que corresponde ao tom elogioso presente em *Alcibiades I* 118b-e (como apontado em DITTMAR, 1976, p. 271; FUEYO, 1997a, p. 239, nota 660). Dittmar, Giannantoni, Mársico e Pentassuglio seguem essa interpretação (e também que o “ἄνθρωπον” corresponderia a Alcibiades), mas considero correto manter a dúvida, pois existiam vários diálogos intitulados *Alcibiades*, escritos por autores diferentes, mas, sobretudo, porque Élio nem está fazendo citação direta e sim parafraseando. Logo, considero haver dúvidas sobre qual seria, de fato, esse diálogo a que ele se refere com “οἱ λόγοι” (o que não interfere na atribuição deste fragmento a Ésquines, pois me refiro aqui apenas a qual discurso a expressão “as palavras” indicaria).

105 Tal homem seria Alcibiades, como foi explicado na nota anterior e do próprio contexto do *Contra Platão: Em defesa dos quatro*. No texto de Élio, é bem provável que esse “ἄνθρωπον” se refira a Alcibiades (reforçado ainda pelo frag. #9), contudo, há dois possíveis paralelos textuais desse fato anedótico (o menosprezo a Temístocles) com os escritos de Platão e Heródoto, pois na *República I* 329e-330a, Sócrates conta a Céfalo sobre um homem que repreendeu (com o verbo λοιδορέω) Temístocles, dizendo apenas que ele seria um habitante de Sérifos (uma ilha no Mar Egeu), enquanto que em *Histórias VIII* 125.1 tal homem seria Timódemos de Afidna (natural de um demo ático). Tal fato ainda é repercutido em Plutarco, *Temístocles* 18.3, atribuindo o insulto ao serifano, ou seja, seguindo Platão. Dado que temos ao menos quatro fontes contando um caso similar, podemos concluir que tal acontecimento tenha sido algo muito comentado à época, porém, apesar do texto de Élio (a fonte material do fragmento de Ésquines) apontar para Alcibiades, quem de fato seria esse homem é algo muito incerto para dar uma certeza.

106 Os doze deuses olímpicos, as maiores divindades do panteão grego.

107 Aqui há duas elipses que Lenz e Behr, bem como Giannantoni procuram aconselhar. O pronome “αὐτήν”, no feminino, é compreendido em relação a ὁδόν (feminino acusativo, significando “caminho” ou “método”), porém em elipse (aparecendo com 20 linhas de distância, em §572). Contudo, é comum expressões com τρέπω e ὁδός (*LSJ A.2-3*), tendo sido essa solução indicada por Giannantoni e aceita por Mársico e Pentassuglio. Além disso, há uma observação presente em um manuscrito, dizendo que devemos compreender como sendo a mesma direção (ou método) do Sócrates de Platão, ver LENZ; BEHR, 1976, p. 485, comentário à linha 10.

108 Junto de Alcibiades, conforme interpretação de Mársico e Pentassuglio.

109 Trata-se de uma referência ao conteúdo do fragmento #9, entre as linhas 37-38, no qual Sócrates fala que faltou conhecimento a Temístocles.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: *πρὸς ἄνθρωπον ἐγίγνονθ'* → o verbo *γίγνομαι* com a preposição *πρὸς* e acusativo tem o sentido de “aplicar-se a” ou “estar envolvido com” (*DGP* 10; *LSJ* II.3.c). Mársico optou pelo sentido médio “se dirigían”, uma vez que οἱ λόγοι está no nominativo, opção com a qual concordei.

Linha 4: ὁ ἐκείνου Σωκράτης → É fácil identificar que se trata da personagem Sócrates do diálogo *Alcibiades* de Ésquines, sendo a opção indicada em Lenz e Behr e Giannantoni e aceita por Mársico e Pentassuglio.

Linha 11: ἐπέτεινεν → o verbo ἐπιτείνω pode significar tanto a ideia de “intensificar” quanto de “esticar”, ou seja, ele teria sido mais enfático ou estendido o discurso, sendo que Ésquines é apontado como um autor de longos discursos (μακρολογία); ver PENTASSUGLIO, 2017a, p. 72.

Linha 11: που μεταξὺ λέγων → μεταξύ foi compreendido como advérbio temporal (“enquanto falava”), ver *LSJ* II.2, sendo que πού denotaria alguma incerteza. No entanto, alguns compreendem μεταξὺ como um advérbio de lugar (aliado ao sentido indefinido de πού), o que indicaria uma posição no meio do diálogo, interpretando, assim, que esse fragmento estaria localizado por volta da metade do *Alcibiades* de Ésquines.

2.9 - FRAGMENTO #09: O ELOGIO A TEMÍSTOCLES

Origem:

Autor: Élio Aristides

Obra: *Contra Platão: Em defesa dos quatro (Orat. XLVI)*

Passagem: §348-349 (= Jebb p. 221-223 = Dindorf p. 292-294)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 112-113
- DITTMAR, 1976, p. 268-271 (#8)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 607-608 (*SSR*, VI.A.50)
- LENZ; BEHR, 1976, p. 410-413
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 259-261 (#76)
- TRAPP, 2021, p. 284-290

Traduções consultadas:

- BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 113 e 200-201 (#3.51 e #7.4)
- CEPKO et al., 2021, p. 113-114
- FIELD, 2012, p. 148-149
- FUEYO, 1997a, p. 156-159
- MÁRSICO, 2014, p. 386-389 (#1221)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 261-262 (#76)
- SAUNDERS, 1988, p. 377-378
- ROSSETTI, 1989, p. 130
- TRAPP, 2021, p. 285-291

Justificativa para inclusão:

É bem claro que Élio Aristides faz uma citação: textualmente sua escrita já indicaria isso por si só, mas há ainda uma comprovação paratextual, pois os copistas utilizaram um sinal gráfico na margem esquerda do manuscrito para demarcar que se trata de um trecho citado (funcionando mais ou menos como nossas aspas), conforme é possível verificar na *Figura I* do anexo. Élio nomeia Ésquines, porém a atribuição ao *Alcibiades* não é explícita nessa passagem, contudo, o fragmento #5, encontrado em Prisciano, apresenta um paralelo textual com este fragmento (linhas 17-18) e lá é indicado, explicitamente, o autor e a obra, facilitando, assim, a atribuição de autoria, a qual ainda é reforçada pelo escólio desta passagem (fragmento #4). Além disso, duas outras indicações encontradas no historiador romano Herodiano e no gramático bizantino Giorgio Cherobosco¹¹⁰ ajudam na identificação do fragmento. Há também paralelos textuais com o *P.Oxy. XIII 1608* (fragmento #16-19), pois existem algumas partes coincidentes com essa citação de Élio¹¹¹.

¹¹⁰ DITTMAR, 1976, p. 269; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 413.

¹¹¹ Paralelo apontado por FUEYO, 1997a, p. 156, nota 434; LENZ; BEHR, 1976, p. 410, nota 10; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 413-414.

Observações:

O discurso *Contra Platão: Em defesa dos quatro* de Élio Aristides pretendeu fazer uma apologia de quatro generais atenienses (Péricles, Címon, Milcíades e Temístocles), os quais Platão criticou no *Górgias*, em 503c-d, ao dizer que eles tornaram os homens que comandavam piores do que antes, em vez de tê-los melhorado. O argumento de Élio (desenvolvido entre §434-447) é simples: Sócrates teve influência em Crítias e Alcibíades, homens que se tornaram oligarcas golpistas e atentaram contra a democracia, enquanto Platão teria sido desprezado e traído por alguns de seus discípulos no tempo em que se envolvia com a política da Sicília pela terceira vez. Logo, Platão não poderia ter condenado os quatro generais como o fez no *Górgias*, uma vez que isso seria admitir a responsabilidade de Sócrates e dele próprio em relação aos atos de terceiros que foram contra o que eles mesmos advogavam e ainda assim os imputaram um mal (lembrando que um dos motivos possíveis da condenação de Sócrates é por responsabilizarem-no por ter educado os dois golpistas, enquanto Platão teria passado por uma sublevação em sua própria Academia por ser considerado velho demais). Para Élio, portanto, Platão teria sofrido, no final de sua vida, o mesmo que os generais que ele condenou, ao considerar que seria uma loucura condená-los pelas ações injustas dos outros, já que é inadmissível imputar aos mestres os erros dos discípulos – e esse é o cerne de seu argumento. Além disso, o fragmento #8 termina com Élio dizendo que Ésquines é, em geral, um autor inferior a Platão, mas especificamente nesse ponto (em relação a não condenar, mas elogiar Temístocles) ele teria tido melhor desenvoltura, o que não é um juízo imparcial, afinal, Ésquines e Élio concordam com a visão positiva do general.

Destaco ainda que o trecho citado por Élio é um fragmento de diálogo, no qual Ésquines teria representado uma conversa entre Sócrates e Alcibíades, colocando o primeiro como o narrador, o qual mimetizaria suas próprias falas e as de seu interlocutor¹¹². Logo, trata-se de um contexto de representação escrita de uma conversação oral¹¹³, mas devemos nos lembrar que o texto grego era escrito, na época dos socráticos, sem separação de palavras e nem tinha pontuação, exigindo, assim, demarcações textuais¹¹⁴:

“Na escritura do diálogo, as falas se seguem umas às outras, sugerindo a alternância de turnos conversacionais própria da interação verbal. Nesse processo, são importantes alguns marcadores textuais, como os marcadores iniciais e os marcadores finais, sugerindo, respectivamente, a tomada de turno e os lugares relevantes de transição.”¹¹⁵

112 Do mesmo modo que acontece em diálogos socráticos mais famosos, como a *República* de Platão, ver LYRA, 2022, p. 103 (sigo paginação feita a partir do PDF gerado da versão Kindle).

113 Tal manifestação da oralidade representada estaticamente pela escrita é alvo de crítica em Platão, pois, em *Fedro* 274c-275e, a escrita tem contornos negativos, uma vez que afetaria a memória dos homens e porque essa cristalização do discurso não é capaz de responder às diversas perguntas que os leitores teriam.

114 LYRA, 2022, p. 101.

115 LYRA, 2022, p. 101.

Esses marcadores textuais são ferramentas da escrita para demarcar os dizeres da narrativa oral, empregados por meio de vocábulos específicos, como a partícula οὖν ou através de um verbo de fala conjugado (ex.: ἔφη, “ele disse”), podendo contar com o auxílio do vocativo, o qual define a quem a comunicação se dirige. De forma mais precisa, o fragmento #9 apresenta a partícula οὖν como um indício da mudança de turno ocorrida nas linhas 15, 18 e 20. O problema é que a mesma indicação aparece na linha 34, podendo simbolizar a tomada de fala de Alcibíades, ainda mais que na linha 36 Sócrates retoma a fala usando um *verbum dicendi* e o vocativo (“ἔφην ἐγὼ, ὦ Ἀλκιβιάδη”)¹¹⁶, e o mesmo tipo de estrutura ocorre também nas linhas 38 e 39. No entanto, nenhum editor considera que essas duas últimas correspondências sejam tomadas de turno de fato. É claro que, isoladamente, cada um desses três indícios (a partícula οὖν, o *verbum dicendi*, o vocativo) não constitui, por si só, uma evidência da tomada de turno, porém é um estratagema de escrita que demarca os resquícios da oralidade e que pode, junto a outras indicações, justificar a passagem de fala entre personagens.

Para compreender o porquê disto, é importante retomar o fragmento #8b, pois é ali que Élio diz que o Sócrates de Ésquines no *Alcibíades* elogia Temístocles (o “ἔπαινος” na linha 5 do fragmento #9), sendo que tal louvor se encontra neste fragmento aqui. Tudo indica que o conteúdo daquele fragmento aponte para o que é discutido no fragmento #9 e isso justificaria a interpretação de que a parte final deste último teria duas perguntas retóricas do próprio Sócrates¹¹⁷, pois as duas possíveis mudanças de turno, isto é, de passagem da fala de um personagem para outro, por conta das duas vezes (linhas 34 e 38) em que aparecem a partícula οὖν em contraste com verbo de fala, se forem consideradas como intercalações da fala de Alcibíades, indicariam que ele estaria elogiando Temístocles, enquanto o fragmento #8 indica que é Sócrates que o louva, enquanto Alcibíades o deprecia¹¹⁸.

Contudo, cabe ressaltar que isso é uma interpretação pelo contexto, uma vez que o conteúdo do diálogo de Ésquines é fragmentário, logo, existiria, ao menos textualmente, a possibilidade de não ser o que optei aqui, ao seguir o trabalho dos outros editores e tradutores. Uma forma de conferir isso e obter certeza seria se pudéssemos detectar, em algum papiro da própria obra de Ésquines (ou até mesmo em algum códice de Élio), a presença de um sinal gráfico chamado παράγραφος (um traço feito na margem esquerda logo acima da primeira palavra de uma fala,

116 Krauss (1911, p. 62) apontou essas características para destacar a alternância de fala entre Alcibíades e Sócrates, demonstrando com isso que havia um diálogo entre os dois personagens.

117 Estou aludindo as duas frases seguintes, as quais, textualmente, poderiam ter sido feitas por Alcibíades, mas que o contexto indica que seriam perguntas retóricas do próprio Sócrates: “Haveria, então, alguém que teria justa razão de ser considerado o mais poderoso daquele tempo, senão Temístocles, o qual, enquanto era general à frente dos helenos, submeteu aquele que reinava sob as terras compreendidas entre o sol nascente e o poente?” e “O que supõe, então, que aconteceria aos homens inferiores, não tendo nenhum cuidado com eles mesmos?”.

118 Ver sobre esse ponto: MÁRSICO, 2014, p. 110-111. Em contrapartida, Rossetti (1989, p. 131) aponta que Alcibíades admirava Temístocles, o que era considerado temível por Sócrates.

indicando a alternância de turno)¹¹⁹, justamente onde aparecem essas duas possíveis falas intercaladas de Alcibíades. Porém, infelizmente, os fragmentos de papiro que restaram do *Alcibiades* de Ésquines não contém essa parte, impossibilitando, até o momento, de se conferir isso.

Constatai que não há esse sinal em ao menos dois manuscritos da Bodleian Library de Oxford, o *MS. Barocci* 136 (que está no anexo como *Figura 1*) e o *Auct. T. 1. 12*, bem como em outros dois da Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença, o *Laurentianus Pluteus* 60.24¹²⁰ e o *Laurentianus Pluteus* 60.06¹²¹. Porém, os quatro apresentam um sinal gráfico parecido com a nossa vírgula (uma corruptela da διπλή), indicando que se trata de uma citação¹²². Contudo, verificar se todos os códices¹²³ do *Contra Platão: Em defesa dos quatro* de Élio Aristides possuem a marcação do παράγραφος está para além do escopo desse trabalho, e que mesmo se fosse realizado (e não encontrando o sinal) ainda restaria a dúvida, pois o texto que temos não se trata do diálogo original, mas de uma citação em um autor que escreve uma prosa corrida, a qual poderia não precisar copiar o sinal gráfico supostamente presente nos papiros originais. Além disso, teríamos que levar em conta a arbitrariedade dos editores antigos ao adicionarem essas marcações que poderiam não estar no texto original lançado pelo autor. Em suma, ao menos em tese, essas duas frases discutidas poderiam não ser de Sócrates, mas de Alcibíades, mas não foi possível obter certeza e segui os passos dos editores prévios.

Outro ponto é que a afirmação sobre a grandeza das áreas dominadas pelo rei da Pérsia é mencionada indiretamente por Élio Aristides no *Discurso a Roma*, §10, ao nos relatar o que “um dos contadores de histórias afirmava sobre a Ásia, ao falar que um único homem governava a extensão toda que o sol percorre (mas sem dizer a verdade)”¹²⁴. Contudo, ali é indicado apenas que alguém teria dito isso e que não seria uma informação verdadeira. Como esta menção não acrescenta nada ao fragmento #9, não a acrescentei como um novo fragmento, mas indico aqui a correlação. Note ainda que Élio se refere a Ésquines sem nomeá-lo e como “τις τῶν λογοποιῶν”, se referindo ao λογοποιός, um substantivo similar ao λογογράφος (“autor de discursos escritos para outros”), mas com o possível sentido negativo de “contador de mentiras”, daí minha escolha por

119 IRIGOIN, 2001, p. 38.

120 O fragmento #9 está presente no manuscrito *Laur. Plut.* 60. 24 do séc. XV, entre os fólhos 116r e 117r, podendo ser conferido online no site da *Biblioteca Medicea Laurenziana*: <http://mss.bmlonline.it/s.aspx?Id=AWOIyMD8IIA4r7GxMOCd&c=II.%20Platonica%20secunda%20pro%20quatuorviris#/oro/245> (note que ele apresenta a διπλή).

121 O fragmento #9 está presente no manuscrito *Laur. Plut.* 60. 06 do séc. XIV, entre os fólhos 130r e 131r, podendo ser conferido online no site da *Biblioteca Medicea Laurenziana*: <http://mss.bmlonline.it/s.aspx?Id=AWOIyUPC11A4r7GxMPLW&c=II.%20Oratio%20platonica%20pro%20quatuorviris#/oro/269> (note que ele apresenta a διπλή).

122 Esse sinal gráfico fica na margem esquerda de cada linha do texto citado e parece algo entre a forma “>” e “;”. Não há um nome específico, porém, possivelmente, é uma variação da διπλή, isto é, do “>”. Além disso, é atestado que sua função serve para demarcar um trecho de citação, ver THOMPSON, 1893, p. 73; TURNER, 1971, p. 17.

123 De acordo com o site *Pinakes*, são ao menos sessenta e cinco códices com trechos do *Contra Platão: Em defesa dos quatro*, a maioria das vezes sem nenhuma indicação de qual passagem está contida no manuscrito, ver em: <https://pinakes.irht.cnrs.fr/notices/oeuvre/11680>.

124 Essa correlação foi indicada por FUEYO, 1997a, p. 158, nota 437; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 412, bem como esse discurso está traduzido em espanhol em FUEYO, 1997b, p. 221, com o texto em grego no *TLG* a partir da edição de Dindorf vol. I, p. 200 Jebb: “τις ἔφη τῶν λογοποιῶν περὶ τῆς Ἀσίας, λέγων ὅτιν ὁ ἥλιος πορεύεται, ταύτης πάσης ἄρχειν ἄνδρα ἓνα, – οὐκ ἀληθῆ λέγων”.

“contador de história”, uma vez que essa expressão, no português, pode manter essa dualidade. Perceba também que Élio não classifica nosso autor como filósofo e ainda deixa subentendido o sentido de logógrafo, a qual era uma profissão que, aparentemente, Ésquines também executou.

Texto original estabelecido:

1 σκεψόμεθα δὴ ποῖ' ἅττα λέγει περὶ Θεμιστοκλέους ἡμῖν Αἰσχίνης ὁ Σωκράτους μὲν ἐταῖρος,
 2 Πλάτωνος δὲ συμφοιτητής·
 3 [Σωκράτης·]
 4 ἐπειδὴ τοίνυν τοῦ Θεμιστοκλέους βίου ἐπιλαμβάνεσθαι ἐτόλμησας, σκέψαι οἶφ' ἀνδρὶ ἐπιτιμᾶν
 5 ἠξίωσας. ἐνθυμήθητι γὰρ ὁπόθεν ὁ ἥλιος ἀνίσχει καὶ ὅπου δύεται.
 6 [Ἀλκιβιάδης·]
 7 ἀλλ' οὐδὲν, ἔφη, χαλεπὸν, ὦ Σώκρατες, τὰ τοιαῦτα εἰδέναι.
 8 [Σωκράτης·]
 9 ἤδη οὖν σοι πάποτ' ἐμέλησεν ὅτι τῆς χώρας τοσαύτης οὔσης ὄσσην ὁ ἥλιος πορεύεται, ἢ καλεῖται
 10 Ἀσία, εἷς ἀνὴρ ἄρχει;
 11 [Ἀλκιβιάδης·]
 12 πάνυ μὲν οὖν, ἔφη, ὁ μέγας βασιλεύς.
 13 [Σωκράτης·]
 14 οἶσθα οὖν ὅτι ἐκεῖνος ἐστράτευσεν δεῦρο καὶ ἐπὶ Λακεδαιμονίους, ἡγούμενος εἰ τούτῳ τῷ πόλεε
 15 καταστρέψαιτο, ῥαδίως τοὺς γε ἄλλους Ἕλληνας ὑπηκόους αὐτῷ ἔσεσθαι· καὶ οὕτως εἰς φόβον
 16 Ἀθηναίους κατέστησεν ὥστ' ἐκλιπόντες τὴν χώραν εἰς Σαλαμίνα ἔφυγον, ἐλόμενοι Θεμιστοκλέα
 17 στρατηγὸν, καὶ ἐπέτρεψαν ὅ τι βούλοιο τοῖς ἑαυτῶν πράγμασι χρήσασθαι. καὶ δὴ αὗται μέγιστα
 18 ἐλπίδες ἦσαν Ἀθηναίοις τῆς σωτηρίας, ἅττα ἂν ἐκεῖνος ὑπὲρ αὐτῶν βουλευσάιτο. καὶ οὐ τούτου γ'
 19 ἔνεκα Θεμιστοκλῆς τοῖς παροῦσιν ἠθύμησεν, ὅτι πλήθει νεῶν τε καὶ πεζῶν καὶ χρημάτων τὰ τῶν
 20 Ἑλλήνων πράγματα πολὺ ἐλείπετο, τὰ δὲ βασιλέως προεῖχεν, ἀλλ' ἤδει ὅτι εἰ μὴ αὐτοῦ τῷ
 21 βουλευέσθαι ἐκεῖνος περιέσται, τά γε ἄλλα αὐτὸν τοσαῦτα ὄντα τὸ μέγεθος οὐδὲν μέγα ὠφελήσει·
 22 καὶ τοῦτο ἐγνώκει ὅτι ὀποτέρων ἂν οἱ ἐφεστῶτες τοῖς πράγμασιν σπουδαιότεροι ἐν ἀρετῇ ἄνθρωποι
 23 ᾧσιν, τούτων καὶ αὐτῶν τὰ πράγματα κρείττω εἶωθε γίνεσθαι. καὶ τότε ἄρα βασιλεὺς ἦσθετο τὰ
 24 ἑαυτοῦ πράγματα ἀσθενέστερα ὄντα, ἢ ἡμέρα ἀνδρὶ ἑαυτοῦ σπουδαιότερῳ ἐνέτυχεν. ὁ δὲ οὕτω
 25 ῥαδίως τηλικαῦτα ὄντα τὰ ἐκείνου μετεχειρίσατο ὥστ' ἐπειδὴ αὐτὸν κατεναυμάχησεν, λῦσαι τὴν
 26 σχεδίαν ἦν ἔξευξεν βασιλεὺς πεῖσαι Ἀθηναίους ἐβουλήθη. ἐπειδὴ δὲ οὐκ ἠδύνατο, βασιλεῖ ἔπεμψε
 27 τάναντία τοῖς ὑπὸ τῆς πόλεως δεδογμένοις, ὅτι κελευόντων Ἀθηναίων λῦσαι τὴν σχεδίαν αὐτὸς
 28 ἦναντιοῦτο, σῶσαι βασιλέα καὶ τοὺς μετ' ἐκείνου πειρώμενος· ὥστ' οὐ μόνον ἡμεῖς οὐδ' οἱ ἄλλοι
 29 Ἕλληνες αἴτιον τῆς σωτηρίας Θεμιστοκλέα ἡγούμεθα εἶναι, ἀλλὰ καὶ αὐτὸς ὁ βασιλεὺς ὁ

30 καταπολεμηθεὶς ὑπ' αὐτοῦ ὑπὸ μόνον ἀνθρώπων ἐκείνου ὄρετο σεσῶσθαι. τοσοῦτον αὐτοῦ ἐκεῖνος
 31 τῷ φρονεῖν περιεγένετο. τοιγάρτοι φυγάδι ποτὲ αὐτῷ τῆς πόλεως γενομένῳ, ὡς σεσωσμένος ὑπ'
 32 αὐτοῦ χάριν ἀπέδωκεν, καὶ ἄλλα τε δῶρα πολλὰ ἐδώρησατο καὶ Μαγνησίας ὅλης ἀρχὴν ἔδωκεν,
 33 ὥστε καὶ φεύγοντος αὐτοῦ τὰ πράγματα μείζω ἦν ἢ πολλῶν Ἀθηναίων καὶ καλῶν καὶ ἀγαθῶν
 34 δοκούντων εἶναι οἴκοι μενόντων. τίς ἂν οὖν ἐκείνῳ τῷ χρόνῳ δικαίως αἰτίαν ἔχοι μέγιστον
 35 δύνασθαι ἄλλος ἢ Θεμιστοκλῆς, ὃς τὸν τῶν ἀφ' ἡλίου ἀνίσχοντος μέχρις ἡλίου δυομένου
 36 βασιλεύοντα στρατηγήσας τῶν Ἑλλήνων κατεστρέψατο; ἐνθυμοῦ οὖν, ἔφην ἐγὼ, ὃ Ἀλκιβιάδῃ, ὅτι
 37 ἐκείνῳ τοιούτῳ ὄντι οὐχ ἰκανὴ ἡ ἐπιστήμη τοσαύτη οὔσα ἐγένετο ὥστε φυλάξασθαι μὴ ἐκπεσεῖν
 38 μηδὲ ἀτίμῳ ὑπὸ τῆς πόλεως γενέσθαι, ἀλλ' ἐνεδέξησεν. τί οὖν οἶει τοῖς τε φαύλοις τῶν ἀνθρώπων
 39 καὶ ἐν μηδεμιᾷ ἐπιμελείᾳ ἑαυτῶν οὔσιν; οὐ θαυμαστὸν εἰ καὶ τὰ μικρὰ δύνανται κατορθοῦν; καὶ
 40 μηδὲν γ' ἐμοῦ, ἦν δ' ἐγὼ, ὃ Ἀλκιβιάδῃ, καταγνῶς ὡς πρὸς τὰς τύχας καὶ τὰ θεῖα πράγματα
 41 ἀλλοκότως καὶ ἀθέως ἔχοντος, εἰ προστίθῃμι ἐκείνῳ ἐπιστήμην πάντων ὧν ἔπραττε καὶ μηδεμίαν
 42 οἶομαι τύχην αἰτίαν τούτων τῶν ἔργων γεγενῆσθαι. πολὺ γὰρ ἂν ἐγὼ σοι μᾶλλον ἔχοιμι ἀποδείξαι
 43 τοὺς τάναντία ἐμοὶ δοξάζοντας ἀθέως ἔχοντας ἢ ἐκεῖνοι ἐμὲ, οἵτινες ἐξ ἴσου οἴονται τοῖς τε
 44 πονηροῖς καὶ τοῖς χρηστοῖς τὰς τύχας γίνεσθαι, ἀλλὰ μὴ τοῖς καλοῖς κἀγαθοῖς εὐσεβεστέροις γε
 45 οὔσιν ἀμείνω τὰ παρὰ τῶν θεῶν ὑπάρχειν.
 46 οὐκοῦν <ὁ> αὐτὸς μὲν ἐστὶ Σωκράτης ὁ λέγων κἀνταῦθα κἀκεῖ¹²⁵

Tradução:

Vamos considerar, agora, o que Ésquines, o discípulo de Sócrates e colega de estudos de Platão, nos diz sobre Temístocles¹²⁶:

Sócrates:

— Bem, já que você teve o atrevimento de atacar a biografia de Temístocles, examine que tipo de homem você acha certo criticar. Tome em consideração, então, o lugar onde o sol nasce e onde ele se põe.

Alcibiades:

— Mas não há – disse ele – nenhuma dificuldade em saber esse tipo de coisa, Sócrates.

Sócrates:

— Alguma vez já se deu conta, então, que apenas um homem governa aquela terra tão extensa quanto o percurso do sol, a qual chamamos Ásia?

125 Sigo o texto grego estabelecido por Trapp (a versão mais atual), mas com a formatação feito diálogo, tal qual já apresentada no texto estabelecido por Dittmar, mas optei por ressaltar as características do discurso, utilizando travessão e marcação de personagem. Fiz essa escolha para ressaltar o caráter dialógico, pois, ao contrário do meio material original de um σοκρατικός λόγος, nossas convenções literárias contemporâneas permitem explicitar, paratextualmente, essas mudanças de turno. Tanto a edição crítica de Lenz e Behr quanto Giannantoni apresentam mais variações possíveis em relação as fontes textuais.

126 O escólio traduzido no fragmento #4 é correspondente a esta linha.

Alcibíades:

— Claro que sim – disse ele – trata-se do grande rei da Pérsia.

Sócrates:

— Você sabe, então, que esse homem preparou uma expedição militar enviada para cá e contra os lacedemônios¹²⁷, acreditando que, se conquistasse essas duas cidades, o restante dos helenos seria facilmente reduzido à condição de súditos. E assim infundiu medo aos atenienses, a ponto de fugirem para Salamina abandonando a própria terra. Depois de terem elegido Temístocles general, confiaram a ele a condução dos negócios e interesses públicos, para que agisse como bem quisesse. Evidentemente, os atenienses nutriam grandes esperanças de se salvarem com qualquer decisão que ele tomasse em defesa da cidade, mas Temístocles nem se desesperou com o fato de que, enquanto os helenos encontravam-se em uma situação de grande carência de navios de guerra, soldados e recursos, o rei possuía tudo em abundância. Afinal, ele sabia que se não o superasse quanto à capacidade de tomar decisões sobre os assuntos militares, todo o resto não seria de grande ajuda, mesmo que fosse em tamanha quantidade. Pois tinha consciência de que se um dos dois comandantes (os encarregados dos interesses públicos) fosse uma pessoa mais zelosa em relação à virtude, o habitual seria que se tornasse, dentre eles, o mais forte nas questões militares. E, com efeito, o rei se deu conta, no dia em que encontrou um homem mais preparado que ele, de que sua situação era a mais debilitada. Assim sendo, Temístocles manejou tão facilmente as forças poderosas do rei que, após vencê-lo na batalha naval, quis persuadir os atenienses a desamarrar a ponte que fora construída pelo rei¹²⁸. Uma vez que não conseguiu, enviou ao rei um mensageiro dizendo o oposto do que fora estabelecido pela cidade, isto é, que ele se opunha à decisão dos atenienses de destruir a ponte, e que estava tentando salvar o rei e seus aliados. Por esse motivo, não só nós e os outros helenos consideramos Temístocles responsável pela nossa salvação, mas também o próprio rei, derrotado por ele em combate, pensou que tinha sido salvo pela ação daquele único homem – tão superior ele tinha sido em inteligência. É por isso que, quando Temístocles foi banido da cidade¹²⁹, ele retribuiu o favor prestado, por acreditar que só se salvara graças ao general, e também o presenteou com muitas outras gratificações, bem como lhe concedeu toda a Magnésia para governar. E

127 Trata-se das Guerras Médicas, entre persas e gregos, durante o século V AEC.

128 O contexto aqui é a Batalha de Salamina, contra o rei da Pérsia, Xerxes I, tendo este construído uma importante ponte flutuante, feita com barcos amarrados, ao longo do Helesponto (no estreito de Dardanelos), permitindo a passagem das tropas a pé; ver Ésquilo *Os Persas* v. 65-72 e Heródoto, *Histórias* IV, 88. Desamarrar a ponte, seria então, soltar suas amarras e destruí-la. Tal ação deixaria Xerxes e seu exército preso em território inimigo (*Histórias* VIII, 97).

129 Segundo CEPKO et al., 2021, p. 115, o processo que levou Temístocles ao exílio possivelmente foi fraudado, pois reporta-se quase duzentos óstracos com o nome dele escrito com a caligrafia de apenas umas dez pessoas, indicando que teriam distribuído óstracos prontos aos eleitores indecisos; esse processo de ostracismo era uma forma que a democracia ateniense encontrou para lidar com o surgimento de possíveis tiranos, os quais poderiam tomar o poder absoluto para si devido a sua grande popularidade, mas que acabava sendo instrumentalizado para remover adversários políticos.

assim, mesmo estando exilado, seu poderio ainda era maior do que o de muitos atenienses que permaneceram em suas casas, por mais bem reputados e nobres que fossem. Haveria, então, alguém que teria justa razão de ser considerado o mais poderoso daquele tempo, senão Temístocles, o qual, enquanto era general à frente dos helenos, submeteu aquele que reinava sob as terras compreendidas entre o sol nascente e o poente? Considere, então, Alcibíades – disse eu – que para aquele homem, que era tão nobre, o conhecimento, mesmo sendo tão vasto, não foi o bastante para evitar o exílio nem a perda dos direitos políticos, pois, na verdade, foi insuficiente¹³⁰. O que supõe, então, que aconteceria aos homens inferiores, os quais não conseguem cuidar nem mesmo dos seus próprios interesses? Não seria espantoso se também conseguissem tratar satisfatoriamente de questões sem importância? Não condene a mim, Alcibíades – disse eu – como se eu me comportasse de maneira estranha e atea¹³¹ ante os desígnios da sorte e dos deuses, se eu atribuir que tudo o que ele fez foi devido ao seu conhecimento e não acreditar que a sorte tenha sido a causa desses feitos. Pois eu teria muito mais argumentos para te demonstrar que são essas pessoas, que opinam o contrário de mim, que se comportam de maneira ímpia, do que eles teriam para dizer a meu respeito; essa gente acredita que os acasos da sorte acontecem da mesma forma tanto para os vis quanto para os excelentes, enquanto que os deuses não ajudariam com maior consideração os homens bons, sendo esses os mais pios.

Certamente, então, é o próprio Sócrates que está falando aqui e acolá.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 12: πάνυ μὲν οὖν → é uma expressão idiomática, muito comum em Platão, para afirmar enfaticamente uma resposta. Segundo Lyra (2022, p. 115): “πάνυ confere ênfase, a partícula μὲν é afirmativa e a partícula οὖν, confirmativa. O emprego dessa combinação é muito comum em início de fala, assinalando a tomada de turno a confirmação cabal da parte do falante em relação ao que o interlocutor acabou de dizer”.

130 Observe que esse trecho reproduz ideias tradicionais de uma visão trágica do mundo, com a qual nem mesmo os mais poderosos estão salvos de destinos infelizes. No caso de Temístocles, um homem exemplar, mesmo com sua grande inteligência, faltou-lhe habilidade para evitar ser exilado e perder sua cidadania. Tarrant (2012, p. 148) compara essa postura de Ésquines com a segunda argumentação apresentada por Platão no *Mênnon*, indicando que a excelência política não pode ser atribuída apenas ao conhecimento, dependendo da θεῖα μοῖρα, um desígnio divino (ver a observação ao fragmento #11). Também é possível interpretar Temístocles como paradigma da μῆτις, a astúcia, tal qual um Odisseu, ver JOUANNO, 2018.

131 O adjetivo ἄθεος (aparecendo como advérbio no texto), literalmente, significa “ateu” ou “sem deus”, porém a questão do ateísmo na Antiguidade é bem complexa e podemos, portanto, compreendê-lo apenas como “ímpio”. Cabe destacar que essa frase lembra a *Apologia* 26c de Platão, no momento em que Sócrates refuta Meleto no tribunal, no que se refere a um dos pontos de sua acusação, dizendo: “cultuo os deuses e não sou ateu de jeito nenhum [νομίζω θεοὺς καὶ οὐκ εἰμι τὸ παράπαν ἄθεος]”. Além disso, Sócrates era considerado uma pessoa estranha, um ἄτοπος, alguém fora do lugar e de uma natureza pouco usual (ἄλλόκοτος). De certa forma, portanto, essa passagem retoma o fantasma da condenação à morte do mestre na produção posterior de seu círculo de seguidores. Saunders (1988, p. 378) também aponta a conexão com a *Apologia* 24c em relação a defesa feita por Sócrates da acusação de corromper a juventude, o que também é discutido por Mársico (2014, p. 127-128).

Linha 15: ὑπηκόους → é um adjetivo que qualifica os que prestam atenção e são dóceis, mas também os súditos, os submissos e os subjugados.

Linha 18: ἐλπίδες → ἐλπίς (“esperança”, “confiança”) está no plural e sendo complementada pelo genitivo “τῆς σωτηρίας”, indicando do que se teria esperança. O fragmento #5 replica essa frase, mas adiciona “περὶ”, o que não é uma construção comum.

Linha 20: πράγματα → πρᾶγμα é extremamente polissêmico, mas pode ser traduzido como “poderio militar” ou “assuntos públicos” (ver *DGP* e *Bailly*). Outras possibilidades seriam “negócios”, “interesses públicos” ou ainda “coisa pública” ou até mesmo “situação”.

Linha 21: ὠφελήσει → A segunda coluna do fragmento G do *P.Oxy. XIII 1608* (imagem e texto grego no Anexo II em *Figura 7*) apresenta uma diferença com o texto encontrado em Élio, pois aparece “ἔμελλεν”, imperfeito do verbo μέλλω (“estar prestes a”) antes de ὠφελήσει (futuro do indicativo), tratando-se apenas de uma diferença entre o futuro analítico (“ia ajudar”) e o sintético (“ajudará”).

Linha 22: ὅτι → Há uma alteração em relação ao *P.Oxy. XIII 1608*: no papiro tem um “ἄρα” (“então”) antes do “ὅτι”, sendo apenas uma partícula que acentua o caráter de conclusão.

Linha 31: τῷ φρονεῖν → o verbo está no infinitivo, mas substantivado pelo artigo no dativo, como complemento de περιγίγνομαι, para informar no que ele prevalecia. Obviamente o verbo está relacionado à φρόνησις (“inteligência”, “prudência”, “sabedoria”, “sensatez” ou até mesmo “perspicácia”), palavra deveras polissêmica e cara ao círculo socrático, mas que optei por traduzir (substantivando o verbo) como “inteligência”, mas ressalto aqui o sentido político de sabedoria prática dado pelo contexto.

Linha 35: ἀφ’ ἡλίου ἀνίσχοντος μέχρι ἡλίου δυομένου → Repare a repetição temática que remete ao início da conversa entre Sócrates e Alcibíades, bem como a palilogia presente com a repetição dessas palavras (ver BRANDÃO, 2011). O sentido procurado aqui é demarcar a imensidão das terras nas quais imperava o rei da Pérsia, sendo possível traduzir como “aquele que reinava sobre tantos povos quanto compreende o percurso do sol do nascente ao poente”.

2.10 - FRAGMENTO #10: UM AMIGO DEVE CENSURAR

Origem:

Autor: Plutarco

Obra: *Como distinguir um adulator de um amigo*

Passagem: §29 (= p. 69e-f)

Edições com o texto original:

- BABBITT, 1927, p. 368
- CEPKO et al., 2021, p. 120
- GIANNANTONI, 1990b, p. 609 (SSR, VI.A.51)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 263 (#79)

Traduções consultadas:

- BABBITT, 1927, p. 369
- CEPKO et al., 2021, p. 121
- DIAS, 2010, p. 146
- MÁRSICO, 2014, p. 389-390 (#1223)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 264 (#79)

Justificativa para inclusão:

Não há menção a Ésquines nem ao *Alcibiades*. Há apenas uma coincidência temática entre o fragmento #8c e este em Plutarco, acerca do desprezo de Sócrates por Alcibiades. Considero ser pouco produtor essa atribuição, uma vez que é algo muito vago, ainda mais quando nos lembramos que há outros três diálogos homônimos que não temos praticamente nenhum fragmento.

Observações:

Em relação ao fragmento #8c, Dittmar (1976, p. 272) apenas remete o leitor para uma passagem de Plutarco¹³², enquanto Giannantoni dá um passo além e cita o texto grego em conjunto com o fragmento de Élio Aristides (SSR, VI.A.51). Tanto Mársico quanto Pentassuglio o consideraram como um fragmento independente, mas a edição posterior de Cepko et al. reproduz o posicionamento anterior de Giannantoni e não isola essa passagem.

Temos aqui, então, um bom exemplo de como a atribuição de fragmentos é feita de forma arbitrária, fruto do *wishful thinking* de filólogos. Babbitt e Dias, por exemplo, nem cogitam relacionar essa passagem a um fragmento de Ésquines, indicando, entretanto, a forte relação com o *Banquete* de Platão, no qual Alcibiades fala sobre sua impressão dos discursos de Sócrates: “meu coração palpita mais forte e as lágrimas escorrem por conta das palavras dele”¹³³. Considero que

¹³² Dittmar usa apenas um “vgl.”, isto é, “vergleiche”. Pentassuglio (2017a, p. 419) aponta que o primeiro a fazer essa correlação foi Hirzel, no séc. XIX.

¹³³ BABBITT, 1927, p. 368; DIAS, 2010, p. 146, nota 117. Platão, *Banquete* 215e: “ἢ τε καρδία πηδᾷ καὶ δάκρυα ἐκχεῖται ὑπὸ τῶν λόγων τῶν τούτου”, texto estabelecido por John Burnet. Pentassuglio (2017a, p. 419) nota a semelhança com essa passagem do

tenha sido mais provável que Plutarco tivesse em mente a passagem do *Banquete* de Platão (por conta da semelhança textual na linha 5), mas nada impede que tivesse havido algo similar em Ésquines ou qualquer um dos outros três socráticos que sabemos que também escreveram um diálogo intitulado *Alcibiades*. Como pretendi incluir todas possíveis atribuições, não deixei de fora essa passagem, porém ela é um indício da discrepância metodológica em relação à classificação de fragmentos duvidosos nesse constructo filológico que perpassa a obra de vários editores.

O contexto desse fragmento exhibe um lastro histórico, pois se insere em um *tópos* já presente antes mesmo da poesia grega arcaica: a instrução de príncipes, monarcas ou tiranos¹³⁴. É um fenômeno da literatura que a tradição posterior intitulou como *speculum principum*, ou seja, o espelho de príncipes, compondo um tema dentro de uma obra, ou mesmo um gênero literário próprio, por onde um autor intenta influenciar a conduta de algum soberano. Nesse fragmento aqui, vemos Plutarco aludindo a esse tema, pois constrói uma simetria entre Sólon e Cresos por um lado e Sócrates e Alcibiades por outro. Afinal, esse *tópos* já era bem conhecido no mundo grego, seja pelo poema *Preceitos de Quíron* atribuído a Hesíodo, ou pela obra de Xenofonte, tanto em relação ao encontro entre o tirano de Siracusa e o poeta Simônides em *Hieron*, quanto na *Ciropédia*, que trata da educação de Ciro II. Contudo, sendo uma temática já milenar e explorada em outras culturas mais antigas, como a *Instrução de Ptahhotep* dos egípcios ou as *Instruções de Shuruppak* dos sumérios.

Texto original estabelecido:

- 1 ἐν τίσιν οὖν σφοδρὸν εἶναι δεῖ τὸν φίλον καὶ πότε τῷ τόνῳ χρῆσθαι τῆς παρρησίας; ὅταν ἡδονῆς ἢ
- 2 ὀργῆς ἢ ὕβρεως ἐπιλαβέσθαι φερομένης οἱ καιροὶ παρακαλῶσιν ἢ κολοῦσαι φιλαργυρίαν ἢ
- 3 ἀπροσεξίαν ἀνασχεῖν ἀνόητον. οὕτως ἐπαρρησιάζετο Σόλων πρὸς Κροῖσον ὑπ' εὐτυχίας ἀβεβαίου
- 4 διεφθορότα καὶ τρυφῶντα, τὸ τέλος ὄρᾶν κελεύσας· οὕτω Σωκράτης Ἀλκιβιάδην ἐκόλουε, καὶ
- 5 δάκρυον ἐξῆγεν ἀληθινὸν ἐξελεγχομένου καὶ τὴν καρδίαν ἔστρεψε.¹³⁵

Tradução:

Em que situações o amigo precisa agir com veemência e quando deve empregar o rigor da franqueza? Sempre que as circunstâncias determinarem a necessidade de conter o prazer, a cólera ou o orgulho que o toma, ou censurar a ganância por dinheiro ou impedir a tola negligência. Foi dessa forma que Sólon falou com franqueza a Cresos a respeito de seu improvável sucesso, ao

Banquete e ainda indica duas outras passagens de Plutarco que retém ideia similar, uma delas fazendo referência ao *Alcibiades I* de Platão.

¹³⁴ Veja HANSEN, 2006; MARTIN, 1984.

¹³⁵ Sigo o texto estabelecido por Babbitt, pois Giannantoni e Pentassuglio abreviam uma parte pequena.

mandá-lo olhar para o seu próprio desfecho, uma vez que naquele momento ele estava arruinado por conta da falta de boa sorte e ainda viva em meio ao luxo¹³⁶. E assim Sócrates censurou Alcibíades e, depois de tê-lo genuinamente refutado, o levou às lágrimas e partiu-lhe o coração.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 2: φερομένης → alguns tradutores ignoraram o particípio φερομένης, mas o considerei ligado ao genitivo partitivo, com o sentido médio de φέρω de “obter”, “carregar consigo”, como apontado em *LSJA.VI.3*.

Linha 2: φιλαργυρίαν → literalmente o amor à prata, ao dinheiro.

Linha 5: ἀληθινὸν → compreendido como neutro acusativo em função adverbial. Outra opção, escolhida pelos outros tradutores, é vincular esse adjetivo à δάκρυον (“lágrimas verdadeiras”).

136 Sólon visitou Creso, rei da Lídia, em Sárdis e esse episódio é narrado por Heródoto em *Histórias* I.30-34. O contexto é que o rei esperava a adulação de seu hóspede ao perguntar quem seria a pessoa mais afortunada, mas Sólon não o escolheu como exemplo, pois acreditava que a vida humana seria instável, sendo preciso esperar que se morra para poder afirmar se a vida de alguém foi ou não realmente afortunada. Creso, apesar de muito rico na ocasião do encontro com Sólon (nesse duplo sentido de riqueza material e felicidade), em um momento posterior, caiu em desgraça e sofreu bastante ao fim da vida, comprovando a anedota atribuída a Sólon.

2.11 - FRAGMENTO #11: O DESÍGNIO DIVINO E A TÉCNICA

Origem:

Autor: Élio Aristides

Obra: *Contra Platão: Em defesa da Retórica*

Passagem: Livro I §61-64 (= Dindorf p. 19-20 = Jebbs p. 17-18 = *Orat.* XLV, II)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 126
- DITTMAR, 1976, p. 272-274 (#11)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 609-610 (*SSR*, VI.A.53)
- LENZ; BEHR, 1976, p. 163-164
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 264 (#81)

Traduções consultadas:

- BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 186-187 (#6.19a-b)
- CEPKO et al., 2021, p. 127
- FIELD, 2012, p. 149
- GASCÓ; VERGER, 1987, p. 287-288
- GIANNANTONI, 1990a, p. 591
- KAHN, 1998, p. 21
- MALLETT, 2013, p. 226
- MÁRSICO, 2014, p. 390-391 (#1225)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 265 (#81)
- SAUNDERS, 1988, p. 378-379
- TARRANT, 2012, p. 148

Justificativa para inclusão:

É uma nítida citação que o autor atribui a Ésquines, porém não aparece menção ao título do diálogo, entretanto Alcibiades é mencionado.

Observações:

Esse fragmento de Ésquines permite fazer uma analogia com a distinção entre *virtù* e *fortuna* encontrada em *O Príncipe* de Maquiavel e argumentar que haveria um paralelo na Grécia Clássica. Isso porque há uma dicotomia expressa por uma oposição entre o empenho obtido pelo conhecimento individual (a τέχνη neste fragmento) e o acaso da sorte (compreendido dentro de um mundo divinizado, com a noção de θεῖα μοῖρα). Contudo, nesse pensamento grego, o agir político (representado pela figura de Alcibiades, mas também por Temístocles em outros fragmentos) não é livre da ação dos desígnios divinos, enquanto que o saber, no meio socrático, de nada vale se não

estiver conjugado com o alto rigor da excelência moral (ἀρετή). Vinculado a isso, Mársico (2014, p. 112-113) aponta como a noção de θεῖα μοῖρα em Ésquines indica que a ação individual é revestida de piedade, pois a busca da virtude como conhecimento de si é enquadrada dentro de uma visão de mundo regida por princípios divinos.

Essa noção da influência da esfera divina nas ações humanas é muito importante no círculo socrático, pois Sócrates era capaz de perceber um sinal divino, ao qual ele se refere como daímon (δαίμων ou δαιμόνιον), sendo que isso aparece tanto em Platão quanto em Xenofonte, mas sem referências em Ésquines. Esse aspecto divino também está relacionado ao eros (ἔρως), pois permitia a Sócrates reconhecer quem deveria amar (e com isso educar)¹³⁷, mas servindo ainda para pontuar as duas vias (o conhecimento humano ou o acesso ao divino) por onde alguém poderia auxiliar o outro a se tornar uma pessoa melhor¹³⁸, ao mesmo tempo em que explica porque as virtudes não seriam nem inatas e nem ensináveis¹³⁹. Em suma, no pensamento de matriz socrática não há o rompimento com o divino, pois nenhuma questão epistemológica ou ética está alheia aos dons distribuídos pelos deuses.

Texto original estabelecido:

1 φέρε δὴ καὶ ἑτέραν “ἐκ τοῦ αὐτοῦ γυμνασίου”, ἔφη Πλάτων, μαρτυρίαν ἀντ’ εἰκόνοσ παρασχῶμαι.
 2 οὐ γάρ που δυσχερανεῖ Πλάτων, ἐὰν Αἰσχίνης ἐπισηφίση Πλάτωνος εἰπόντος “Εγὼ δ’ εἰ μὲν τι
 3 τέχνη ὄμην δύνασθαι ὠφελεῖσαι, πάνυ ἂν πολλὴν ἑμαυτοῦ μωρίαν κατεγίγνωσκον· νῦν δὲ θεῖα
 4 μοῖρα ὄμην μοι τοῦτο δεδόσθαι ἐπ’ Ἀλκιβιάδην. καὶ οὐδέν γε τούτων ἄξιον θαυμάσαι.” ἀκούεις
 5 ἀνδρὸς ἑταίρου καὶ τὸν αὐτόν σοι σοφώτατον νομίζοντος, προσθήσω δ’ ὅτι καὶ τῷ αὐτῷ τοὺς
 6 λόγους ἀνατιθέντος, ὥπερ καὶ σὺ τούτους. οὐ χρῆ, φησὶν, θαυμάζειν, ὃ Πλάτων, εἴ τις καὶ τέχνην
 7 μὴ κτησάμενος οἷός τ’ ἐστὶν ὠφελεῖν ἀνθρώπους. “πολλοὶ γὰρ καὶ τῶν καμνόντων ὑγιεῖς γίνονται
 8 οἱ μὲν ἀνθρωπίνη <τέχνη>, οἱ δὲ θεῖα μοῖρα. ὅσοι μὲν οὖν ἀνθρωπίνη τέχνη, ὑπὸ ἰατρῶν
 9 θεραπευόμενοι, ὅσοι δὲ θεῖα μοῖρα, ἐπιθυμία αὐτοὺς ἄγει ἐπὶ τὸ ὀνήσον· καὶ τότε ἐπεθύμησαν
 10 ἐμέσαι, ὅποτε αὐτοῖς ἔμελλε συνοίσειν, καὶ τότε κυνηγετῆσαι, ὅποτε συνοίσειν ἔμελλεν πονῆσαι”.
 11 Ἡράκλεις, ὡς διαρρήδην καὶ περιφανῶς Αἰσχίνης ὁ τοῦ Πλάτωνος συμφοιτητῆς μαρτυρεῖ Πλάτωνι
 12 ταῦθ’ ἃ μικρῷ πρόσθεν παρεσχόμεθα αὐτοῦ πολλῶ καὶ ἀνθρωπινώτερα καὶ πρὸς θεῶν εἶναι
 13 καλλίονα ὧν ἔνεκα τοῦ παραδόξου συνεσκεύακεν. οὐκοῦν αὐτός τε μαρτυρῶν ἡμῖν ὥσπερ ὑπὸ

137 A partir de Pentassuglio (2017a, p. 421) que destaca Platão, *Lísis* 204c: “de alguma forma, isso me foi ofertado pelo divino: reconhecer rapidamente, na medida do possível, tanto o amado quanto o amante [τοῦτο δέ μοι πως ἐκ θεοῦ δέδοται, ταχὺ οἷφ τ’ εἶναι γνῶναι ἐρῶντά τε καὶ ἐρώμενον]” (texto grego estabelecido por W. Lamb). Essa conexão é expressa por Ésquines no fragmento #12, quando Sócrates diz estar tão fora de si quanto uma bacante em relação ao amor inicial por Alcibíades.

138 A relação de ser útil para alguém (ὠφελεῖν) pela técnica ou pelo desígnio divino, ver em GIANNANTONI, 1990a, p. 591; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 422. Acerca disso, veja também as observações no próximo fragmento.

139 Platão, *Ménon* 99e: “a virtude não está nem no que é inato, nem no que é aprendido, mas é materializada pela assistência do desígnio divino [ἀρετὴ ἂν εἴη οὔτε φύσει οὔτε διδακτόν, ἀλλὰ θεῖα μοῖρα παραγινομένη]” (texto grego estabelecido por W. Lamb), como indicado por TARRANT, 2012, p. 148; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 422.

- 14 κήρυκος ἀνὴρ φαίνεται καὶ τὴν τοῦδε μαρτυρίαν ὥσπερ ἐπισφραγίζεται· τοὺς γὰρ πρὸς ἡμῶν αὐτοῦ
 15 λόγους κυροῖ.¹⁴⁰

Tradução:

Vejamos bem, em de vez de uma imagem, vou apresentar agora um testemunho “proveniente da mesma escola”¹⁴¹, como dizia Platão. Afinal, ele de modo algum se incomodaria se Ésquines expressasse sua aprovação com as seguintes palavras: “Se eu acreditasse que alguma técnica pudesse ser útil, com certeza acusaria a mim mesmo de ser muito tolo, mas, na realidade, suponho que isso tenha sido concedido a mim por um desígnio divino no que diz respeito a Alcibiades. E, de fato, não vale a pena se espantar com nada disso”. Você está escutando isso de um companheiro seu, considerado por você o mais sábio de todos, e eu ainda acrescentarei que Ésquines estava atribuindo os discursos ao próprio, àquele mesmo a quem você também os imputa¹⁴². Você não deve se espantar, Platão, diz ele, se alguém que não possui técnica, ainda assim for útil às pessoas¹⁴³: “Pois muitos dos que estão enfermos também se tornam saudáveis, uns pela técnica humana, outros pelo desígnio divino¹⁴⁴. Enquanto alguns são, pela técnica humana, tratados por médicos, outros, pelo desígnio divino, uma vontade os conduz ao que lhes será benéfico e, nesse momento, eles desejam vomitar, porque isso estava a ponto de ocorrer; em seguida, a caçar com cães, porque já tinham condições de suportar as fadigas¹⁴⁵”. Por Herácles! Quão explícito e evidente Ésquines, o colega de estudos de Platão, testemunha, em favor de Platão, que esses argumentos (os quais há pouco apresentamos) são mais humanos e mais belos aos olhos dos deuses do que aqueles

140 Sigo o texto estabelecido pela edição crítica de Lenz e Behr.

141 Essa frase se relaciona à passagem 493d do *Górgias* de Platão, na qual Sócrates diz: “te conto outra imagem proveniente da mesma escola [ἄλλην σοι εἰκόνα λέγω ἐκ τοῦ αὐτοῦ γυμνασίου]” (texto grego estabelecido por W. Lamb), ver GASCÓ; VERGER, 1987, p. 287, nota 37; MÁRSICO, 2014, p. 391, nota 66; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 421. Os comentários a respeito de qual seria a tal escola são vastos, por exemplo, uns sugerem Empédocles, outros os pitagóricos, mas, na prática, não há como ter certeza.

142 Élio Aristides não diz, mas subentende-se que ele toma o discurso do personagem Sócrates (presente na obra de Ésquines) como algo verdadeiro que o próprio Sócrates histórico poderia ter dito, ou seja, já há aqui a questão socrática tão debatida na virada do séc. XIX para o XX.

143 A filosofia de Platão indica, em vários momentos, que é preciso ter conhecimento para se ter alguma excelência e saber como agir corretamente. Élio, então, está usando Ésquines para refutar Platão em relação a isso não ser tão fundamental, usando as próprias palavras de Sócrates encontradas no diálogo escrito por Ésquines. É interessante notar que o Sócrates de Ésquines é mais próximo do Sócrates da *Apologia* de Platão, pois em um autor ele não reconhece ter uma técnica, em outro ele é cômico de dos limites de sua sabedoria.

144 Podemos perceber que a noção de θεῖα μοῖρα em Ésquines é posta em oposição à técnica e se fundamenta no eros pedagógico de Sócrates, ver MALLETT, 2013.

145 Na época de Ésquines, o templo de Asclépio era bem popular e promovia curas por meio da incubação, não havendo apenas a técnica médica (ιατρική) típica dos médicos hipocráticos, considerados filhos de Asclépio, como bem observa CEPKO et al., 2021, p. 129-130. O exemplo do vômito citado por Élio nos soa estranho hoje em dia, mas havia uma relação causal direta, pois acreditava-se que Asclépio, por meio de seus ajudantes, operava nos incubantes e os conduzia a vômitos, restaurando assim a condição física deles, ver EHRENHEIM, 2019, §24.

que ele tinha preparado por causa de um paradoxo¹⁴⁶. Sendo assim, Ésquines¹⁴⁷ testemunha para nós do mesmo modo que um homem se torna manifesto por um mensageiro, e confirma o testemunho de Platão¹⁴⁸, pois ratifica os argumentos dele em nosso favor.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 3-4: μωρίαν θεία μοίρα → Note que existe um pequeno jogo de palavra entre μωρία (“loucura”, “tolice”) e μοίρα (“parte”, “destino”). A expressão θεία μοίρα é um dativo de vantagem, podendo ser traduzido como “compartilha com o divino”, para destacar a relação de parte e todo.

Linha 5: ἑταίρου → ἑταῖρος não é apenas o “companheiro”, mas também o “pupilo” ou “discípulo”, tendo havido variações nas traduções consultadas.

Linha 11: συμφοιτητής → é o colega de escola, mas Gascó e Verger preferem traduzir como “Ésquines, o discípulo de Platão”, afirmando, na nota 40, que esse termo ainda se refere aos que praticavam a incubação no templo de Asclépio (o que é reforçado por PENTASSUGLIO, 2017a, p. 423, mas que opta por “condiscepolo”).

146 Antes da passagem exposta aqui, Élio Aristides havia utilizado o próprio texto de Platão (principalmente o *Fedro* 243e-245b, em relação à μανία) para refutá-lo com relação ao saber das pessoas que não tem técnica, mas que são inspiradas pelo divino. Essa argumentação começa no §50 e o objetivo de Élio em citar essa passagem de Ésquines é realçar que há proveito no conhecimento não adquirido pela técnica.

147 Mársico, Gascó e Verger já traduzem diretamente o pronome αὐτός (“ele”, “o mesmo”) por Ésquines, o que me parece coerente. Aparentemente, Élio compreende Ésquines como um mensageiro de Sócrates, como se o que foi escrito por Ésquines fosse um testemunho fiel do que fora dito por Sócrates.

148 Mársico, Pentassuglio, Gascó e Verger identificam, na tradução, o pronome τοῦδε com Platão. Lembrando que Élio está usando Ésquines para refutar Platão

2.12 - FRAGMENTO #12: UM AMOR IGUAL AO DA BACANTE

Origem:

Autor: Élio Aristides

Obra: *Contra Platão: Em defesa da Retórica*

Passagem: Livro I §74 (= Dindorf p. 23-24 = Jebbs p. 20 = *Orat.* XLV, II)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 127
- DITTMAR, 1976, p. 272-274 (#11)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 609-610 (*SSR*, VI.A.53)
- LENZ; BEHR, 1976, p. 166-167
- PAȘCALĂU, 2013, p. 234
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 265 (#82)

Traduções consultadas:

- BOYS-STONES; ROWE, 2013, p. 187 (#6.19c)
- CEPKO et al., 2021, p. 127-128
- FIELD, 2012, p. 149
- GASCÓ; VERGER, 1987, p. 290-291
- GIANNANTONI, 1990a, p. 591
- KAHN, 1998, p. 21
- MALLETT, 2013, p. 226
- MÁRSICO, 2014, p. 391-392 (#1226)
- PAȘCALĂU, 2013, p. 234
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 265-266 (#82)
- SAUNDERS, 1988, p. 379
- TARRANT, 2012, p. 149

Justificativa para inclusão:

No contexto maior do discurso de Élio Aristides, fica claro que é uma passagem atribuída a Ésquines, pois isso é explícito um pouco mais à frente (em §76-77), mas a indicação de que seria proveniente do *Alcibiades* não se encontra no próprio texto e, possivelmente, é derivada da suposição posterior, devido ao nome do general aparecer aqui.

Observações:

Segundo Giannantoni (1990a, p. 591), este fragmento permite deduzir que haveria dois caminhos possíveis para tornar alguém melhor, uma via pelos ensinamentos (*μαθήματα*) e outra, optada por Sócrates, pelo amor (*ἔρως*) que almeja obter a virtude (*ἀρετή*), retomando assim uma oposição já presente no fragmento anterior, no qual também foi destacado a influência do divino,

aqui representado pelo transe das bacantes que estão participando dos rituais em homenagem a Dioniso. Tal tipo de argumentação apresenta certa semelhança conceitual com o que foi discutido por Platão em relação à inspiração divina, tanto em crítica negativa, como no *Íon*, quanto de forma positiva, como no *Fedro*¹⁴⁹.

Atente-se para o fato de que Élio afirma que alguém termina o diálogo nesse ponto, mas não especificou, em nenhuma parte do seu texto, que estaria falando do *Alcibiades* e nem explicitou quem seria o sujeito do verbo “τελευτᾷ” (linha 6), pois poderia ser o Ésquines, como o escritor do diálogo, ou mesmo Sócrates, o personagem que estava falando nesse trecho citado. Além disso, a palavra διάλογος pode se referir tanto ao diálogo compreendido apenas como uma conversa, quanto ao livro publicado nesse gênero textual conhecido como diálogo socrático. Dada essa dualidade, e a omissão em nomear o diálogo, não vejo motivos para afirmar com convicção que o *Alcibiades* de Ésquines terminaria com essa argumentação e com isso reforço minha crítica aos critérios de ordenação dos fragmentos.

Texto original estabelecido:

- 1 διὸ καίπερ μαρτυρία χρώμενος ἠναγκάσθην αὐτὸς μαρτυρεῖν τῷ λόγῳ, ἐπάνειμι δ' αὖθις πρὸς τὰ
- 2 λοιπὰ τῆς μαρτυρίας “ἐγὼ δὲ διὰ τὸν ἔρωτα ὃν ἐτύγγανον ἐρῶν Ἀλκιβιάδου οὐδὲν διάφορον τῶν
- 3 Βακχῶν ἐπεπόνθειν. καὶ γὰρ αἱ Βάκχαι ἐπειδὴν ἔνθεοι γένωνται, ὅθεν οἱ ἄλλοι [ἐκ τῶν φρεάτων]
- 4 οὐδὲ ὕδωρ δύνανται ὑδρεύεσθαι, ἐκεῖναι μέλι καὶ γάλα ἀρύονται. καὶ δὴ καὶ ἐγὼ οὐδὲν μάθημα
- 5 ἐπιστάμενος ὃ διδάξας ἄνθρωπον ὠφελήσαιμι ἂν, ὅμως ὄμην ξυνὼν ἂν ἐκείνῳ διὰ τὸ ἐρᾶν βελτίω
- 6 ποιῆσαι.” ἐνταῦθα τελευτᾷ τῶν διαλόγων οὐ διὰ αἰνιγμάτων, οὐδὲ ὑπονοίας, οὐδὲ τρόπον τινὰ
- 7 ταῦτὰ λέγων ἡμῖν, ἀλλ' ὥσπερ ἐξεπίτηδες εἰς τὴν χρεῖαν πεποιηκώς.¹⁵⁰

Tradução:

Eis porque, embora dispondo de um testemunho, eu mesmo fui forçado a confirmar o discurso e mais uma vez retorno ao restante da citação: “Eu, por causa do amor¹⁵¹ que calhava de sentir por Alcibiades, em nada me sentia distinto das bacantes¹⁵². Pois de fato as bacantes, quando ficam inspiradas pelo divino, obtêm mel e leite¹⁵³ de fontes de onde os outros não conseguem sequer

149 Platão, no *Fedro* 244a, elogia a loucura (μανία) de origem divina, isto é, a inspiração profética, porém no *Íon*, principalmente em 533e, o julgamento sobre os poetas inspirados (ἔνθεος) é depreciativo.

150 Sigo o texto estabelecido pela edição crítica de Lenz e Behr.

151 O amor aqui é o famoso eros socrático, mas lembrando que, ao contrário do que uma leitura cristianizada e moralista deseja perverter, o ἔρος expressa melhor o desejo ardente, isto é, tem algo de carnal em seu sentido. Note ainda que Alcibiades e Sócrates são apontados como namorados em diversas fontes antigas. Logo, uma tradução mais provocativa, porém ainda possível, seria: “por conta do tesão que eu gozava por Alcibiades”.

152 As bacantes eram as seguidoras do deus Dioniso, conhecidas por entrarem em contato com seu lado lascivo por meio de rituais religiosos, tendo sido eternizadas pela tragédia de Eurípedes, *As Bacantes*.

153 O mel e o leite são elementos do culto de Dioniso, representando um signo de abundância, e aparecendo também na tragédia de Eurípedes e no *Íon* e *Fedro* de Platão, como discutido por Paşcalău (2013), o qual aborda essa metáfora em relação ao eros e a

tirar água. Além disso, mesmo eu não conhecendo nenhum ensinamento, com o qual ao ensiná-lo pudesse beneficiar o homem, pensava, todavia, que estando junto a ele, teria o tornado melhor através do amor”. Ele finalizou a conversação nesse ponto, sem enigmas, nem suposições, nem falando o mesmo que nós, mas como se tivesse feito isso de propósito, devido à necessidade do argumento.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 6: τελευτῆ τῶν διαλόγων → note que διάλογος está no plural, no sentido de “as conversas”, e não no singular “o diálogo”, logo, como apontado nas observações, reforço o sentido de que não se trataria de uma referência ao diálogo *Alcibiades*, mas às conversas de Sócrates.

Alcibiades, concluindo que Platão criticaria Ésquines ao negar a possibilidade de encontrar mel e leite, ou seja, características positivas, na alma do general (Ibid., p. 242-243).

2.13 - FRAGMENTO #13: O AMOR DE SÓCRATES

Origem:

Autor: Plutarco

Obra: *Vida de Alcibiades*

Passagem: IV, §1-4 (= p. 193a-d)

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 135
- CHAMBRY; FLACELIÈRE, 1964, p. 121-122
- GIANNANTONI, 1990c, p. 52-53 (*SSR*, I.C.25)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 266 (#83)
- PERRIN, 1916, p. 8-12

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 135-136
- CHAMBRY; FLACELIÈRE, 1964, p. 121-122
- FIALHO; RODRIGUES, 2012, p. 33-35
- JIMÉNEZ; ORTIZ, 2009, p. 134-135
- MÁRSICO, 2014, p. 392-393 (#1227)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 266 (#83)
- PERRIN, 1916, p. 9-13

Justificativa para inclusão:

Nem o diálogo, nem o nosso autor foram mencionados por Plutarco. Contudo, há uma ligação temática muito tênue com as questões discutidas no *Alcibiades* de Ésquines: o eros paidêutico e o envolvimento amoroso entre Sócrates e Alcibiades (mas também Anito).

Observações:

Na seção sobre Ésquines do *SSR* de Giannantoni apenas encontramos uma referência a esse fragmento¹⁵⁴, pois o texto dele foi publicado em outra seção, como um testemunho sobre a vida de Sócrates¹⁵⁵. No entanto, Mársico e Pentassuglio apresentam o texto de Plutarco como um fragmento isolado do *Alcibiades* de Ésquines, porém divergindo quanto à extensão da passagem citada, pois Mársico traduziu o texto inteiro indicado por Giannantoni, enquanto Pentassuglio focou na parte final. Optei por seguir Mársico e Giannantoni, uma vez que esse recorte maior¹⁵⁶, mesmo extrapolando qualquer relação com Ésquines, ajuda a compreender o sentido básico de eros, como desejo de conotação sexual, exemplificado pelas relações homoafetivas existentes nas relações de

154 GIANNANTONI, 1990b, p. 610.

155 GIANNANTONI, 1990c, p. 52.

156 Ressalto que há uma tradução, em português, do texto completo de Plutarco feita por Fialho e Rodrigues.

paideía entre o amante e o amado (isto é, o par ἐραστής e ἐρώμενος). Todo esse contexto confere um certo tom homoerótico à passagem de Plutarco, mesmo que ele reitere o que Platão diz no *Banquete* sobre a relação entre Alcibíades e Sócrates não envolver sexo, apesar das investidas do jovem¹⁵⁷.

Logo, no círculo socrático, o amor não se resume ao prazer, no sentido originário de desejo sexual, mas abrange a busca por conhecimento, pois “o amor é desejo de melhoramento [...] é a abertura para o outro que deseja seu impulso para o melhor e recebe em troca uma atitude positiva de reconhecimento”¹⁵⁸. Contudo, as relações eróticas entre os socráticos envolvem também rancores e ciúmes, como já apontado na nota 23 da *Introdução*, ao comentar a rivalidade entre Aristipo, Platão e Ésquines, sendo que essa passagem de Plutarco indica ainda o triângulo amoroso entre Sócrates, Alcibíades e Anito, sendo este último o grande personagem por trás da condenação de Sócrates à morte¹⁵⁹.

Texto original estabelecido:

1 ἤδη δὲ πολλῶν καὶ γενναίων ἀθροισμένων καὶ περιεπόντων, οἱ μὲν ἄλλοι καταφανεῖς ἦσαν αὐτοῦ
 2 τὴν λαμπρότητα τῆς ὥρας ἐκπεπληγμένοι καὶ θεραπεύοντες, ὁ δὲ Σωκράτους ἔρωσ μέγα μαρτύριον
 3 ἦν τῆς πρὸς ἀρετὴν εὐφυΐας τοῦ παιδός, ἣν ἐμφαινομένην τῷ εἶδει καὶ διαλάμπουσαν ἐνορῶν,
 4 φοβούμενος δὲ τὸν πλοῦτον καὶ τὸ ἀξίωμα καὶ τὸν προκαταλαμβάνοντα κολακείαις καὶ χάρισιν
 5 ἀστῶν καὶ ξένων καὶ συμμάχων ὄχλον, οἷος ἦν ἀμύνειν καὶ μὴ περιορᾶν ὥσπερ φυτὸν ἐν ἄνθει τὸν
 6 οἰκεῖον καρπὸν ἀποβάλλον καὶ διαφθεῖρον. οὐδένα γὰρ ἢ τύχη περιέσχεν ἔξωθεν οὐδὲ περιέφραξε
 7 τοῖς λεγομένοις ἀγαθοῖς τοσοῦτον ὥστ’ ἄτρωτον ὑπὸ φιλοσοφίας γενέσθαι καὶ λόγοις ἀπρόσιτον
 8 παρρησίαν καὶ δηγμὸν ἔχουσιν, ἀλλ’ Ἀλκιβιάδης εὐθύς ἐξ ἀρχῆς θρυπτόμενος καὶ ἀποκλειόμενος
 9 ὑπὸ τῶν πρὸς χάριν ἐξομιλούντων εἰσακοῦσαι τοῦ νοθετοῦντος καὶ παιδεύοντος, ὅμως ὑπ’ εὐφυΐας
 10 ἐγνώρισε Σωκράτη καὶ προσήκατο, διασχὼν τοὺς πλουσίους καὶ ἐνδόξους ἐραστάς. ταχὺ δὲ
 11 ποιησάμενος συνήθη καὶ λόγων ἀκούσας οὐχ ἡδονὴν ἀνανδρον ἐραστοῦ θηρεύοντος οὐδὲ
 12 φιλήματα καὶ ψεύσεις προσαιτοῦντος, ἀλλ’ ἐλέγχοντος τὰ σαθρὰ τῆς ψυχῆς αὐτοῦ καὶ πιεζοῦντος
 13 τὸν κενὸν καὶ ἀνόητον τύφον, “ἔπηξ’ ἀλέκτωρ δοῦλος ὧς κλίνας πτερόν”. καὶ τὸ μὲν Σωκράτους
 14 ἠγήσατο πρᾶγμα τῷ ὄντι θεῶν ὑπηρεσίαν εἰς νέων ἐπιμέλειαν εἶναι καὶ σωτηρίαν, καταφρονῶν δ’
 15 αὐτὸς ἑαυτοῦ, θαυμάζων δ’ ἐκεῖνον, ἀγαπῶν δὲ τὴν φιλοφροσύνην, αἰσχυνόμενος δὲ τὴν ἀρετὴν,
 16 ἐλάνθανεν εἶδωλον ἔρωτος, ὧς φησιν ὁ Πλάτων, ἀντέρωτα κτώμενος, ὥστε θαυμάζειν ἅπαντας
 17 ὁρῶντας αὐτὸν Σωκράτει μὲν συνδειπνοῦντα καὶ συμπαλαίοντα καὶ συσκηνοῦντα, τοῖς δ’ ἄλλοις

157 Platão no *Banquete* 217b-e e 219b-d.

158 MÁRSICO, 2014, p. 113, tradução minha.

159 Na minha dissertação de mestrado abordo o perfil de Anito (CARVALHAR, 2020a, p. 40-44), indicando (na nota 83) que há divergências nas fontes quanto a quem Anito amava, se Alcibíades ou Sócrates. Também trato, exclusivamente sobre o tema da corrupção de jurados feita por Anito em um processo dez anos antes do julgamento de Sócrates em um artigo (CARVALHAR, 2020b).

- 18 ἔρασταῖς χαλεπὸν ὄντα καὶ δυσχεῖρωτον, ἐνίοις δὲ καὶ παντάπασι σοβαρῶς προσφερόμενον, ὥσπερ
 19 Ἄνύτῳ τῷ Ἄνθεμίῳνος.¹⁶⁰

Tradução:

Desde cedo, muitos bem-nascidos se apinhavam ao redor de Alcibíades e o paparicavam, enquanto outros lhe eram atenciosos, visivelmente atordoados com o esplendor da sua beleza, porém o amor¹⁶¹ que Sócrates nutria por ele era uma prova robusta da boa natureza do jovem em relação à virtude, a qual ele, vendo transparecer e resplandecer pela sua beleza física, mas temendo a influência de sua riqueza e boa reputação, e também a multidão de cidadãos, estrangeiros e aliados que se antecipavam para conquistá-lo com lisonjas e favores, como se fosse para protegê-lo, procurava não ficar indiferente tal qual uma planta em flor que tem o próprio fruto perdido e destruído¹⁶². Com efeito, a sorte nunca encastelou nem isolou ninguém com os chamados bens, a ponto de tornar-se invulnerável à filosofia e impassível aos discursos que possuem franqueza e dão picadas¹⁶³. Porém, logo de início, Alcibíades estava entregue à devassidão e impedido, pelos que buscavam sua companhia para lhe ser agradável, de dar ouvidos a quem o advertia e ensinava. Contudo, por conta de sua boa natureza, relacionou-se com Sócrates e dele se aproximou, afastando-se dos ricos e estimados amantes. Rapidamente se fez íntimo, e tendo ouvido as palavras do amante que não ia ao enalço do prazer indigno ao homem, nem demandava beijos e carícias, mas que refutava as inconsistências de sua própria alma e encurralava sua vã e irrefletida soberba, “como um escravo, o galo temeu baixando a asa”¹⁶⁴. Por um lado ele acreditava que a tarefa de Sócrates era realmente um serviço divino para o cuidado e salvação dos jovens, por outro, não se preocupando consigo mesmo, o admirando, apaixonado pela sua gentil amizade e com vergonha de sua virtude, não notou uma “imagem do amor”, como diz Platão¹⁶⁵, adquirindo um “amor correspondido”, de tal modo que todos se admiravam vendo-o jantar junto a Sócrates, treinar luta com ele e dormir debaixo da mesma tenda¹⁶⁶, enquanto com os outros amantes ele era duro e difícil de subjugar, comportando-se com alguns de modo deveras arrogante, como por exemplo com Anito, filho de Antemião.

160 Sigo o texto grego estabelecido na edição crítica de Chambry e Flacelière.

161 Kahn (1998, p. 18) considera que Ésquines seria o criador da noção socrática de ἔρως, pois, por mais que ela tenha surgido com o Sócrates histórico, os diálogos são posteriores e *Aspásia* e *Alcibiades* seriam os precursores.

162 Possível duplicidade de sentido quando à perda de si mesmo que o amado (como um fruto a ser cultivado) poderia sofrer, do ponto de vista moral, mas também da virgindade dele que poderia ser deflorada e consumida por outros.

163 O efeito da filosofia socrática é considerado como uma picada, pois Platão compara Sócrates com uma arraia-elétrica no *Mênon* 79e-80a e com um moscardo na *Apologia* 30e, bem como no *Banquete* 218a, o próprio Alcibíades diz que foi mordido pela filosofia socrática.

164 A edição de Perrin indica ser um verso em trimetro iâmbico e a tradução de Jiménez e Ortiz atribui este fragmento ao poeta trágico Frínico. A briga de galo era uma competição comum no meio aristocrático e dar um galo de presente é um ato envolvido no contexto de pederastia, sendo comum nas representações pictóricas de vasos áticos.

165 Platão, *Fedro* 255d-e, passagem na qual também aparece “εἰδῶλον ἔρωτος ἀντέρωτα”. O contexto aludido é o amor de Zeus pelo troiano Ganimedes.

166 Alusão à Batalha de Potideia, na qual Alcibíades e Sócrates guerrearam, ver Platão, *Banquete* 219e.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 2: τῆς ὥρας → ὥρα essencialmente significa uma porção de tempo, daí os sentidos de “frescor da juventude” e “beleza”.

Linha 4-5: προκαταλαμβάνοντα συμμάχων → observe que tanto o verbo προκαταλαμβάνω (“apoderar-se”, “conquistar”) quanto σύμμαχος (literalmente: “o que luta junto”) são vocabulários de guerra, trazendo um sentido de batalha pela conquista amorosa.

Linha 7-8: λόγοις διγγμὸν → διγγμός pode significar simplesmente “palavra mordaz” e os tradutores consultados optaram por adaptá-la como se fosse um adjetivo de λόγοις, porém preferi destacar o sentido mais originário, de “mordida” e “picada”.

Linha 9: ὑπὸ τῶν πρὸς χάριν ἐξομιλούντων → o verbo ἐξομιλέω pode significar “ter relações sexuais” (*LSJ*), enquanto πρὸς χάριν indicaria se tratar de uma relação que envolve favores, os quais faziam parte da pederastia. Ou seja, seria possível traduzir por “por causa de seus parceiros com quem tinha relações por favores”, mas acabei optando por algo mais neutro e dentro do padrão das traduções consultadas.

2.14 - FRAGMENTO #14: VÍCIOS DA ALMA

Origem:

Autor: Cícero

Obra: *Discussões Tusculanas*

Passagem: livro III.32, §77-78

Edições com o texto original:

- BASSETTO, 2014, p. 294
- CEPKO et al., 2021, p. 103 e 122
- DITTMAR, 1976, p. 267 e 272 (#6 e #10)
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 e 609 (*SSR*, VI.A.47 e 52)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 e 264 (#71 e #80)

Traduções consultadas:

- BASSETTO, 2014, p. 295
- CEPKO et al., 2021, p. 104 e 122
- GONZÁLEZ, 2006, p. 320-321
- MÁRSICO, 2014, p. 384 e 390 (#1217 e #1224)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 e 264 (#71 e #80)

Justificativa para inclusão:

Considero pouco produtora a atribuição deste fragmento, pois não há menção alguma a Ésquines, muito menos ao seu *Alcibiades*. A maior justificativa, portanto, seria a relação temática com o efeito da refutação socrática (ἔλεγχος) em Alcibiades, o qual aparece no fragmento #8c e se reflete também no próximo fragmento, encontrado em Agostinho.

Observações:

Além de não mencionar Ésquines, Cícero estava, próximo a esta passagem encontrada nas *Discussões Tusculanas*, tratando de Crisipo, um estoico discípulo de Cleanto, autor de um livro sobre ética chamado *Sobre as emoções*. Sabendo que Alcibiades é dotado de atitudes passionais, representando a figura da desmedida, não seria nada improvável que este autor também o mencionasse como exemplo oposto ao ideal de moderação estoico, tanto é que a mesma passagem é retomada em uma coleção de fragmentos de Crisipo, ao discutir os dois tipos de julgamento necessários para a ocorrência de afetos¹⁶⁷.

¹⁶⁷ TIELEMAN, 2003, p. 169-170.

O paralelo textual e temático com os outros fragmentos de Ésquines é discutido por Dittmar e Pentassuglio¹⁶⁸, bem como por Merkelbach¹⁶⁹, que indica a semelhança entre os fragmentos #14b e #20, por conta do efeito causado pela beleza de Alcibiades. Os editores e tradutores separaram esta passagem encontrada em Cícero em dois fragmentos distintos, mas as considereirei como um único, pois o texto original é contínuo e tendo a não aceitar a ordenação dos fragmentos. Sendo assim, para manter uma compatibilidade com esses editores¹⁷⁰, indico abaixo a numeração:

- #14a (= Dittmar #6, Giannantoni #47, Mársico #1217, Pentassuglio #71);
- #14b (= Dittmar #10, Giannantoni #52, Mársico #1224, Pentassuglio #80);

Texto original estabelecido:

1 [#14a] Quid enim dicemus, cum Socrates Alcibiadi persuasisset, ut accepimus, eum nihil hominis
 2 esse nec quicquam inter Alcibiadem summo loco natum et quemvis baiolum interesse, [#14b] cum
 3 se Alcibiades adflectaret lacrimansque Socrati supplex esset, ut sibi virtutem traderet
 4 turpitudinemque depelleret, quid dicemus, Cleanthe? num in illa re, quae aegritudine Alcibiadem
 5 adficiebat, mali nihil fuisse? Quid? illa Lyconis qualia sunt? qui aegritudinem extenuans parvis ait
 6 eam rebus moveri, fortunae et corporis incommodis, non animi malis. Quid ergo? illud, quod
 7 Alcibiades dolebat, non ex animi malis vitiisque constabat?¹⁷¹

Tradução:

[#14a] A respeito daquilo que ouvimos falar, o que diríamos, então, sobre quando Sócrates persuadira Alcibiades de que, mesmo tendo nascido na classe mais alta¹⁷², não havia nenhuma diferença entre ele e um mero carregador, [#14b] uma situação com a qual Alcibiades se afligia e, chorando, suplicava a Sócrates para que lhe ensinasse a virtude e afastasse a infâmia? Que diríamos, Cleanthe? Por acaso naquela situação, a qual infligia a Alcibiades uma doença¹⁷³, não haveria nenhum mal? Por quê? Como avaliariamos as palavras de Lícon¹⁷⁴? O qual diz, diminuindo os

168 DITTMAR, 1976, p. 99-100; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 78.

169 MERKELBACH, 1958, p. 107.

170 Note que CEPKO et al., 2021 segue a numeração de Giannantoni.

171 Sigo o texto estabelecido por Bassetto.

172 Sobre o *pedigree* familiar de Alcibiades, sua linhagem é típica de um ateniense da nobreza, pois eles diziam ser descendentes de um grande herói da Guerra de Troia, o Ajax. Historicamente, Alcibiades viveu entre 451-404 AEC, tendo sido filho de Clíneas e Dinómaca. Seu pai era um grande combatente na primeira fase da Guerra do Peloponeso e sua mãe era parente de Clístenes, que governou Atenas no séc. VI AEC, e era um membro da importante família Alcmeónida. Com a morte de seu pai na batalha de Coroneia, Alcibiades, ainda criança, ficou órfão e Péricles, primo de sua mãe e grande líder ateniense, tornou-se seu tutor. Esse processo de adoção não foi oficial e, por isso, Alcibiades manteve eu nome vinculado ao demo de Escambónidas. O *Alcibiades I* de Platão, em 114a-b, também evidencia essa nobreza familiar. Veja mais detalhes sobre isso em Plutarco, *Vida de Alcibiades*, I.1 e em CEPKO et al., 2021, p. 97 e 104-105.

173 O fragmento #1 também indica que Alcibiades padecia de uma doença (do corpo e da alma), por isso, optei por traduzir *aegritudo* em seu sentido próprio, ao contrário dos outros tradutores, que optam por “problema”, “aflição”, ou mesmo “tristeza”, esta última permitindo interligar com o fragmento #15.

174 Lícon de Trôade foi um filósofo peripatético do séc. III AEC.

efeitos dessa doença, que ela é causada por coisas de pouca importância, por inconvenientes do acaso e do corpo, e não por males da alma. O que era então? Aquilo que Alcibíades padecia, não consistia de males e vícios provenientes da alma?

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: *cum persuasisset* → oração adverbial temporal (*cum historicum*), com o verbo *persuadeo* no mais-que-perfeito do subjuntivo; uma construção típica de narração.

2.15 - FRAGMENTO #15: A TRISTEZA DO TOLO

Origem:

Autor: Agostinho de Hipona

Obra: *A cidade de deus*

Passagem: XIV 8, 3

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 103
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 (SSR, VI.A.47)
- LEVINE, 1966, p. 302-304
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254 (#72)

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 104
- LEME, 2017, p. 218
- LEVINE, 1966, p. 303-305
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254-255 (#72)

Justificativa para inclusão:

A atribuição deste fragmento não é sólida e aparece como fragmento isolado apenas em Pentassuglio. Para mais detalhes, veja o comentário sobre o fragmento anterior, encontrado em Cícero.

Observações:

Giannantoni, seguindo Dittmar, acrescenta o texto de Agostinho ao fragmento presente em Cícero, como parte dos *loci similes*, porém Mársico o ignora e Pentassuglio o transforma em fragmento isolado. Lembro ainda que haveria várias fontes desconhecidas, seja de diálogos socráticos (como os três *Alcíbiades* que Fédon, Euclides e Antístenes escreveram e dos quais praticamente nada nos resta), ou de escritos de historiadores antigos, pois qualquer uma delas poderia trazer o conteúdo que Agostinho toma como fonte¹⁷⁵. Entretanto, a questão do choro de Alcíbiades causado pela refutação socrática aparece no fragmento #8c, sendo repercutida no frag. #14b. Pentassuglio indica ainda uma correlação dessa passagem com *O banquete dos sofistas* de Ateneu¹⁷⁶, mas preferi não colocar, pois a relação temática não é próxima, além de que o texto não

175 Cícero teria utilizado Crisipo como fonte e Agostinho poderia ter usado-o como fonte, junto a outros autores, até mesmo latinos, mas considero impossível de saber, ver CEPKO et al., 2021, p. 104; PENTASSUGLIO, 2017a, p. 400, que retomam DITTMAR, 1976, p. 99-100.

176 Ateneu, *O banquete dos sofistas*, livro V §55 (215c-216c), ver em PENTASSUGLIO, 2017a, p. 255-257. Esse trecho exhibe a crítica de Ateneu ao relato de Platão sobre a participação de Sócrates e Alcíbiades nas batalhas de Potideia, Anfípolis e Délio, pois ele não encontra evidência disso nos escritos dos historiadores e considera falsa essa alegação. Essa passagem foi catalogada em GIANNANTONI, 1990c, p. 57-59 (SSR.I.C.39) e reproduzida, seguindo Pentassuglio, também em CEPKO et al., 2021, p. 122-125.

fala em Ésquines e ainda comenta sobre Platão e Antístenes, sendo que ambos escreveram sobre Alcibíades.

Texto original estabelecido:

- 1 Nam et Alcibiadem ferunt (si me de nomine hominis memoria non fallit), cum sibi beatus videretur,
- 2 Socrate disputante et ei quam miser esset, quoniam stultus esset, demonstrante flevisse. Huic ergo
- 3 stultitia fuit causa etiam huius utilis optandaeque tristitiae, qua homo esse se dolet, quod esse non
- 4 debet. Stoici autem non stultum, sed sapientem aiunt tristem esse non posse.¹⁷⁷

Tradução:

Por isso que relatam que Alcibíades (se a memória não me falha quanto ao nome desse homem), ainda que se considerasse feliz, chorou após Sócrates o examinar e lhe demonstrar o quão infeliz era, pois era um ignorante. Para ele, então, a ignorância foi, certamente, a causa daquela útil e desejável tristeza, pela qual o homem sofre por ser aquilo que não deve ser. Por outro lado, os estoicos afirmam que é o tolo, e não o sábio, que pode ficar triste.

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 1: cum sibi videretur → a conjunção *cum* tem sentido concessivo, com o verbo *video* no subjuntivo.

¹⁷⁷ Sigo o texto estabelecido por Pentassuglio.

2.16 - FRAGMENTO #16: CULTO OU NÉSCIO?

Origem:

Papiro de Oxirrinco (*P.Oxy.* XIII 1608)

Coluna I, frag. A

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 106-107
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 (*SSR*, VI.A.48)
- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 91
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 258-259 (#74)
- ROSSETTI, 1989, p. 120
- ROSSETTI; ESPOSITO, 1984, p. 27

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 107
- FIELD, 2012, p. 148
- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 93
- MÁRSICO, 2014, p. 385 (#1218)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 259 (#74)
- ROSSETTI, 1989, p. 129

Justificativa para inclusão:

É um fragmento de papiro atribuído a Ésquines.

Observações:

Os papiros de Oxirrinco foram encontrados por escavações arqueológicas no Alto Egito durante a virada do séc. XIX para o XX, e organizados pelos papirologistas ingleses Bernard Grenfell e Arthur Hunt. O *P.Oxy.* XIII 1608 foi publicado pela primeira vez em 1919, sendo por isso que não existe a referência a eles em Dittmar, pois sua primeira edição foi em 1912. A atribuição destes fragmentos ao *Alcibiades* de Ésquines é assegurada por conta da semelhança com a passagem citada por Élio Aristides no *Contra Platão: Em defesa dos quatro* (o nosso fragmento #9)¹⁷⁸. A escrita é do tipo uncial e com algumas características que permitem a datação na segunda metade do séc. II EC¹⁷⁹. Esse papiro também é conhecido como *Brit.Lib. Inv.* 2469 e *P.Lit.Lond.* 148, pois está no Museu Britânico em Londres¹⁸⁰. Neste fragmento aqui é possível verificar marcações paratextuais indicando a mudança de turno das falas dos personagens através do *parágraphos* e dos dois pontos “:”, nas linhas 5 e 7¹⁸¹. A imagem do fragmento de papiro se encontra no *Anexo II*, como *Figura 2*. Note que os fragmentos de papiro foram editados com sugestões de leitura (os acréscimos

178 GRENFELL; HUNT, 1919, p. 88; ROSSETTI, 1989, p. 121.

179 GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90.

180 Como indicado pelo Centre de Documentation de Papyrologie Littéraire (CeDoPal) e catalogado na British Library, ver em <http://cipl-cloud09.segi.ulg.ac.be/cedopal/MP3/displayMultipleNotices.aspx?selId=988094528> e https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

181 GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90; ROSSETTI, 1989, p. 121.

dentro de colchetes), o que torna essa tradução conjectural, porque o texto é incerto e lacunar em diversos momentos.

Texto original estabelecido:

1 .[περὶ τοὺς]
 2 σεαυτοῦ γον[έας γεγε-
 3 νῆσθαι, οἷός περ [ὁ Θε-
 4 μιστοκλήης λέγεται [πε-
 5 ρὶ τοὺς ἑαυτοῦ γ.[± 5];”
 6 “εὐφήμει, ἔφη, ὦ Σ[ώκρα-
 7 τες”. “π[ό]τερον δὲ δοκεῖ
 8 σοι το[ῖς] ἀνθρώποις ἀν[αγ-
 9 καῖον εἶναι ἀμού[σους
 10 πρότε[ρο]ν ἢ μουσικο[ύς] γί-
 11 νες[θα]ι· καὶ πότερο[ν] ἀ-
 12 φί[ππους] ἢ ἵππικο[ύς];” “ἀ-
 13 ναγ[καῖό]ν μοι δοκεῖ
 14 ἀμού[σους] πρότερον κ[αὶ
 15 ἀφίπ[πους].” “οὐκο[ῦν
 16 .]οχ[± 6]ην λ[
 17 ± 7]παυ¹⁸²

Tradução:

Sócrates:

— [...] você tratou os seus pais, como as pessoas dizem que Temístocles tratou os pais dele?

Alcibíades:

— Muito bem dito, Sócrates! – disse ele.

Sócrates:

— Seria preciso que os homens não soubessem música antes de se tornarem músicos, ou não soubessem montar a cavalo antes de se tornarem cavaleiros¹⁸³? O que te parece?

Alcibíades:

182 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti.

183 Um contexto similar de oposição entre aquele que aprendeu música e a arte da cavalaria aparece no livro I da *República* de Platão, em 335c, como aponta GRENFELL; HUNT, 1919, p. 93. Isso sugere o paradoxo do conhecimento encontrado em Platão, no *Mênon* 80d-e e *Eutidemo* 275d-277c, como aponta PENTASSUGLIO, 2017a, p. 68.

— Parece-me necessário que eles não sejam previamente nem músicos, nem cavaleiros.

Sócrates:

— Então [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 9-10: ἀμούσους μουσικοὺς → literalmente estaríamos falando do músico e do não músico, mas a arte das Musas engloba toda forma de aprendizado elevado do homem refinado, como a poesia e a dança, além do que ἄμουσος significa o homem rude e grosseiro. Uma opção seria traduzir como “Seria preciso aos homens serem incultos antes de se tornarem doutos nas artes das Musas?”.

2.17 - FRAGMENTO #17: DESISTIR DA DEFESA

Origem:

Papiro de Oxirrincos (*P.Oxy.* XIII 1608)

Coluna I, frag. B

Edições com o texto original:

- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 91
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 258 (#73)
- ROSSETTI, 1989, p. 123-124

Traduções consultadas:

- Nenhuma encontrada.

Justificativa para inclusão:

É um fragmento de papiro atribuído a Ésquines.

Observações:

Veja as observações no fragmento #16 referentes ao Papiro de Oxirrincos. Este fragmento é extremamente lacunar e nem aparece em Giannantoni, porém Pentassuglio o inclui, mas sem traduzir. Uma imagem do papiro está em *Figura 3* no *Anexo II*. Note que a tradução tem alto grau de especulação, pois apoia-se em uma conjectura para a reconstituição do texto grego perdido.

Texto original estabelecido:

- 1 ± 6]υ[
- 2]τηριους[
- 3 ο]ὑδετέρους δε[ῖ
- 4 .] οὔτε γὰρ τοὺς .[
- 5 οὐδ]οτιοῦν δεῖ[
- 6 τῆσθαι ηπε[
- 7 ..] ὅστε α[
- 8 .]των δικ[δι-
- 9 απράξασθα[ι ἐ-
- 10 παινεῖν· οὔτ[ε εἶ τι-
- 11 νες διὰ τὰς τοι[αύτας ἀπο-
- 12 λογίας ἀπέγν[ωσαν ἀν-

13 θρώπων με[

14 ...].τω.[¹⁸⁴

Tradução:

[...] a nenhum dos dois é preciso [...] pois nem eles [...] nem mesmo que seja preciso [...] como da justiça (?) [...] exortar a completar [...] nem se algumas pessoas, por causa desse tipo de defesa, desistiram [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 5: οὐδοτιοῦν → forma neutra sincopada de οὐδ' ὅστισοῦν.

184 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti.

2.18 - FRAGMENTO #18: TEMÍSTOCLES DESERDADO PELO PAI

Origem:

Papiro de Oxirrinco (*P.Oxy.* XIII 1608)

Coluna I, frag. D

Edições com o texto original:

- CEPKO et al., 2021, p. 107
- GIANNANTONI, 1990b, p. 606 (*SSR*, VI.A.48)
- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 91-92
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 257-258 (#73)
- ROSSETTI, 1989, p. 124-125
- ROSSETTI; ESPOSITO, 1984, p. 27

Traduções consultadas:

- CEPKO et al., 2021, p. 108
- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 93
- MÁRSICO, 2014, p. 385 (#1219)
- PENTASSUGLIO, 2017a, p. 258 (#73)
- ROSSETTI, 1989, p. 129-130

Justificativa para inclusão:

É um fragmento de papiro atribuído a Ésquines.

Observações:

Veja as observações no fragmento #16 referentes ao Papiro de Oxirrinco. No *Anexo II*, uma imagem do papiro está em *Figura 4*. Esse fragmento aqui possui uma segunda coluna, porém apenas algumas letras sortidas são possíveis de identificar e, portanto, não a considere.

Texto original estabelecido:

- 1].[
- 2 καλῶς δὲ κα[ι] ὁ Ἄπο[λλό-
- 3 δωρος ὑπὲρ τοῦ φαύλου
- 4 ἀπολογεῖσθαι”. “ἀλλ' ἔκε[ι]-
- 5 νο, ἦ δ' ὅς, ἐγὼ οὐκ ἂν ὤμην[ν
- 6 τὸν Θεμιστοκλέα ὑπ[ὸ
- 7 τοῦ πατρὸς ἀποκηρυχ[θῆ]-
- 8 ναι· φαύλου γὰρ καὶ πόρ-
- 9 ρω ἀνοίας ἦκοντα τά
- 10 γε τοιαῦτα· ὅστις εἰς δι-

11 ἀφορὰς τοιαύτας καὶ ἔ-
 12 χθρας τὰς μεγίστας
 13 πρὸς τοὺς ἑαυτοῦ γονέ-
 14 ας κατέστη· ὁ καὶ παι-
 15 δάριον εὐλαβηθῆναι
 16 ± 3].ροῖ”. “οὕτω δὴ μικρὸν
 17 νενό]μικας εἶναι, ἦν δ' ἐ-
 18 γώ, ὧ] Ἀλκιβιάδη, γονε<ῶς>·iv
 19 ± 3]ληθῆναι¹⁸⁵, ὥστε τοῦ
 20 ἐπιτυχ]όντος ἀνθρώπου
 21 ± 6]. τοῦτ' εἶ[ναι ± 2].
 22 ± 6].c.[
 23 ± 12]ταμ[.]v
 24 ± 11] τῶν φαύ-
 25 λων τοῦτ' ἐ]στιν· εἰ δὲ
 26 ± 7 τῆ]v πόλιν τε¹⁸⁶

Tradução:

*Sócrates*¹⁸⁷:

— [...] e também Apolodoro¹⁸⁸ apresenta muito bem uma defesa do inferior.

Alcibíades:

— Mas isso – disse ele – nunca me passaria pela cabeça, isto é, a ideia de Temístocles ser deserddado pelo próprio pai¹⁸⁹. Pois com tal conduta chega-se ao extremo da baixeza e da falta de razão, quem quer que se veja numa situação de tamanha divergência e intensa hostilidade contra os seus próprios pais – o que até uma criança se precaveria de fazer.

185 Giannantoni sugere “[ἐκβ]ληθῆναι”.

186 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti.

187 Não há como ter certeza sobre quem seria esse primeiro interlocutor. Chegou-se a sugerir Anito, mas é mera conjectura, ver GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90. Outra sugestão é que Apolodoro também estaria envolvido nessa conversa com três participantes, ver BERRY, 1950, p. 8. A probabilidade maior é que seja um diálogo entre Alcibíades e Sócrates, pois o último trecho é a única fala que temos certeza ser de Sócrates, pois aparece um “ἦν δ' ἐγώ” em conjunto com o vocativo de Alcibíades, indicando a possibilidade da fala anterior ser deste. Rossetti (1989, p. 129) também sugere ser uma fala de Alcibíades, com o que tendo a concordar.

188 O Apolodoro mencionado seria o companheiro de Sócrates que aparece na *Apologia*, no *Fedro* e no *Banquete* de Platão, ver GRENFELL; HUNT, 1919, p. 90; ROSSETTI, 1989, p. 132.

189 A deserção de Temístocles (um processo de ἀποκηρύχτις, relativo ao verbo ἀποκηρύττω, “deserdar”), feita por seu próprio pai Néocles, talvez não tenha acontecido e tenha sido exagerada por Ésquines, pois é possível identificar ὄστρακα do ano de 483/2 com o nome de Temístocles junto ao seu patronímico e demótico, ver ROSSETTI, 1989, p. 132. Os ὄστρακα são fragmentos de cerâmica nos quais os cidadãos em assembleia escreviam o nome da pessoa que queriam ostracizar, isto é, enviar para o exílio, lembrando que Temístocles foi de fato exilado e isso aparece no fragmento #9. O contexto disso é que Temístocles teria sido um indolente durante a juventude, mas desenvolvido o seu conhecimento ao longo da vida, ver BERRY, 1950, p. 6.

Sócrates:

— Então foi desse modo banal que você pensou, Alcibíades – disse eu – em desconsiderar seus pais, como se isso fosse algo típico do homem bem-sucedido [...] isso é dos inferiores, se [...] à cidade também [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 3: τοῦ φαύλου → pode ser tanto o neutro quanto o masculino, ou seja, pode se referir ao que é de qualidade inferior, seja um homem ou alguma coisa. Aparentemente esse adjetivo se refere a Temístocles, ver PENTASSUGLIO, 2017a, p. 67.

2.19 - FRAGMENTO #19: ATAQUE À BIOGRAFIA DE TEMÍSTOCLES

Origem:

Papiro de Oxirrinco (*P.Oxy.* XIII 1608)

Coluna I, frag. E

Edições com o texto original:

- ROSSETTI, 1989, p. 125
- GRENFELL; HUNT, 1919, p. 91

Traduções consultadas:

- Nenhuma específica.

Justificativa para inclusão:

É um fragmento de papiro atribuído a Ésquines.

Observações:

Veja as observações no fragmento #16 referentes ao Papiro de Oxirrinco. Neste fragmento aqui, encontra-se paralelo textual com o texto citado por Élio Aristides (linha 4-5 do fragmento #8b e linha 4-5 do frag. #9), o que permite reconstituir as partes faltantes do fragmento em papiro. Note que como o texto é reconstituído a partir de uma outra fonte antiga e não é oriundo de hipótese filológica, o texto inserido é colocado entre “_” e não entre colchetes “[]”, pois este último indicaria apenas uma sugestão do filólogo moderno. Observe ainda que o fragmento apresenta algumas palavras para além da citação de Élio, e mesmo o texto coincidente não é idêntico, além disso, essa semelhança é encontrada em dois testemunhos distintos e que não estão seguidos, porém aparecem no fragmento de papiro como um texto consecutivo. É por isso que o mantive como um fragmento isolado, apesar dos outros editores não o considerarem como um fragmento distinto, apenas mencionando-o em suas notas. No *Anexo II*, uma imagem do papiro está em *Figura 5*.

Texto original estabelecido:

- 1 ἐν τοῖς [
- 2 μεγάλα [
- 3 αὐτῷ εἶχε[
- 4 κομένῳ τ[
- 5 αν ἀμαρτη[
- 6 γνοὺς οὖν αὐτὸν ἐγὼ,

- 7 ὅτι ζηλοτύπως ἔχει πρὸς
 8 Θεμιστοκλέα, εἶπον· “ἐ-
 9 πειδὴ τοῦ Θεμιστοκλέ-
 10 ους βίου ἐπιλαμβάνεσ-
 11 θαι ἐτόλμησας σκέψαι”¹⁹⁰

Tradução:

*Alcibiades*¹⁹¹:

— [...] nos [...] maiores [...] havia para ele [...] falharia [...]

Sócrates:

— Quando eu percebi que ele tinha inveja de Temístocles, disse: já que você teve o atrevimento de atacar a biografia de Temístocles, examine [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 5: ἀν ἄμαρτη → foi compreendido como alguma variação de ἄν com o verbo ἄμαρτάνω (“falhar”) no aoristo, como em ἀμάρτη.

190 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti. Note que o texto estabelecido não contém todos os diacríticos esperados.

191 Não há como ter certeza de quem são os personagens, mas a linha 5 tem um παράγραφος indicando a mudança de turno e a fala seguinte é encontrada em Élio Aristides como sendo de Sócrates, logo, é simples deduzir que seria Alcibiades o primeiro a falar.

2.20 - FRAGMENTO #20: CURADO PELA FILANTROPIA

Origem:

Papiro *Erlangen 4* (*P.Erl.4*), também chamado de *P.Erl.Inv. 4* (ou mesmo *P.Erl.7*)¹⁹²

Edições com o texto original:

- JAŹDŹEWSKA, 2022, p. 69
- LUZ, 2014, p. 166-168
- MERKELBACH, 1958, p. 107
- OBSIEGER, 2007, p. 85
- SCHUBART, 1941, p. 100
- SCHUBART, 1942, p. 13-14

Traduções consultadas:

- JAŹDŹEWSKA, 2022, p. 70
- LUZ, 2014, p. 166-169
- RENAUD; TARRANT, 2015, p. 87
- SCHUBART, 1942, p. 15

Justificativa para inclusão:

É um fragmento de papiro dubiamente atribuído ao *Alcibiades* de Ésquines por alguns filólogos, pois também já foi considerado como sendo de Antístenes¹⁹³. A atribuição aos socráticos é meramente dedutiva, por ser um texto filosófico sobre o eros e ter estilo de diálogo socrático. Dittmart, Giannantoni, Mársico, Pentassuglio e Cepko et al. não o incluem em suas edições, o que indica que o consenso tende à recusa da autoria esquiniana.

Observações:

Este papiro é datado do séc. II ou III EC, tendo sido encontrado no Egito e apresentando uma linguagem condizente com o grego ático do período clássico¹⁹⁴. O primeiro a fazer a associação com o *Alcibiades* de Ésquines foi Merkelbach, a partir de Schubart, justificando a escolha pela comparação com o fragmento #14b encontrado em Cícero, mas mostrando-se inseguro devido aos discursos diretos¹⁹⁵. O maior problema para a atribuição a Ésquines é que os fragmentos nos papiros de Oxirrinco apresentam falas narradas (“ele disse”, “eu disse”), isto é, em *oratio obliqua*¹⁹⁶, enquanto este papiro tem apenas um diálogo dramático, apresentando dois personagens¹⁹⁷, os quais

192 O catálogo, no site *Papyrus Portal* da Universitätsbibliothek Leipzig, indica a mudança de nome do papiro, ver em https://papyri-erlangen.dl.uni-leipzig.de/receive/ErlPapyri_schrift_00006480.

193 Como aponta Menahem Luz (2014, p. 162), indicando a preferência pelo *Alcibiades* de Antístenes.

194 LUZ, 2014, p. 162.

195 MERKELBACH, 1958, p. 107.

196 Basicamente, a *oratio obliqua* é o discurso reportado, isto é, narrado, que é contado em um momento distinto, o da *oratio recta*, podendo haver um amplo lapso temporal entre os dois momentos ou mesmo ser algo mítico, como o mito de Er na *República* de Platão. Tal recurso retórico sugere dois planos dramáticos na atividade literária, um momento anterior onde a ação principal (a reportada) acontece e outro posterior quando o acontecimento é contado, ver PENTASSUGLIO, 2017a, p. 70.

197 Conforme Antonio Carlini em ROSSETTI, 1989, p. 147-148 e LUZ, 2014, p. 163-164.

têm falas consecutivas como na tragédia. Note também que, assim como no *P.Oxy.* XIII 1608, o texto é lacunar em várias partes e a própria tradução tem um aspecto conjectural, dada a incompletude material do texto e as hipóteses filológicas.

Alguns até aceitam ser um trabalho de Ésquines, mas não o atribuem ao *Alcibiades*¹⁹⁸, enquanto outros escapam da questão intitulado o diálogo como *Sobre o amor*¹⁹⁹. Além disso, acredito que esse fragmento tenha um tom poético que não vi nos outros fragmentos de Ésquines, que são mais prosaicos, o que talvez possa ser um indício de que não seja de fato da autoria dele. Ao final deste trabalho, uma imagem do papiro está em *Figura 8 no Anexo II*. Entre as linhas 6 e 7 é possível ver um sinal de παράγραφος indicando a mudança de turno, ou seja, passando da fala de um personagem a outro²⁰⁰.

Texto original estabelecido:

- 1 ἐτ[ή]ρε[ις ο]ῦ ἔφυλάττοντ[ο
- 2 ὄπερ καὶ οἱ παῖδες πά-
- 3 σχουσι τῶν φανερῶν
- 4 πατέ[ρων ο]ὔτε ἀγγί-
- 5 ας δυνά[μενοι] τυχεῖν οὔ-
- 6 τε συγγνώμης.
- 7 τὸ μὲν σύμπαν ἀλη-
- 8 θές, ὅτι ὁ τρώσας {ε}ιάσε-
- 9 ται ἄλλος δὲ ἄλλως ὁ μὲν
- 10 ἔκων ὁ δὲ ἄκων ἐπεὶ
- 11 καὶ σὺ ἰάσω με οὐ βουλό-
- 12 μενος. ἦδιστα μὲν οὔ[ν
- 13 ἰάματα φιλανθρω[πί-
- 14 α τοῦ καλοῦ, ἐνίστε δὲ
- 15 καὶ ἐξουσία τὰ πικρὰ ὠ-
- 16 φελεῖ – ἄλλον μὲν ὕβρις
- 17 καὶ σκαιότης – ἦδη γὰρ
- 18 καὶ ὑπὸ τούτων ἀπεστρά-
- 19 φησαν ὥσπερ ξίφους ἀ-
- 20 κμῆ στερεωτέρωι πρ[οσ-

198 LUZ, 2014, p. 164.

199 JAŹDŹEWSKA, 2022, p. 69.

200 JAŹDŹEWSKA, 2022, p. 69; LUZ, 2014, p. 166, nota 25; sobre o παράγραφος, ver IRIGOIN, 2001, p. 38.

21 πεσοῦσα. [έ]μέ δὲ τὸ πα[ρ' έλ-
 22 πίδα ἐς οἶόν σε ἔπεμπ[εν
 23 ἐπὶ καλῶ τωι πρόσω[πον,
 24 εὐρέι τω(ι) τὰ στέρνα, ἦδ[εῖ ἄ-
 25 ψασθαι. σὺ δὲ μοι ὄφ[θης
 26 ο]ῦκ ἀντὶ παρθένου [ἔλ-
 27 αφος ἀλλὰ ἀπρόσωπος [τὸ ἔν-
 28 δον ὥστε ἐμαυτοῦ
 29 ἠπίστουν τῆι ἐκ[στάσει
 30 σὲ εἶναι οὔτω καλὸν
 31 τ]ὸ πρόσωπον [ἄλλὰ
 32 νῆ Δία καλοῦ σ[οι
 33 τ]οῦ λοιποῦ ὀρ-
 34 φμένου οὐ [συμβ-
 35 ο]ύλομαι δι-. . . .²⁰¹

Tradução:

Personagem A:

— Você observava (?) precisamente onde eles tomavam conta daquilo que passavam até mesmo os filhos de pais célebres, não sendo possível para eles se depararem com descuido (?) ou perdão.

Personagem B:

— A maior verdade é que “aquele que fere, irá se curar”²⁰². Cada qual cura-se de um jeito: alguns por livre escolha, outros, no entanto, contra a vontade. E você, mesmo sem ter intenção, me curou. O mais prazeroso remédio é a filantropia do belo²⁰³, bem como às vezes a prepotência também é útil em situações cruéis (enquanto para um outro, serviria a arrogância e a insensibilidade), pois também já houve quem fora repellido por causa disso, como a ponta da espada depois de ter caído sobre uma superfície mais rígida. A situação inesperada costumava me enviar até pessoas como você, junto ao seu belo rosto, ao seu largo peitoral, ao prazeroso toque. Você apareceu para mim não como um cervo no lugar da moça²⁰⁴, mas sem beleza interior, de tal modo²⁰⁴ que desacreditei de mim mesmo,

201 Segui o texto estabelecido por Luz, adicionando apenas o sinal gráfico do παράγραφος na linha 6, conforme imagem do papiro.

202 Luz (2014, p. 169, nota 36) aponta que seria uma expressão possivelmente surgida em Eurípides, mas que é empregada por Platão e se torna um τόπος da literatura helenística.

203 Luz (2014, p. 169, nota 38) observa que há um duplo sentido, pois filantropia (um sentimento de amor aos homens e à humanidade em geral) significava também, originalmente, o ato sexual.

204 Luz (2014, p. 168, nota 32) detecta uma referência ao sacrifício de Ifigênia em Eurípides, sendo uma expressão que indica surpresa. Na peça a deusa Ártemis substitui Ifigênia por um cervo no altar sacrificial, como indicado por RENAUD; TARRANT, 2015, p. 87, nota 7, que também corrobora Luz.

devido ao êxtase causado por ti, sendo assim tão belo de rosto, mas, por Zeus, vendo o restante da beleza sem concordar contigo [...]

Notas sobre morfossintática e vocabulário:

Linha 3: οἱ παῖδες τῶν φανερῶν πατέρων → o genitivo foi lido como completo de παῖδες, sendo que φανερός significa o que é “evidente”, “manifesto”, mas também “célebre”, “importante”.

Linha 8-9: {ε}ιάσεται → Luz (2014, p. 167, nota 26) identifica que o copista tende ao iotacismo, trata-se do verbo ἰάομαι (“curar”) no futuro do indicativo e na voz média.

Linha 15: ἐξουσία τὰ πικρὰ → ἐξουσία significa, no círculo socrático, algo como “licenciosidade”, “liberalidade”, ou, mais genericamente, “prepotência”, enquanto que τὰ πικρὰ corresponde ao neutro plural de πικρός (“amargo”, “cruel”), literalmente “as coisas amargas”. A solução de Luz (2014, p. 169, com comentário na nota 39) foi traduzir opondo ἥδιστα com πικρὰ (seguindo OBSIEGER, 2007, p. 85): “as curas mais doces para a beleza são o amor da humanidade, mas, às vezes, as mais amargas também são possíveis e ajudam” (trad. minha). Essa solução foi possível ao ignorar a palavra ἐξουσία, pois na nota 28 (Ibid., p. 167) ele tinha destacado que tanto Merkelbach (1958, p. 107, nota 3) quanto Obsieger (2007, p. 86) a consideraram como uma interpolação de um comentário marginal. O problema é que não temos o tal comentário marginal e esse papiro é monotestemunhal, ou seja, não há como verificar essa hipótese. A presença da palavra ἐξουσία destoa e gera um problema de tradução, então, para superá-lo, os filólogos consideram ter sido um erro de copista. De fato, entre um material e outro os copistas podiam errar na escrita, mas resolvi arriscar e aceitar (dada a impossibilidade de contraprova) o uso de ἐξουσία no nominativo, como está nítido na imagem do papiro (*Figura 8*). Considerei, então, τὰ πικρὰ como complemento de ὠφελέω, sendo que este verbo pode significar “ser útil” e a regência do acusativo indicar em quê (ver *DGP* 1).

Linha 23-24: ἐπὶ καλῷ τῷ πρόσωπον, εὐρεί τῷ τὰ στέρνα → στέρνον (“peito”) pode ser usado no singular ou plural; a preposição ἐπὶ com dativo dá a ideia de “junto de”. Note a possível construção com o artigo em uso atributivo, com o dativo intercalando o substantivo no acusativo. Essa construção gramatical é atípica, e Luz (2014, p. 168, nota 31) a compreende como sendo o acusativo de respeito, enquanto τῷ não seria o artigo, mas o pronome τις.

Linha 27: ἀπρόσωπος → esta palavra pode significar “sem face”, “sem beleza” ou “sem máscara” e “sem disfarce”. Ou seja, isso leva a interpretações muito distintas, porém aqui optei por ressaltar que esse homem tinha uma aparência física bela, porém não era alguém muito virtuoso (desprovido de beleza interior), contudo, uma outra opção seria compreender que essa pessoa se mostrou de

maneira franca, lembrando da valoração positiva que a parrésia tinha no ambiente socrático. Outro nível de complexidade é atingido quando nos lembramos que o belo e o bom eram conceitos interseccionados no mundo grego, ou seja, a beleza em questão poderia não se referir apenas à aparência externa. Dessa forma, deixo a questão em aberto, mas indico que Luz (2014, p. 186) aborda essa questão.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, uma das consequências dessa minha empreitada aqui foi perceber a arbitrariedade exercida pelos filólogos inerente a muitas dessas atribuições de fragmentos. Há algumas decisões que são pouco contestáveis, pois são decorrentes de uma fonte textual que atribui obra e autor e ainda cita uma passagem facilmente identificável em seu começo e fim, sendo que essa atribuição ainda é corroborada por outros fragmentos. Porém, a maioria dos fragmentos atribuídos a Ésquines nem cita o nome da obra dele, enquanto alguns nem chegam a identificá-lo como o autor, sendo esta atribuição, na verdade, uma conjectura de filólogos, pois mesmo que sejam racionalizações coerentes, são hipóteses impossíveis de serem comprovadas até que surjam novas fontes ainda hoje desconhecidas.

Esse problema é perceptível quando refletimos que alguns fragmentos estão em latim ou em autores muito tardios, de séculos posteriores à época de Ésquines, e nos lembramos que ao menos Euclides, Antístenes e Fédon também escreveram outros *Alcibiades* e desses temos menos informação ainda, além do que existem outros dois diálogos sobre o general ateniense no *corpus platonicum* (com autoria contestada) e nada impede que tenha havido outros *Alcibiades* dos quais nem temos a menção, fora a possibilidade que determinado conteúdo nem tenha vindo de um diálogo socrático, mas de um trabalho de doxografia ou de algum historiador tão pouco conhecido que nem foi notado por alguém como Felix Jacoby. Ou seja, em uma paráfrase tardia que fala sobre Alcibiades sem explicitar o autor Ésquines, nem o seu diálogo *Alcibiades*, como poderia haver certeza nessa atribuição? Não seria apenas *wishful thinking* de filólogos? É claro que eles sempre partem de alguma comparação relacionada ao texto ou ao tema, mas como ter certeza de que não haveria contaminação, no texto do autor original que é a fonte textual para o suposto fragmento, pela fusão de informações oriundas de mais de um *Alcibiades*? E o pior, como pode alguém na Filosofia tomar esse tipo de fragmento (de atribuição incerta) como algo definitivo e construir teses a respeito do que pensa Ésquines? Não seria isso tudo ainda o fantasma do positivismo do séc. XIX que ainda assombra a área de Clássicas?

Intuo que esse tipo de julgamento seja mais voltado a quem tem formação na Filosofia do que para quem é da Filologia, pois acredito que na primeira área toma-se, usualmente, o trabalho de filólogos como uma certeza, enquanto, na verdade, nem eles próprios são tão assertivos, já que podemos detectar várias controvérsias a respeito da atribuição e do ordenamento de fragmentos. Por exemplo, Guy Field, filósofo britânico e professor da Universidade de Bristol, ao trabalhar com os fragmentos de Ésquines, afirma que Dittmar “revela uma preferência por hipóteses não

comprovadas”²⁰⁵, porém se considerarmos que Giannantoni declara que sua “coletânea se baseia substancialmente na de Dittmar”²⁰⁶ e este italiano é a referência maior dos dois trabalhos mais recentes de Mársico e Pentassuglio, verificaremos como as hipóteses filológicas são repassadas como certezas aos filósofos, os quais são, no fundo, os leitores finais, mas que costumam desconhecer ou até mesmo esnoabar as disputas presentes na Filologia. Ressalto que minha crítica não é direcionada a nenhum filólogo em particular, afinal, é a partir do trabalho desse especialista que temos acesso às obras, pois, na verdade, o que critico é como a área da Filologia lida com os aspectos dedutivos de suas próprias hipóteses e o quanto que isso é desconsiderado na leitura filosófica mais corriqueira. Em suma, mesmo que cada editor tenha feito seu trabalho o mais assertivamente possível, há um *constructo* que vai perpassando as publicações consequentes e que não é percebido caso o leitor não seja cuidadoso em conferir as justificativas para a atribuição de cada fragmento.

Além disso, pude perceber o quanto o nome de um filólogo, a sua reputação e o cargo atingido, influencia na aceitação de uma atribuição, por exemplo, a sugestão de Claude Meillier²⁰⁷, referente ao papiro *Lille* e o *Milcíades*, é descartada solenemente²⁰⁸ (apesar de ter, de fato, uma justificativa muito fraca, pois se baseia apenas em nomes mencionados no papiro), mas uma relação temática entre um fragmento e uma passagem em outro autor, apenas sugerida como complemento por Giannantoni e Dittmar²⁰⁹, pode subir de importância e se tornar um fragmento distinto no trabalho posterior de outro filólogo, como em Pentassuglio²¹⁰ em relação ao texto de Agostinho de Hipona, o qual nem chega a nomear Êsquines, muito menos o diálogo, apesar da relação temática (que poderia vir de outro texto ou mesmo de outro autor). Portanto, em muitos fragmentos de paráfrases indiretas há sempre uma dúvida que pretendi ressaltar neste trabalho, bem como em alguns casos pude demonstrar essa evolução de julgamento.

Consequentemente, o meu critério de seleção é cômico da minha própria pequenez frente ao trabalho desses filólogos, e, portanto, pretendi manter uma visão de totalidade, isto é, o que encontrei sendo atribuído ao *Alcíades*, eu incluí. No entanto, discuto brevemente o tipo de fragmento e o grau de certeza nas observações sobre cada um, cabendo ao leitor fazer sua própria avaliação e levar em consideração este olhar crítico, podendo verificar as fontes presentes na revisão bibliográfica, e não apenas aceitar a conjectura filológica sem discussão.

205 FIELD, 2012, p. 146, nota 1, tradução minha. Os argumentos de Dittmar, em relação a suas teses sobre o *Alcíades I*, também são considerados como altamente conjecturais por Pentassuglio (2017a, p. 93).

206 GIANNANTONI, 1990a, p. 585, tradução minha.

207 MEILLIER, 1979.

208 PENTASSUGLIO, 2017a, p. 406; ROSSETTI, 1989, p. 148.

209 DITTMAR, 1976, p. 268; GIANNANTONI, 1990b, p. 606.

210 PENTASSUGLIO, 2017a, p. 254.

4 - APÊNDICE I: AUTORES ORIGINAIS

Agostinho de Hipona:

Filósofo e teólogo cristão do séc. V EC, viveu no norte da África Romana, tem influência neoplatônica e tornou-se santo para o catolicismo.

Ateneu de Náucrates:

Retórico e gramático do séc. III EC, tendo nascido no Egito durante a época do Império Romano.

Cícero:

Orador e cônsul da República Romana e filósofo do séc. I AEC.

Demétrio de Falero:

Orador grego do séc. III AEC, tendo sido um peripatético discípulo de Teofrasto.

Élio Aristides:

Retórico grego da Segunda Sofística, séc. II EC, autor dos *Hieroi Lógoi* e seguidor de Asclépio.

Máximo de Tiro:

Retórico e filósofo grego, viveu no séc. II EC, durante o Império Romano.

Plutarco:

Historiador e biógrafo grego do séc. II EC, também foi sacerdote de Apolo em Delfos.

Prisciano Cesariense:

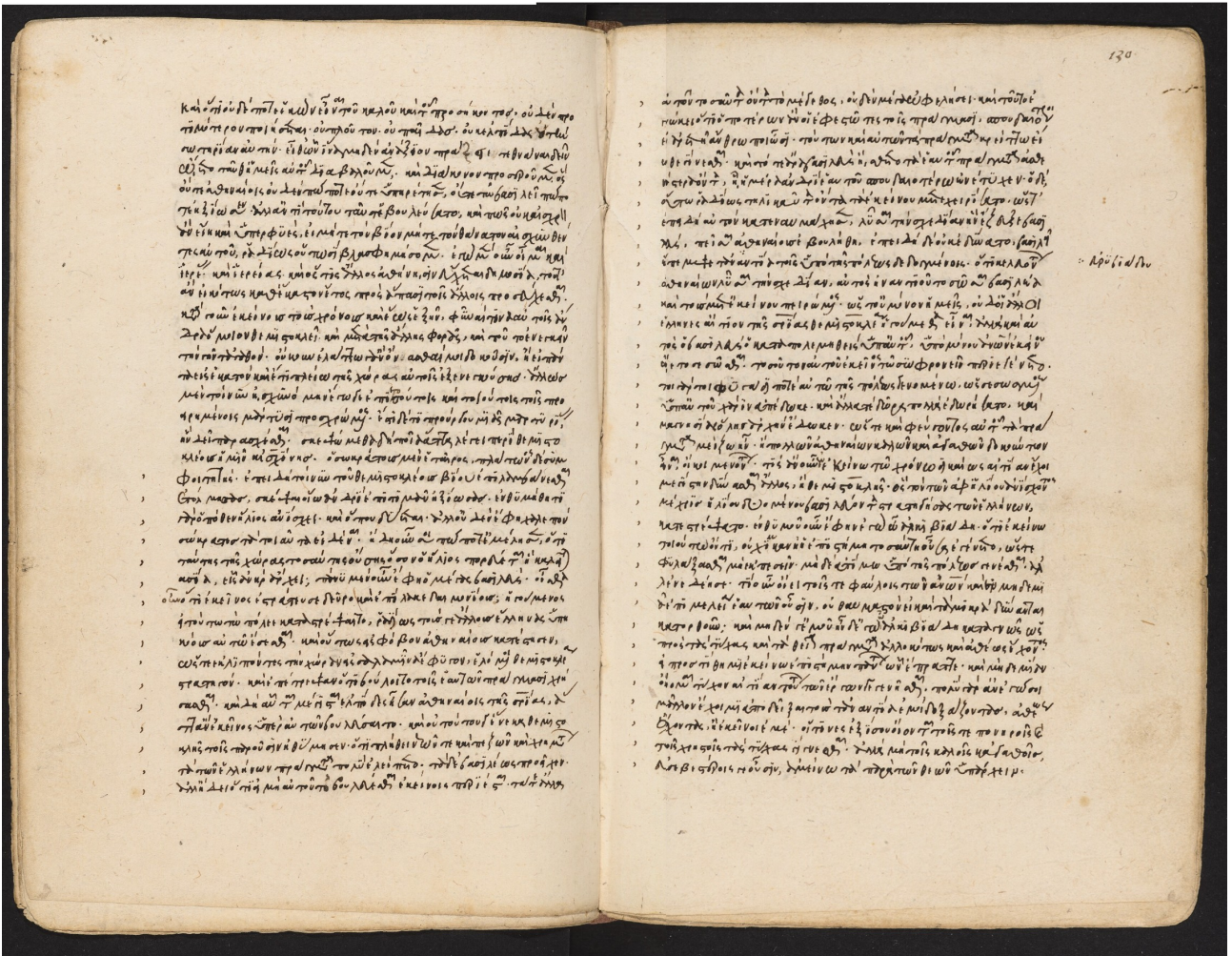
Gramático romano, nascido em Cesareia, tendo vivido no séc. V EC, mas com biografia pouco conhecida²¹¹.

²¹¹ Atente-se para não confundir com Priscio de Lídia, o qual também é conhecido por Prisciano, mas foi um filósofo neoplatônico do séc. VI EC.

5 - APÊNDICE II: IMAGENS

Figura 1:

Imagem composta²¹² do manuscrito Oxford, Bodleian Library, *MS. Barocci 136*, séc. XIV, apresentando os fólios 129v e 130r, os quais correspondem à citação de Ésquines no *Contra Platão: Em defesa dos quatro* de Élio Aristides (fragmento #9). Note a presença do sinal manuscrito (uma corruptela da διπλῆ) na margem esquerda das duas páginas, identificando cada linha da citação, porém sem aparecer nenhum παράγραφος (“—”) para mostrar a mudança de turno²¹³.



212 Imagem disponível no site *Digital Bodleian*: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/108a03d6-8a41-48cf-8101-8058495e4f00>.
 213 Sobre os sinais gráficos em manuscritos veja a nota 122.

Figura 2:

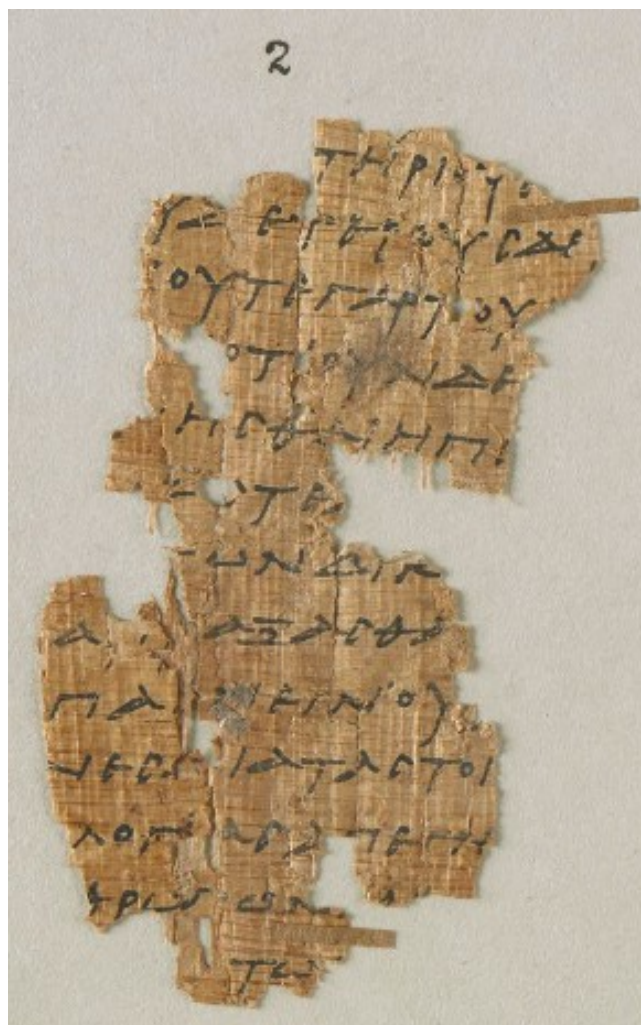
Fotografia da coluna I, frag. A, do *P.Oxy.* 1608, correspondente ao fragmento #16. Imagem retirada do site da *The British Library*, onde é catalogado como “Papyrus 2469”²¹⁴.



214 A imagem completa do papiro pode ser vista aqui: https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

Figura 3:

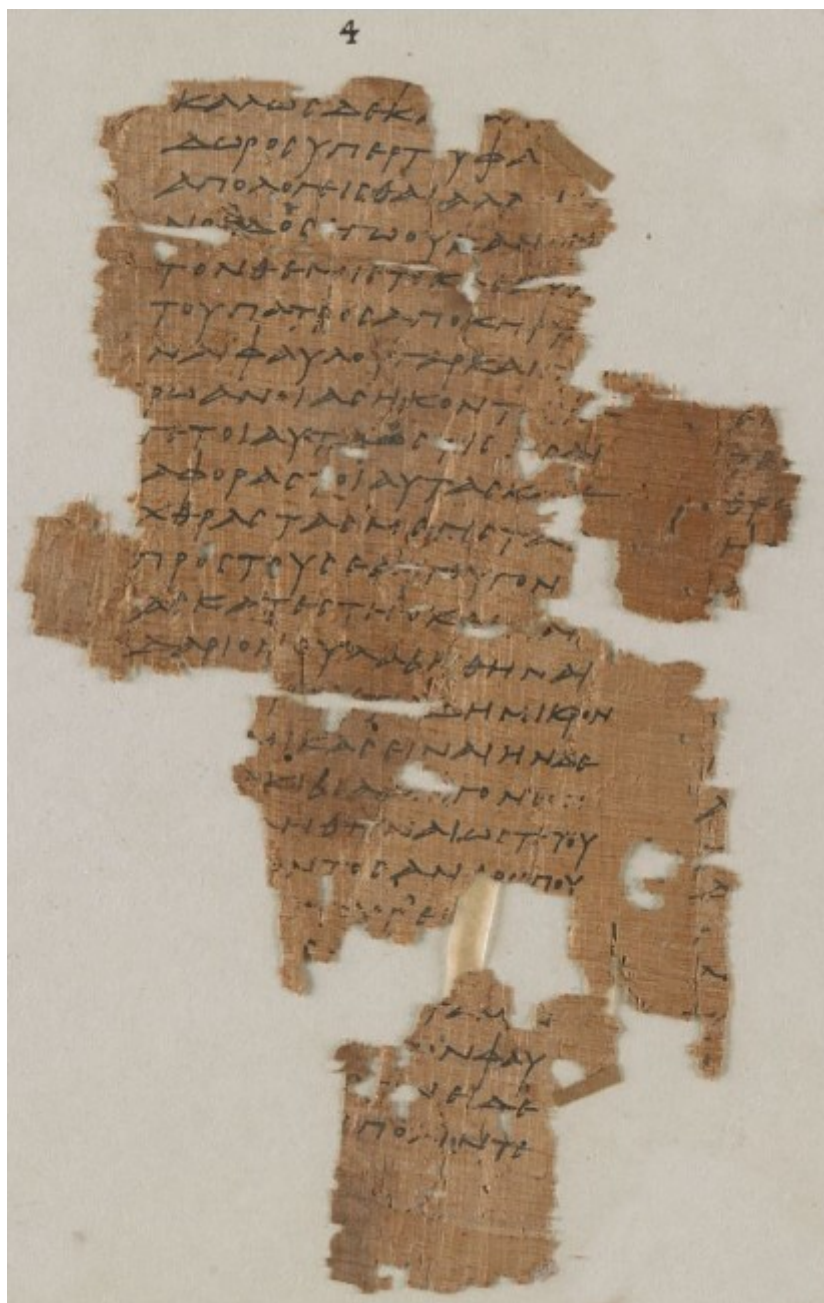
Fotografia da coluna I, frag. B, do *P.Oxy.* 1608, correspondente ao fragmento #17. Imagem retirada do site da *The British Library*, onde é catalogado como “Papyrus 2469”²¹⁵.



215 A imagem completa do papiro pode ser vista aqui: https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

Figura 4:

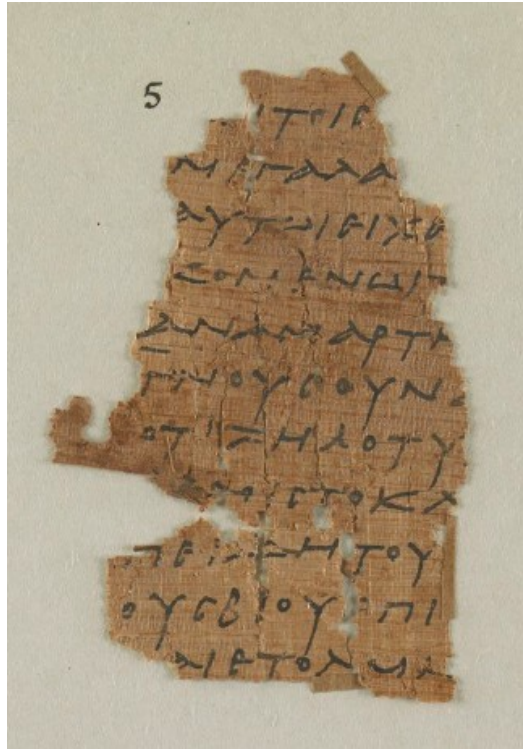
Fotografia da coluna I, frag. D, do *P.Oxy.* 1608, correspondente ao fragmento #18. Imagem retirada do site da *The British Library*, onde é catalogado como “Papyrus 2469”²¹⁶.



216 A imagem completa do papiro pode ser vista aqui: https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

Figura 5:

Fotografia da coluna I, frag. E, do *P.Oxy.* 1608, correspondente ao fragmento #19. Imagem retirada do site da *The British Library*, onde é catalogado como “Papyrus 2469”²¹⁷.

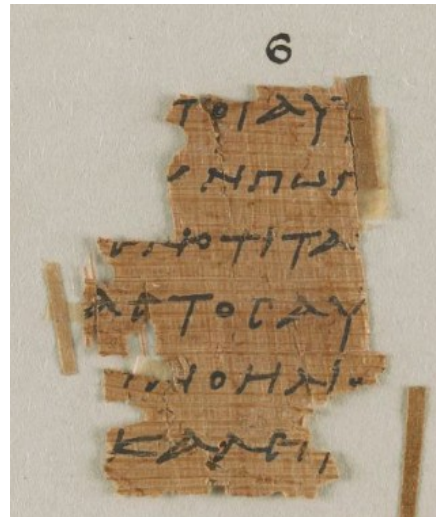


217 A imagem completa do papiro pode ser vista aqui: https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

Figura 6:

Fotografia da coluna I, frag. F, do *P.Oxy.* 1608, correspondente às linhas 7-9 do fragmento #9. Imagem retirada do site da *The British Library*, onde é catalogado como “Papyrus 2469”²¹⁸. O texto grego foi estabelecido em GRENFELL; HUNT, 1919, p. 91-92; ROSSETTI, 1989, p. 125.

ὦ Σώκρατες, τὰ τοιαῦτα
 εἰδέναι”. “ἤδη οὖν πόπο-
 τέ σοι ἐμέλης, ἐν ὅτι ταύ-
 της τῆς χώρας τοσαύ-
 της οὔσης ὅς, ἡν ὁ ἥλιος
 πορεύεται ἢ καλεῖται.”²¹⁹



218 A imagem completa do papiro pode ser vista aqui: https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Papyrus_2469.

219 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti.

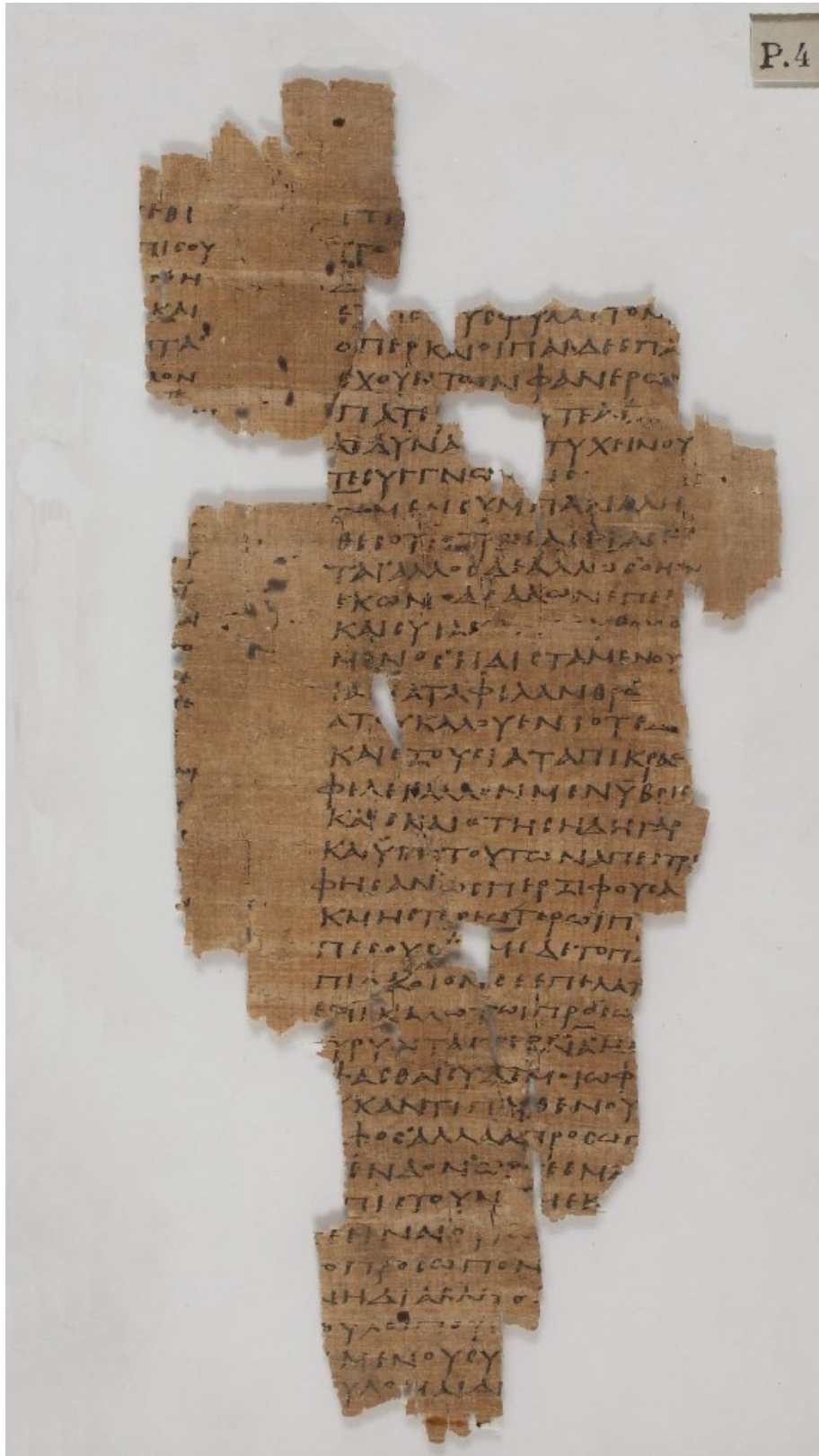
μονίους ἡγούμενος εἰ
 τοῦτω τὸ πῶλε κατα-
 στρέψαιτο ῥαδίως τοὺς

βουλεύεσθαι ἐκεῖνος πε-
 ριέσται, τὰ γε ἄλλα αὐτοῦ
 τοσαῦτα ὄντα, τὸ μέγεθος,
 οὐδὲν μέγα ἔμελλεν ὠ-
 φελήσειν. καὶ τοῦτο ἐγνώ-
 κει ἄρα ὅτι ὀποτέρων ἄν²²¹

221 Sigo o texto estabelecido, com as sugestões de leitura, do *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* de Rossetti.

Figura 8:

Fotografia do Papiro *Erlangen 7*, correspondente ao fragmento #22. Imagem retirada do site do *Papyrus Portal* da Universitätsbibliothek Leipzig, onde é catalogado como “*P.Erl.Inv. 4*”²²².



222 A imagem do papiro pode ser vista aqui: https://papyri-erlangen.dl.uni-leipzig.de/receive/ErlPapyri_schrift_00006480.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BABBITT, F. **Plutarch's Moralia**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927. v. 1
- BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, 1897.
- BARATIN, M. (ED.). **Priscien: Grammaire, Livre XVII, Syntaxe 1. Texte latin, traduction introduite et annotée par le Groupe Ars Grammatica**. Paris: Vrin, 2010.
- BASSETTO, B. F. **Cícero: Discussões Tusculanas**. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- BERRY, E. G. The Oxyrhynchus Fragments of Aeschines of Sphettus. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 81, p. 1, 1950.
- BLONDELL, R.; ORMAND, K. **Ancient Sex: New Essays**. Columbus: Ohio State University Press, 2015.
- BOTELHO, O. S. Da diké mística à dikaiosýne racional: a gênese e o desenvolvimento do conceito de justiça na Grécia Antiga. **Transições**, v. 2, n. 2, 22 dez. 2021.
- BOYS-STONES, G. R.; ROWE, C. J. **The circle of Socrates: readings in the first-generation Socratics**. Indianapolis, Ind: Hackett, 2013.
- BRANDÃO, J. L. Lógos e Palilogia na República de Platão. **Sapere Aude**, v. 2, n. 4, p. 20-37, 15 dez. 2011.
- BRITAIN, C.; BRENNAN, T. **Simplicius: On Epictetus Handbook 1-26**. London: Bloomsbury, 2002.
- CANFORA, L. **Ateneo: I deipnosofisti - I dotti a banchetto (Libri XII-XV)**. 1. ed. Roma: Salerno Editrice, 2001. v. 3
- CARVALHAR, C. **A caça à sabedoria: a *sophía* a partir d'Apologia de Platão**. Mestrado—Rio de Janeiro: UFRJ, 2020a.
- CARVALHAR, C. Anito e o suborno de jurados (*dekázein*) nos processos atenienses. **CALÍOPE: Presença Clássica**, v. 1, n. 40, 2020b.
- CEPKO, J.; KALAŠ, A.; SUVÁK, V. **Aeschinis Socratici Fragmenta**. Bratislava: Univerzita Komenského, 2021.
- CHAMBRY, É.; FLACELIÈRE, R. **Plutarque, Vies. Tome III: Périclès-Fabius Maximus. Alcibiade-Coriolan**. Paris: Les Belles Lettres, 1964.
- CHIRON, P. La poésie, modèle et repoussoir chez les théoriciens des caractères et des formes (ideai) du discours. Em: GUEZ, J.-P.; KASPRZYK, D. (Eds.). **Penser la prose dans le monde gréco-romain**. La Licorne. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2022. p. 57-68.
- CLERICUS, J. **Æschinis Socratici Dialogi Tres: Græce et Latine, ad quos accessit quarti Latinum Fragmentum**. Amsterdã: Petrus de Coup, 1711.

CRUCES, J. L. L.; DAROCA, J. C. **Máximo de Tiro: Disertaciones Filosóficas I- XII**. Madrid: Gredos, 2005a.

CRUCES, J. L. L.; DAROCA, J. C. **Máximo de Tiro: Disertaciones Filosóficas XVIII - XLI**. Madrid: Gredos, 2005b.

DAVIDSON, J. Gnesippus Paigniagraphos: The Comic Poets and the Erotic Mime. Em: HARVEY, D.; WILKINS, J. (Eds.). **The Rivals of Aristophanes: Studies in Athenian Old Comedy**. London: Classical Press of Wales, 2002.

DIAS, P. B. **Plutarco: Obras Morais**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

DICKEY, E. **Ancient Greek scholarship: a guide to finding, reading, and understanding scholia, commentaries, lexica, and grammatical treatises, from their beginnings to the Byzantine period**. New York ; Oxford: Oxford University Press, 2006.

DINDORF, W. **Aristides: Ex Recensione**. Hildesheim: Georg Olms, 1824. v. 3

DINDORF, W. **Aristides: ex recensione**. Leipzig: Reimer, 1829. v. 1

DINUCCI, A. L.; JULIEN, A.; HIERÁPOLIS, E. DE. O Encheirídion de Epicteto: Edição Bilingue. **Prometheus - Journal of Philosophy**, 2012.

DITTMAR, H. **Aischines von Sphettos: Studien zur Literaturgeschichte der Sokratiker**. New York: Arno Press, 1976.

DORANDI, T. Review. **Elenchos**, v. 40, n. 1, p. 223-234, 1 ago. 2019.

EHRENHEIM, H. Causal explanation of disease in the iambata of Epidauros. **Kernos. Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique**, n. 32, p. 101-118, 1 dez. 2019.

EL MURR, D. **Aristotle on the Socratic dialogue**. (International Society for Socratic Studies, Ed.) 22 dez. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WWEVXEeE0vU>>. Acesso em: 7 maio. 2023

FARIA, E. **Dicionário Latino - Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2021.

FIALHO, M. DO C.; RODRIGUES, N. S. **Plutarco: Vidas Paralelas - Alcibíades e Coriolano**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

FIELD, G. C. **Plato and His Contemporaries: A Study in Fourth-century Life and Thought**. London: Routledge, 2012.

FISCHER, J. F. **Aeschinis Socratici Dialogi Tres: In usum scholarum de novo editit**. Leipzig: Crulliana, 1753.

FORD, A. L. ΣΩΚΡΑΤΙΚΟΙ ΛΟΓΟΙ in Aristotle and Fourth-Century Theories of Genre. **Classical Philology**, v. 105, n. 3, p. 221-235, 2010.

FREITAS, G. A. DE. **Sobre o estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado)**. Dissertação. Dissertação—Belo Horizonte: UFMG, 2011.

- FROMMEL, W. **Scholia in Aelii Aristidis sophistae Orationes Panathenaicam et Platonicas**. Frankfurt: Broenneri, 1826.
- FUEYO, L. A. L. **Elio Aristides: Discursos II**. Madrid: Gredos, 1997a.
- FUEYO, L. A. L. **Elio Aristides: Discursos IV**. Madrid: Gredos, 1997b.
- GARCÍA LÓPEZ, J. **Demetrio: Sobre el estilo, Longino: Sobre lo Sublime**. Madrid: Gredos, 1979.
- GASCÓ, F.; VERGER, A. **Elio Aristides: Discursos I**. Madrid: Gredos, 1987.
- GIANNANTONI, G. **Socratis et Socraticorum reliquiae**. Napoli: Bibliopolis, 1990a. v. 4
- GIANNANTONI, G. **Socratis et Socraticorum reliquiae**. Napoli: Bibliopolis, 1990b. v. 2
- GIANNANTONI, G. **Socratis et Socraticorum reliquiae**. Napoli: Bibliopolis, 1990c. v. 1
- GONZÁLEZ, A. M. **Cicéron: Disputaciones tusculanas**. Madrid: Gredos, 2006.
- GRENFELL, B. P.; HUNT, A. S. **The Oxyrhynchus Papyri: Part XIII**. London: Egypt Exploration Fund, 1919.
- GRIMAL, P.; CART, A.; LAMAISON, J.; NOIVILLE, R. **Gramática Latina**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- GRUBE, G. M. A. **A Greek critic: Demetrius on style**. Toronto: University of Toronto Press, 1961.
- HADOT, I. **Simplicius: Commentaire sur le Manuel d'Épictète. Introduction et édition critique du texte grec**. Leiden: Brill Academic Publishers, 1996.
- HANSEN, J. A. Educando príncipes no espelho. **Floema Especial**, v. 2, n. 2, p. 133-169, 2006.
- HENDERSON, J. **The Maculate Muse: Obscene Language in Attic Comedy**. 2^a ed. New York: Oxford University Press, 1991.
- HERMANN, K. F. **Disputatio de Aschinis Socratici reliquiis**. Göttingen: Officina Academica Dieterichiana, 1850.
- HERTZ, M. (ED.). **Grammatici Latini: Prisciani Institutionum Grammaticarum - Libri XIII-XVIII**. Leipzig: Teubner, 1858.
- HIPÓCRATES. **Textos hipocráticos o doente, o médico e a doença**. Tradução: Henrique F Cairus; Tradução: Wilson Ribeiro Jr. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- HORREUS, P. **Æschinis Socratici Dialogi Tres. De novo recensuit, vertit, et animadversionibus suis auxit Petrus Horreus**. Leeuwarden: Franciscus Halma, 1718.
- HUMBERT, J. **Socrate et les petits socratiques**. Paris: Presses Universitaires France, 1967.
- IRIGOIN, J. **Le Livre grec des origines à la Renaissance**. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2001.

- JACOBY, F. **Atthis the Local Chronicles of Ancient Athens**. Oxford: Clarendon Press, 1949.
- JAŹDŹEWSKA, K. **Greek Dialogue in Antiquity: Post-Platonic Transformations**. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- JIMÉNEZ, A. P.; ORTIZ, P. **Plutarco: Vidas paralelas III**. Madrid: Gredos, 2009. v. 3
- JOUANNO, C. Thémistocle, nouvel Ulysse ? **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**, v. 1, n. 1, p. 51-71, 2018.
- KAHN, C. H. **Plato and the Socratic Dialogue: The Philosophical Use of a Literary Form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- KRAUSS, H. **Aeschinis Socratici Reliquiae edidit et commentario instruxit Heinrich Krauss**. Leipzig: Teubner, 1911.
- LAÉRCIO, D. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- LAMBERT, S.; BLOK, J. The Appointment of Priests in Attic Genē. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, v. 169, p. 92-121, 2009.
- LEME, O. **Santo Agostinho: A Cidade de Deus: Parte II (Livros XI a XXII)**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- LENZ, F. W.; BEHR, C. A. P. **Aelii Aristidis opera quae exstant omnia, vol. 1: Orationes I - XVI**. Leiden: Brill, 1976.
- LEVINE, P. **Augustine: City of God, Volume IV Books 12-15**. Cambridge: Harvard University Press, 1966.
- LEWIS, C. T.; SHORT, C.; FREUND, W. **Latin Dictionary**. Revised ed. Oxford: Oxford University Press, 1956.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. **A Greek-English Lexicon: With a Revised Supplement**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LUZ, M. The Erlangen Papyrus 4 and Its Socratic Origins. **The International Journal of the Platonic Tradition**, v. 8, n. 2, p. 161-191, 20 ago. 2014.
- LYRA, A. Um enfoque conversacional do diálogo entre Sócrates e Céfalo em *A República* de Platão. Em: HADDAD, A. B.; ARAÚJO, C. (Eds.). **A República de Platão: Companion em Homenagem a Maria das Graças de Moraes Augusto**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2022.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. DE M. **Dicionário Grego-Português**. Edição em volume único ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.
- MALLET, J. A. The notion of theia moira in Aeschines of Sphettus' fragments. Em: STAVRU, A.; LUISE, F. (Eds.). **Socratica III: Studies on Socrates, the Socratics, and the ancient Socratic literature**. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2013.
- MÁRSICO, C. **Socráticos: Testimonios y Fragmentos: Antístenes, Fedón, Esquines y Simón**. Buenos Aires: Losada, 2014. v. 2

MÁRSICO, C. Shock, Erotics, Plagiarism, and Fraud: Aspects of Aeschines of Sphettus' Philosophy. Em: STAVRU, A.; MOORE, C. (Eds.). . **Socrates and Socratic dialogue**. Boston: Brill, 2018.

MÁRSICO, C. Francesca Pentassuglio, Eschine di Sfetto. Tutte le testimonianze. **Philosophie antique. Problèmes, Renaissances, Usages**, n. 19, p. 183-186, 31 out. 2019.

MARTIN, R. P. Hesiod, Odysseus, and the Instruction of Princes. **Transactions of the American Philological Association (1974-)**, v. 114, p. 29-48, 1984.

MEILLIER, C. P. Lille 70, 85, 86 et 114, 88, 127, 101. **Cahier de recherches de l'Institut de papyrologie et d'égyptologie de Lille - CRIPEL**, v. 5, p. 351-384, 1979.

MERKELBACH. II. REFERATE. v. 16, n. Jahresband, p. 82-142, 1 jan. 1958.

NAILS, D. **The people of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics**. Indianapolis: Hackett Pub, 2002.

OBSIEGER, H. Bemerkungen zu der Liebesprosa auf P. Erl. 4 = Nr. 7 Schubart. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, v. 162, p. 85-86, 2007.

OLSON, D. **Athenaeus Naucratis, Deipnosophistae, Vol. IV Libri XII-XV; Epitome**. Berlin: De Gruyter, 2020.

OSBORNE, R. The Erection and Mutilation of the Hermai. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, n. 31 (211), p. 47-73, 1985.

PAPE, W. **Handwörterbuch der griechischen Sprache**. Braunschweig: Friedr. Vieweg & Sohn, 1866.

PAȘCALĂU, G. Honig und Milch aus vertrockneten Brunnen Eine dionysische Metapher bei Platon und Aischines von Sphettos. Em: STAVRU, A.; LUISE, F. (Eds.). . **Socratica III: Studies on Socrates, the Socratics, and the ancient Socratic literature**. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2013.

PENTASSUGLIO, F. **Eschine di Sfetto: Tutte le testimonianze**. Turnhout: Brepols, 2017a.

PENTASSUGLIO, F. Eschine di Sfetto: alcune nuove testimonianze. **Méthexis**, v. 29, n. 1, p. 59-88, 1 mar. 2017b.

PEPE, L. Nomos agraphos, nomos gegrammenos. Osservazioni su 'leggi non scritte' e 'leggi scritte' nell'ordinamento ateniese. **Rivista di Diritto Ellenico**, v. 7, p. 109-137, 2017.

PERRIN, B. **Plutarch's Lives**. Cambridge: Harvard University Press, 1916. v. 4

PLATÃO. **A República: ou Sobre a Justiça, Diálogo Político**. Tradução: Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2ª edição ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RADERMACHER, L. (ED.). **Demetrii Phalerei qui dicitur de elocutione libellus**. Stuttgart: Teubner, 1967.

RAGUSA, G.; SENA, J. Corina: uma voz feminina da poesia grega antiga e suas canções. **Translatio**, n. 18, p. 3-16, 2019.

RENAUD, F.; TARRANT, H. **The Platonic Alcibiades I: The Dialogue and its Ancient Reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

ROBERTS, W. On Style. Em: PAGE, T. E.; CAPPS, E.; ROUSE, W. H. D. (Eds.). . **Poetics. Longinus: On the Sublime. Demetrius: On Style**. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

ROSSETTI, L. **Corpus dei papiri filosofici greci e latini Testi e lessico nei papiri di cultura greca e latina. Parte I: Autori noti. 1. I filosofi. II (Demetrius Phalereus - Musonius Rufus) | Casa editrice Leo S. Olschki**. Firenze: Leo S. Olschki, 1989. v. 1

ROSSETTI, L.; ESPOSITO, A. Socrate, Alcibiade, Temistocle e i “Dodici dèi”. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, v. 54, p. 27-35, 1984.

SAUNDERS, T. J. **Early Socratic Dialogues**. London: Penguin, 1988.

SCHUBART, W. Die griechischen Papyri der Universitäts-Bibliothek in Erlangen. **Archiv**, v. 14, n. Jahresband, p. 99-102, 1 jan. 1941.

SCHUBART, W. **Die Papyri der Universitätsbibliothek Erlangen mit einem Faksimile**. Leipzig: Otto Harrassowitz, 1942.

SMYTH, H. W. **Greek Melic Poets**. London: Macmillan, 1900.

SMYTH, H. W. **A Greek Grammar for Colleges**. New York: American Book Company, 1920.

TARRANT, H. Improvement by Love: From Aeschines to the Old Academy. Em: JOHNSON, M.; TARRANT, H. (Eds.). . **Alcibiades and the Socratic lover-educator**. Bristol: Bloomsbury Academic, 2012.

THOMPSON, E. M. **Handbook of Greek and Latin palaeography**. London: Trübner, 1893.

TIELEMAN, T. **Chrysippus' on Affections: Reconstruction and Interpretations**. Leiden: Brill Academic Publishers, 2003.

TODD, S. C. **Lysias**. Austin: University of Texas Press, 2000.

TRAPP, M. **Orations, Volume II**: Cambridge: Harvard University Press, 2021.

TRAPP, M. B. **Maximus Tyrius: Dissertationes**. Stuttgart: Teubner, 1994.

TRNKA-AMRHEIN, Y.; MILLER, TH. Anonymous, on Plato's Dialogues (P.Oxy.XLV3219). Em: JACOBY, F. (Ed.). . **Die Fragmente der Griechischen Historiker Continued**. Leiden: Brill, 2019. v. IV A Fascicle 8.

TURNER, E. G. **Greek Manuscripts of the Ancient World**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

TURNER, E. G. **Greek Papyri: An Introduction**. Princeton: Princeton University Press, 2016.

VERSNEL, H. Great Hermes. Em: **Tracking Hermes, Pursuing Mercury**. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 1-23.

YANES, E. S. *Premessa. Em: Prisciani Caesariensis Ars. Liber XVIII. Pars altera, 2: Commento.* Frankfurt: Weidmann, 2017. p. v-vii.

YONGE, C. D. *The Deipnosophists or Banquet of the learned of Athenaeus.* London: H.G. Bohn, 1854. v. 3